

Herculano Vilas-Boas *n/71*

Este exemplar é a redação final da tese  
defendida por *Herculano Vilas-Boas*

*Gonçalves*

e aprovada pela Comissão Julgadora em

*21, 11, 94.*

*Vera Maria Chalmers*  
PROFA. DRA VERA MARIA CHALMERS

## O FIM DA CIVILIZAÇÃO

— A filosofia de Oswald de Andrade —

(Tupi or utopia, dad is the question:

Dez galáxias das visões de uni-versos oswaldianas)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de  
Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)  
da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Orientadora: Vera Maria Chalmers *t*

*dra-chalmers, Vera M. (Vera maria)*

Apoio: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Fundação de Amparo ao Ensino e à Pesquisa (FAEP-Unicamp)

Campinas

1994

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

11/10/94

INDICEI. A CIVILIZAÇÃO

1. Rumo à crise da filosofia messiânica	1
2. A dimensão poética	10
3. Do poema filosófico à filosofia poética	20
4. Formas oswaldianas	29
5. Ser ou ter	39

II. A CULTURA

6. O eterno retorno da utopia	58
7. O eterno retorno do tupi	69
8. No matriarcado de Pindorama	84
9. A construção dialética do novo mundo	96
10. Tempos livres	106
Notas	175
Bibliografia	192

"No mundo supertecnizado que se anuncia, quando caírem as barreiras finais do Patriarcado, o homem poderá cevar a sua preguiça inata, mãe da fantasia, da invenção e do amor. E restituir a si mesmo, no fim do seu longo estado de negatividade, na síntese, enfim, da técnica que é civilização e da vida natural que é cultura, o seu instinto lúdico. Sobre o Faber, o Viator e o Sapiens, prevalecerá então o Homo Ludens. À espera serena da devoração do planeta pelo imperativo do seu destino cósmico."

"é a seguinte a formulação essencial do homem como problema e como realidade:

1º termo: tese — o homem natural

2º termo: antítese — o homem civilizado

3º termo: síntese — o homem natural tecnizado"

(Oswald de Andrade, A crise da filosofia messiânica, p. 14 e 8)

"Tupi, or not tupi that is the question."

(Oswald, "Manifesto antropófago", § 3)

sob o signo do matriarcado  
 sob as ordens de mamãe  
 à mamãe  
 e às mães

## I. A CIVILIZAÇÃO

"crônica

Era uma vez

O mundo"

(PC 171)<sup>1</sup>

### 1. Rumo à crise da filosofia messiânica

"a minha finalidade é a crítica"(EP 44)

"caçar da filosofia é verdadeiramente filosofar"  
(Pascal, EP 118)

Em 1950, ano d'A crise da filosofia messiânica, prossegue a guerra fria e inicia-se a guerra quente na Coréia. Nos Estados Unidos, o macartismo realiza perseguições políticas contra artistas que trabalham nos meios de comunicação de massa. Na União Soviética tem continuidade o "realismo socialista" oficial, tradução cultural do "socialismo real" de Josef Stálin. É um tempo hostil para a literatura e a arte. As atrocidades da segunda guerra mundial ecoam nos espíritos. Na França, o existencialismo preenche os espaços antes ocupados pelo surrealismo. Em 1948, em seu Que é a literatura?, Jean-Paul Sartre reclama o engajamento do prosador. Em 1949, Theodor Adorno afirma: "depois do que se passou no campo de Ausch

witz, é coisa bárbara escrever um poema" (1962b:29; 1977:30).<sup>1</sup> Oswald resiste a esse veredito: em 1950, conclui seu carnavalesco poema O santeiro do mangue, só editado em 1991. Mas, em sua fome antropofágica de universo (como o Apollinaire que bebia o universo), sente-se cada vez menos confortável em sua condição de artista. Seu surrealismo antropofágico, com raízes no Brasil, de 1928, torna-se existencialismo brasileiro do pós-guerra.<sup>2</sup> 1950 é o ano de seu salto participante, do pulo da onça para a prática teórica e política: com A crise, almeja a cadeira de filosofia na USP; como candidato do trabalhador intelectual, lança-se à cadeira de deputado federal. Duas derrotas: não tendo formação filosófica, não pôde concorrer na USP.

Oswald pensador não surgiu n'A crise. Em 1922, o modernismo brasileiro já possui implicações filosóficas: representa uma tentativa de resgatar as raízes da cultura brasileira (veja a conferência de Oswald na Sorbonne, em 1923: "O esforço intelectual do Brasil contemporâneo", EP 29-38). Essa tentativa levará o poeta a duas grandes reflexões: os manifestos pau-brasil (1924) e antropófago (1928). O "Manifesto antropófago" é poema em prosa, poema filosófico que encontra sua tradução para o reino do pensar sistemático n'A crise. A tese de '50 não é metáfora lancinante como o manifesto de '28, que golpeia desde o título, convidando-nos a um reiterado ato falho diluidor (Freud, 1987): onde se lê "Manifesto antropófago", costumamos ler "Manifesto antropofágico". É certo que nosso autor é antropofágico, e não antropófago, mas em sua radicalidade devoradora de nossas raízes ele se permite, como Maiakóvski e os cubo-futuristas (Teles, 1977), a bofetada no gosto público, na ideologia contra-utópica (Mannheim, 1972).

O antropófago dos anos '20 deixou marcas profundas no antropofágico ensaísta da Crise. Tese e manifesto se abrem com a metáfora maior do acervo oswaldiano, a antropofagia. O manifesto se divide em 52 parágrafos. A tese compõe-se de 48 blocos atítulos separados pelo espaçamento: também em seus ensaios Oswald utiliza-se da montagem cinematográfica que seus romances inauguraram entre nós, conferindo um aspecto fragmentário à sua investigação teórica, a seu pensar sistemático.

Também a bibliografia da Crise é antropofágica: 298 títulos, dos velhos gregos (a infância da humanidade) à filosofia de Jean-Paul Sartre, à antropologia de Lévi-Strauss, incluindo as "Obras" de quinze autores (Aristóteles, Bergson, Giordano Bruno, Descartes, Engels, Freud, Hegel, Kant, Lênin, Marx, Nietzsche, Ortega y Gasset, Bertrand Russell, Stálin, Voltaire), que nos levariam a cerca de 500 títulos de livros. Mas nosso filósofo-poeta (ou melhor, poeta-filósofo) não é um pensador especializado, daqueles que tudo sabem de seu objeto e tudo ignoram do universo enciclopédico, e que analisam calmamente os textos de sua disciplina. Inimigo da divisão de trabalho, afirma: "Não posso conceber o afastamento do escritor do convívio dos cientistas" (EP 57). Homem de ação, seus atos filosóficos são obra de repórter, que busca em suas relações sociais o grande debate das idéias. Nada menos livreco que o surgimento da antropofagia num restaurante paulistano, na boemia anterior ao 1929 de Wall Street (Bopp, 1977; Aracy Amaral, 1975). Poderia-se afirmar que o existencialismo sartreano nasceu nos cafés da Rive Gauche, mas Sartre era um pesquisador sistemático da filosofia, dedicando anos à leitura de Heidegger. Segundo Sartre, compreender um texto é transformar-se, ir além de si mesmo (1960), transcender-se. Oswald é "o artista com sua pré-ciência intuitiva" (EP 148), ainda

que tenha lido O ser e o nada sartreano com vagar e calma (Candido, 1970), buscando no existencialismo fontes para sua devoração da vida: "A vida é devoração pura." (CFM 5s)

Nada mais estranho que uma tese de filosofia iniciar-se com o elogio da antropofagia ritual. (O estranho, o estranhamento é um recurso comum ao Serafim Ponte Grande, ao teatro de Oswald e ao de Brecht.) O filósofo-poeta espanta pela radicalidade, mostrando como fratura exposta raízes que ninguém quer lembrar, relegadas ao inconsciente: nada menos que nossa ascendência canibal. Dessa forma, ele abre um abismo entre sua prática teórica e a expectativa que seu leitor teria de um filosofar comum e muito bem comportado. (No exemplar de Sérgio Buarque de Holanda, a única anotação está na primeira página.) Seu pensamento está em diálogo com a filosofia contemporânea, com a negatividade de Marx, Nietzsche, Freud, Sartre — e com a dos frankfurtianos que ele não teve tempo de conhecer. (O primeiro contato entre o Brasil e Benjamin-Adorno-Marcuse foi provavelmente o encontro de Roberto Schwarz e Marcuse, nos Estados Unidos, em 1962.) Sua visão de universo está em comunicação com os filósofos radicais do século 1850-1950. Mas, a rigor, apenas três leitores se debruçaram sobre os ensaios filosóficos oswaldianos: Luís Washington Vita, Benedito Nunes e o francês Pierre Furter.

A importância de Oswald pensador é dupla. De um lado está o intelectual orgânico da utopia a buscar desenvolver uma commovisão local, portanto universal.<sup>3</sup> Depois de devorar o universo das idéias, ele procura dar-lhe uma feição própria, extremamente pessoal (seu modo de ser extático, carnalizante, epicurista e, dialeticamente, também estóico) e nacional (o índio, "a única coisa que é nossa", como passado presente e

futuro). De outro lado está o artista a reclamar a compreensão de sua visão de mundo, que neste caso feliz está explícita (e implícita, pois a obra transcende o autor) em seus ensaios. Ambos violando "as fronteiras que separam o literato do filósofo", nas palavras de Adorno (1962b:248; 1977:242), para quem "é preciso, para compreender uma obra literária, 'ultrapassá-la na direção da filosofia'" (Marcuse, 1979:27).

A crise da filosofia messiânica não é pesquisa e exposição científica a partir da observação desinteressada de seus objetos. Pertence ao campo da utopia, não da sociologia. É visão pessoal de cosmos em que os objetos parecem se ajustar à totalização a priori do sujeito. Seu compromisso não é com o passado e o presente descritos exatamente, mas com o futuro imaginado poeticamente, com o passado edênico perdido, com o reino da liberdade redescoberto. A crise não é poesia, não é composta em versos como a Natureza de Lucrecio, o epicurista, nem sistema de metáforas plásticas que abolem o conceito. Mas seus temas são poéticos: Eros, antropofagia, paraísos, existência, êxtase, matriarcado, ócio, dimensão estética, utopia. Como se fosse o "Albatroz" de Baudelaire, Oswald eleva-se do chão prosaico da ciência antropológica rumo aos céus do poeta/profeta, semáforo da sociedade a re-velar o ser, o reino da liberdade e do prazer. "Suas asas de gigante o impedem de andar" na realidade prosaica, levando-o a voar pelo reino encantado do princípio de prazer.

Hiperbólico, ele parece exagerar a verdade de dois conceitos fundamentais em sua tese: a antropofagia e o matriarcado. A quem estiver interessado em fatos, aconselharia a leitura da mais recente antropologia.<sup>4</sup> Aqui estamos no campo da mais recente antropofagia, no reino da fantasia, invenção e amor

(CFM 14), da imaginação de Oswald de Andrade, homem cordial (AA) que nos oferece uma utopia cordial. Pensadores como Bloch (1979) e Marcuse (1969a:14) destacaram a importância da utopia e de suas relações com a ciência. Não vivemos mais os tempos positivos de Engels, em que o utópico deságua no científico e é superado por este (Engels, 1972, 1945). Após o desencantamento do mundo reiterado pelos soviéticos, desencantamento que Oswald sentiu agudamente, é preciso que a imaginação não apenas preceda, mas também suceda a ciência, marcando com sua negatividade o reino positivo do ter e intuindo formas de superação do homem civilizado (CFM 8).

A crise é uma aventura do espírito arriscada. Como em sua poesia em versos e na imensa "poesia desarticulada das 'memórias sentimentais'" (TEL 48) e de Serafim, Oswald propõe-se a superar os limites demarcados pelos que tomaram a palavra antes dele e a avançar para além do trapézio sem rede. Se tudo está dito, a poesia é o dizer do indizível, a fala do inefável. "Um passo além de Sartre e de Camus. A antropofagia." (EP 285) (Da mesma forma, duas décadas antes, a Revista de antropofagia proclamava: depois do surrealismo, só a antropofagia.) Seu ser em ação extática parecerá ainda mais quixotesco num país em que a maior parte do filosofar se resume ao comentário de textos estrangeiros. "Porque basta de autenticidade enlatada, basta de filosofia de importação!" (EP 134) Ele deseja uma filosofia brasileira, o que não significa a recusa do pensamento universal. Ao contrário, o bom antropófago é aquele que devora criticamente todo o universo das idéias, dos pré-socráticos a Jean-Paul Sartre. Mas devora também as raízes perdidas de seu ser-aquí, nacional e local, forma consciência que devora o inconsciente coletivo

plasmado pelo índio, pelo negro e pelo português, desenvolvendo uma visão de mundo local/universal.

Se a antropofagia de 1928 era resposta ao surrealismo e busca de ultrapassá-lo, a de 1950 é o mesmo em relação ao existencialismo, particularmente ao de Sartre. Os surrealistas buscaram estender a dimensão estética à totalidade, abolir a divisão entre vida e poesia. Sartre buscou estender o existencialismo filosófico à totalidade da existência. Os primeiros partem da arte rumo à vida, transformam a vida em experiência conforme à estética, em existência estética. Sartre parte da existência rumo à arte. Nele, o filósofo precede o artista. Ele refaz o caminho do campo heideggeriano, que parte do filosófico rumo ao poético (Nunes, 1986). Surrealismo e existencialismo são movimentos que abarcam tanto o estético quanto o filosófico, buscando preencher a totalidade da vida. Há uma filosofia surrealista nos manifestos de Breton e em Bachelard, assim como há uma literatura existencialista desde os romances de Sartre até aos pragmáticos Estados Unidos (Finkelstein, 1969). Ambos os movimentos dissolvem a divisão entre teoria e prática: inscrevem-se na práxis, daí suas inevitáveis ligações com a filosofia da práxis.<sup>5</sup>

No Brasil, não houve melhor destinatário desses movimentos que Oswald de Andrade e suas poderosas antenas intuitivas. Ele é, talvez, nosso primeiro surrealista (RA) e nosso primeiro existencialista sartreano (Candido, 1970). O modo de ser extático e a visão de mundo libertária de Oswald não concebem divisão entre vida e obra, como percebe Antonio Candido nas primeiras palavras de seu interessantíssimo "Prefácio inútil" às memórias e confissões oswaldianas de Um homem sem profissão:

"Um escritor que fez da vida romance e poesia, e fez do romance e da poesia um apêndice da vida, publica as suas memórias. Vida ou romance? Ambos, certamente, pois em Oswald de Andrade nunca estiveram separados, e a única maneira correta de entender a sua vida, a sua obra e estas Memórias, é considerá-los deste modo."... (HSP xi)

O homem sem profissão, como os surrealistas, busca a estetização da existência e a vitalização da arte ("A poesia existe nos fatos", diz o MPB). Os gestos da vida cotidiana não devem desmentir os gestos literários, nem a arte desmentir a vida profunda, essencial, onírica, diversa da vida aparente de realistas que propunham a arte como cópia. Viver artisticamente, transformar o homem econômico em homem estético, é talvez a proposição básica, fundamental e mais lúcida de Oswald, como buscaremos demonstrar ao correr de nosso texto.

A crise é nosso ponto de partida. Não a resumiremos, na esperança de que nosso leitor a tenha percorrido (cerca de 50 páginas em Do pau-brasil à antropofagia e às utopias ou em A utopia antropofágica, 85 páginas na edição original do autor que utilizamos). Ela representa uma leitura extremamente original da história cultural, um gesto audacioso de poeta radical. Sua origem está na idéia de que a dialética da cultura e da história compreende uma tese — o matriarcado antropofágico do homem natural — e uma antítese — o patriarcado messiânico do homem civilizado. A crise da filosofia messiânica exprime a emergência de um mundo novo, a retomada da visão de universo antropofágica e matriarcal por um homem novo: o homem natural tecnizado. A história da civilização ocidental significa o processo de desenvolvimento do patriarcado

messiânico, de Sócrates a Stálin. A cultura matriarcal permanece subterrânea, até que em nossos tempos surgem condições para retomá-la. Estas condições encontrariam expressão no pensamento de Marx, Nietzsche, Freud e Sartre, mas seria preciso despi-los de suas heranças patriarcais.

Oswald começa pelas conclusões, demonstrando ser mais um poeta que um filósofo. Não é o exame da história que o leva às suas teses: é a intuição das teses que o leva ao exame da história. Ele parte do geral rumo ao particular, seguindo o caminho inverso ao da história marxiana. No entanto, as intuições dos poetas talvez tenham contribuído tanto para as transformações culturais quanto as demonstrações dos filósofos. Passemos, portanto, ao ser poético de Oswald.

## 2. A dimensão poética

### "escapulário

No Pão de Açúcar  
De Cada Dia  
Dai-nos Senhor  
A Poesia  
De Cada Dia"

(PB 75)

Em sua fome de universo, Oswald de Andrade cultivou o jornalismo, a crítica, a crônica, a poesia, o teatro, o diálogo, o diário, o romance, a conferência, o manifesto, o humor, a tese, a biografia, o ensaio... Não houve formas de letras que ele não praticasse, à exceção do conto. Mas ele é, em sua essência, um poeta. Esta essencialidade poética foi notada por Antonio Candido, em sua leitura dos romances oswaldianos:

"O tom melhor de Oswald implica a sua fusão com a poesia, sobretudo pela extensão de processos poéticos a contextos quaisquer. Sarcasmo-poesia, e não sarcasmo-sarcasmo." (1970:80)

Haroldo de Campos, lendo Miramar e Serafim, também percebeu "o espírito sintético de Oswald" (MS xli). Este espírito sintético faz o poeta converter tudo que toca em poesia, ou, se não tudo, ao menos a parte mais radicalmente viva de sua obra:

Miramar e Serafim, os manifestos, o teatro dos anos '30, a autobiografia (HSP) e alguns ensaios, além da poesia-poesia, a poesia em verso.

Um dos melhores poemas de Oswald é o romance Miramar. E aqui os destinos de Oswald e James Joyce se tocam: em Miramar (1924) e Finnegans Wake (1939), como em João Guimarães Rosa, a personagem principal é a linguagem, que semeia o prazer do texto; em Serafim (1933) e Ulisses (1922), as personagens são as técnicas do romance. Em Miramar, além da luta contra a sintaxe, luta criadora de novas lógicas (dialéticas), "o estilo telegráfico e a metáfora lancinante" (MS 10) — metáfora aqui entendida em seu sentido amplo, como figura de linguagem, incluindo a metonímia (Haroldo de Campos, 1967a:87-97), a sinédoque, a ironia —, o poético também aparece através do verso, da repetição e da aliteração:

"Braços de abraços desterrados que assobiam" (MS § 52), "um farol na noite enfarada" (§ 54), "coxas e cachos" (§ 60), "Triste tris-tris-tris-te" (§ 61), "a base de novas babéis" (§ 69), "sátiras à sociedade de de sátiros" (§ 72), "o roxo arroxa" (§ 74), "Coração esperançava esperançoso" (§ 92), "seus amores anteriores com pastores", "grande doce e carnosos grude dum grande beijo mudo como um surdo" (§ 131), "Ao longo do longo Viaduto bandos de bondes iam para as bandas da Avenida" (§ 132), "veludo verde, a bola de Madama Rocambola" (§ 134), "caminhões caminhantes", "vin-do voando" (§ 135), "Inventados inventários em maços de almoços" (§ 141), "E tia Gabriela sogra granadeira grasnou graves grosas de infâmias" (§ 143), "choque de cheque" (§ 152), "realização do Inachado, do

Irrealizável, do Incrível" (§ 155).

Se a poesia é a fala do inefável em palavras musicadas, musical figuração das coisas, música da linguagem, o som do signo, a linguagem que canta, Miramar é plenamente poético. O Finnegans wake também está pleno de redundâncias, consonâncias e ressonâncias, aliteraões de fonemas e de grafemas. Vejamos seu início:

"bend of bay, brings us by", "mishe mishe to tauf  
tauf thuartpeatricks", "were sosie sesthers wroth with  
twone nathandjoe. Rot a peck of pa's malt had Jhem  
or Shen", "The great fall of the offwall entailed at  
such short", "that the humptyhillhead of humself prump  
tly", "to the west in quest of his tumptytumtoes",  
"devlinfirst loved livvy", "gen wonts, oystrygods  
gaggin fishygods! Brékkek Kékkek Kékkek Kékkek! Kóax  
Kóax Kóax! Ualu Ualu Ualu! Quaouauh!", "Arms apeal  
with larms, appaling. Killykillkilly: a toll, a  
toll"...<sup>1</sup>

Tanto o Miramar quanto o Finnegans estão prenhes de processos poéticos. Repetem-se fonemas, grafemas, sílabas, palavras: a prosa deixa de ser prosaica para se transformar em canção. Naturalmente, o fato de a edição final do Finnegans suceder em quinze anos a do Miramar não significa nenhuma influência de Oswald sobre Joyce. As idéias estão-aí, para quem quiser captá-las. Não tínhamos em 1924 uma literatura de exportação, com capacidade de influir sobre os textos universais — como continuamos a não tê-la, setenta anos depois, apesar dos esforços de Oswald, Rosa e outros. E Finnegans é um desdobramento do

Ulisses, que antecede o Miramar.<sup>2</sup> Mas é significativo o fato de Oswald estar afinado com a trajetória da literatura universal, chegando em alguns momentos a anteceder-la. Compare-se, por exemplo, os finais de Serafim e de O amor nos tempos do cólera de Gabriel García Márquez.

O romance teria por futuro a poesia: os romances de vanguarda, a partir de Marcel Proust, em 1913, avançaram pela dimensão poética, ignorando as fronteiras entre os dois gêneros fundamentais, poesia e prosa. O melhor romance do século 20 deixou de ser lógico ("Por que o romance tornou-se esta forma quase universal da literatura? Porque ele responde ao apetite de lógica dos que o lêem". Nadeau, 1970:51), investindo contra a causalidade, o espaço e o tempo tradicionais, e é neste movimento, neste devir, que Joyce e Oswald se inscrevem. Eles introduzem o caos do século no tempo do romance, forma própria da burguesia em crise:

"O caos modernista e o caos social deram o Ulisses" (TEL 73); "o Ulisses é um marco onde termina o romance da burguesia", enquanto Serafim é o "gran-finale do mundo burguês entre nós" (PL 57 e 45).

O verdadeiro artista é o criador de utopias que se realizam. A conjunção poeta/profeta exprime um ser que está em consonância não apenas com seu momento (e com o passado da humanidade), mas igualmente com o amanhã, com o devir: semáforo da sociedade, ele adivinha o devenir e devém contemporâneo do eterno. Os clássicos do passado só estão vivos e são lidos enquanto falam a linguagem do futuro. O romance é expressão do herói problemático, do indivíduo isolado no seio

da sociedade burguesa. A partir de Proust, o artista do romance vivencia e vivencia a crise do herói problemático, do indivíduo isolado e do mundo burguês. Ele intui a possibilidade de uma forma estética de existência, para além da forma estritamente econômica em que floresceu o romance. Surge então novo gênero, para além da prosa e da poesia, a prosa, inaugurado no Brasil pelo Miramar, que terá seu melhor sucessor no Grande sertão ; veredas de Rosa.

Na primeira página do Grande sertão, um aforismo define o ritmo desse novo romance proético: "pão ou pães, é questão de opiniões". Alguns opõem a Rosa o argumento de que sua linguagem não é a língua real falada no grande sertão mineiro: a linguagem de Rosa é a linguagem do futuro, limpa das frases feitas que impedem um novo pensar, puras palavras da tribo. Ao artista cabe criar linguagens. Se Camões definiu a língua portuguesa, cabe ao poeta falar o inefável, contribuir para a revolução permanente de sua língua. Um crítico como Gilvan Ribeiro<sup>3</sup> combate a poeticidade do Grande sertão, que seria "metafísica". Melhor teria feito demonstrando as íntimas relações de Rosa com os pré-existencialistas que inspiraram o inconsciente e a ciência de Freud, ainda que o realismo-socialista prefira os reflexos condicionados de Pavlov. A partir de Freud, podemos ver o sertão como inconsciente, linguagem do inconsciente. E o inconsciente é meta-físico. Inconsciente e poesia têm em comum a abolição de tempo, espaço e causalidade tradicionais. A ciência de Freud e Einstein comprova os sonhos e o canto de Kant.<sup>4</sup> O novo romance proético significa um mergulho no inconsciente, nas raízes profundas do ser humano, e é aí que ele se funde com a poesia, superando a logicidade e

correspondendo à origem da dialética em Kant (CFM 61s).<sup>5</sup>

Se Oswald introduz o poético no prosaico, ele inicia sua poesia com o processo inverso, versificando fragmentos de textos dos cronistas. "A Poesia Pau Brasil, saída das mãos marujas do escrivão Caminha" (TEL 46), abre-se com "a carta lírica do escrivão de Cabral" (MU 213). Reconstruindo-a, Oswald realiza nova carta à Europa, anunciando a poesia-exportação. Esta busca de raízes culminará na descoberta de um novo Brasil, pré-colombiano e pré-cabralino, formado por dois pólos: o tupi e a utopia.

Seu primeiro livro de versos, Pau-Brasil (1925), é anunciado no ano anterior pelo manifesto que define sua poética. O "Manifesto da poesia pau-brasil" (DP, UA) é poema sobre a poesia, em estilo telegráfico, tão condensado que seria impossível resumi-lo, se o próprio Oswald não o tivesse sintetizado na "falação" que introduz o Pau-Brasil (PR 76s), em sua "realização do Inachado, do Irrealizável, do Incrível" (MS § 155). Em seu espírito absolutamente sintético, ele tem o dom de transformar telenovelas em videoclips, de captar as essências e medulas (Pound, 1970), de "Obter, em comprimidos, minutos de poesia" (Paulo Prado, PR 70), de expressar "o máximo com um mínimo de palavras" (Mário da Silva Brito, PL xvii). Seu minimalismo radical é criador dos menores poemas da língua, como a epígrafe da primeira parte de nosso texto ("crônica", PC 171) ou a epígrafe do Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade (PR 157):

"amor

humor"<sup>6</sup>

No breve ensaio que é nosso objeto primeiro, A crise da filosofia messiânica (ou segundo, pois o primeiro seria as epígrafes de nosso livro — CFM 14 e 8, MA § 3 —, o terceiro os ensaios de Oswald, o quarto suas obras completas: não em ordem cronológica, sucessiva, mas simultaneamente, em perspectiva), ele aborda em poucas páginas toda a história da filosofia (e das religiões), dos pré-socráticos aos existencialistas — aborda o espírito absoluto hegeliano, formado pela arte, religião e filosofia. Nas cinco páginas do manifesto pau-brasil ele telegrafia a essência de sua estética. Um poeta como Drummond confessa jamais ter escrito algo superior a dez páginas. Não por falta de fôlego: o poeta tem o dom de exprimir sua visão de mundo em tempo e espaço mínimos. Há poemas extensos como a dantesca Divina comédia, mas aí podemos encontrar a essência de toda a idade média e do futuro — o pássaro de minerva que canta ao pôr do sol, na metáfora hegeliana. Na fórmula feliz de Pound (1970:86), dichten = condensare, poetizar consiste em condensar.

"A poesia existe nos fatos. Os casebres de açafreão e de ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos." (MPB § 1)

Estas palavras abrem o manifesto pau-brasil, introduzindo-nos imediatamente na dimensão estética, para a qual converge toda a obra oswaldiana, incluindo sua filosofia. "A poesia existe nos fatos." Eis uma afirmação esteticamente revolucionária, consonante com as aventuras dadaístas e surrealistas. Contra o dualismo dos pré-modernismos parnasianos reinantes, que apartavam poesia e vida, Oswald proclama a unidade vida-poesia. O realismo iniciara a rebelião contra a divisão entre arte e

mundo vivo, mas fôra uma rebelião vã: o naturalismo unia o estético ao aparente, sem mergulhar nas essências, sem chegar ao surnaturalismo, ao <sup>irracional</sup> surrealismo de Bachelard e dos surrealistas. Os fatos de Oswald, mais que reais ou realistas, são surreais, super-reais, essenciais: "contra a cópia, pela invenção e pela surpresa" (MPB § 13). O fato de viver consiste em inventar e surpreender (fantasia, invenção e amor -- CFM 14): copiar a aparência das coisas é a morte da arte moderna.

Mais tarde, ao incorporar a dimensão Marx e a dimensão utópica, Oswald compreende que a favela não é um fato estético, mas anti-estético. Aqui e agora, no MPB, ele quer fazer uma arte vital, incorporando os fatos à poesia, fazer uma poesia de fato. Daí a irrupção do coloquial no coração de seus versos, irrupção desconcertante num ambiente limitado pela metrificacão, pela quantificação da qualidade poética. A introdução do coloquial na poesia brasileira é celebrada em poemas como "vício na fala" e "pronominais" (PB 89 e 125). A superação do abismo entre poesia e vida, entre língua cotidiana e linguagem poética, desconcerta até mesmo grandes poetas modernistas, que viram em Pau-Brasil "incerteza rítmica" ou "Excesso de liberdade" (Mário de Andrade e Drummond: Batista, 1972:227 e 239). Ao construir nova poesia, Oswald é o mais radical dos destruidores. Ao tomar como matéria-prima a fala do cotidiano, dessacralizou o objeto poético, tornou profano o que se revestia de uma aura (Benjamin, 1987, 1977). A linguagem baixa, escatológica, ocupa o espaço antes reservado ao solene, daí o efeito-humor de seus poemas.

Se a poesia existe nos fatos, é preciso que os fatos existam poeticamente. Nesta grande utopia reside a essência poética. Há muito em comum entre a poesia, a utopia e o sonho. Este trio é marcado pela negatividade ante a realidade vital

onde as quantidades prevalecem sobre as qualidades, o ter predomina sobre o ser, a alienação predomina sobre a liberdade. "Poeta nasceste compromissado com a liberdade" (EO 200). "Quando há contato entre o sonho e a vida tudo vai bem" (HC 187). É preciso existir poeticamente, utopicamente e oniricamente, mas o princípio de realidade sufoca o princípio de prazer na milenar sociedade messiânica e patriarcal. "O pensamento clássico faz fila para condenar o poeta" (TEL 158), de Sócrates a Jdanov na Rússia soviética.

Quando o poeta afirma: "— Eu sou um valor sem mercados" (MO 22), ele ecoa três pensadores fundamentais. "As condições gerais do tempo presente não são favoráveis à arte", disse Hegel (1972, I:44). "A produção capitalista é hostil a certos ramos da produção espiritual, como a arte e a poesia", acrescentou Marx (1974, I:241). "Nossa época sente ódio à arte": "Para ela tudo isto é 'poesia' estéril, diversão", assim falou Nietzsche (1974:34). O tempo presente é o tempo econômico por excelência. Todo tempo é convertido em tempo de mercado, de forma que as atividades não-econômicas, como a obra de arte, só sobrevivem enquanto vestem a roupa da mercadoria. A arte é rebaixada à condição de mercadoria, meio de reprodução do capital, deixando de ser um fim em si. Se a finalidade da arte deve ser a realização de si mesma, ela perde toda finalidade, torna-se meio, meia arte, engaja-se no capital e trata de ampliá-lo. Ao converter-se em mercadoria, ela se aliena e se coisifica.

A arte própria do tempo presente deixou de ser o cinema — a sétima arte — para tornar-se telenovela. Nela, o espectador passivo consome cerca de duzentas horas a imaginar que ainda existe vida além, pois sua própria vida é consumida em trabalho compulsório e bestificante, tão bestificante

a ponto de o espectador se ver obrigado a desperdiçar seu tempo de lazer em atitude absolutamente passiva, espiando uma arte que o descansa para a próxima jornada de trabalho, uma arte que embala, embalagem da propaganda e da mercadoria. A vida desse espectador veste a máscara da morte.

Mas a arte resiste. A poesia sobrevive em mãos rebeldes e náufragas como as de Oswald, exprimindo sua negatividade ante o tempo presente. Ela traz em si as imagens de um futuro liberado, e sua própria existência é um ato de acusação contra a economia da propriedade, a política do Estado e a falsa cultura da divisão de trabalho. "De modo que a poesia não é mais que um ato de amor" (EP 110), fantasia e invenção, protesto de Eros contra Tânatos, de amor contra a morte, do prazer contra a realidade, do sonho contra o vazio cotidiano, da utopia contra o aqui-agora. Mais que não-lugar, a utopia é não-aquí; mais que lugar algum, é o além onde cessam as contradições do presente (CFM 8). A poesia é a portadora da utopia: enquanto houver poesia, linguagem do futuro, haverá utopia.

Através da poesia, o utópico torna-se tópico, o inefável e o invisível são videnciados. Contra a realidade prosaica, a poesia nos revela uma super-realidade mágica, enraizada nos sonhos: poemas são sonhos reais. A realidade da poesia é superação do presente e promessa de novas realidades, para além da alienação psíquica e econômica.

### 3. Do poema filosófico à filosofia poética

"3 de maio

Aprendi com meu filho de dez anos  
Que a poesia é a descoberta  
Das coisas que eu nunca vi"

(PB 104)

No "Manifesto antropófago", Oswald viola as fronteiras entre o poético e o filosófico.

"Tupi, or not tupi that is the question." "Uma consciência participante, uma rítmica religiosa." "A magia e a vida." "A alegria é a prova dos nove." "No matriarcado de Pindorama." "Pelos roteiros. Acreditar nos sinais, acreditar nos instrumentos e nas estrelas." "A humana aventura. A terrena finalidade." (MA)

Se o manifesto pau-brasil exprime a visão poética de Oswald, aqui temos, em germen, sua visão de universo, sua filosofia poética traduzida em poema filosófico. Uma visão que não recua com sua adesão ao marxismo, em 1930, persistindo em seu teatro (RV, MO, HC) e seus romances (SPG, MZ). A partir de 1945, rompendo com o partido comunista oficial, sua visão antropofágica refloresce, torna-se a ocupação principal do homem sem profissão. Oswald deseja tornar-se um filósofo pro-

fissional, daí a tese A crise da filosofia messiânica. Na tese acadêmica, ele se despe de seus trajes poéticos, mas em vão: o poético constitui a essência de seu ser. Sobre a unidade profunda entre o manifesto de 1928 e a tese de 1950, a firma Lúcia Helena:

"O entendimento mais profundo do sentido da antropofagia na obra de Oswald de Andrade (nos manifestos, na poesia, na narrativa, no teatro e no ensaio) requer que se articulez, basicamente, dois de seus textos: o do Manifesto antropófago e um outro, praticamente desprezado pela crítica, e quase desconhecido atualmente, A crise da filosofia messiânica"  
 "Esse texto explicita muito do que, no manifesto, encontra-se apenas fragmentariamente sugerido." (Helena, 1983:111)

Mesmo impedido de defender sua tese (A crise), Oswald prossegue até ao final de sua vida elaborando textos antropofágicos-filosóficos, como a série de artigos A marcha das utopias (DP 145-228) e o ensaio O antropófago (AN, EP 233-284). Em 1954, final de sua vida, ele redige uma espécie de testamento, convidando seus herdeiros intelectuais a se debruçarem sobre a filosofia do homem primitivo, do índio (EP 231s). Os mitos pré-colombianos revestem-se de um aspecto mágico similar à poesia. Esses mitos e o canto nativo emergem no coração do "Manifesto antropófago". Os aforismos de Nietzsche também estão na raiz do manifesto. E Nietzsche inspirou-se nos pré-socráticos da Grécia dionisíaca, enquanto Oswald inspirou-se na cosmovisão dos pré-colombianos, os indígenas. Como nos mitos indígenas, nos pré-socráticos o cantar, o poetar e o filoso-

far mostram sua fonte comum. O manifesto é tecido de fragmentos, escombros de reflexões, como os aforismos pré-socráticos. Em ambos, a metáfora lancinante reveste de concreto o pensamento abstrato. A continuidade e permanência da metáfora conduzem à alegoria, como no tema antropofágico e no poema de Parmênides sobre o ser:

"Os cavalos que me conduzem levaram-me tão longe quanto meu coração poderia desejar, pois as deusas guiaram-me, através de todas as cidades, pelo caminho formoso que conduz o homem que sabe."...

(Bornheim, 1972:54)

Também a filosofia "é a descoberta/Das coisas que eu nunca vi" (PB 104), a descoberta do que não se mostra imediatamente à visão, do que não é físico, mas meta-físico. Em seus inícios, a filosofia não dispunha das ciências: ela é a mãe de todas as ciências. Sua fonte era a intuição, a pré-visão poética que lhe revelou verdades pelas quais cientistas foram condenados dois mil anos depois: "a Terra, sendo um dos astros, move-se circularmente em torno do centro, produzindo assim noite e dia", afirmavam os pitagóricos (Bornheim, p. 49). A Bíblia dos gregos era a Odisséia e a Ilíada, os poemas homéricos que encerravam os mitos de um povo órfico e dionisíaco (ver Carpeaux, 1959). "Homero, que recebeu uma natureza divina, construiu um cosmos de versos variados" (Bornheim, p. 106). Os gregos viviam uma atmosfera poética, bastante diversa do ambiente prosaico em que sobrevivemos, cuja Bíblia de fato é telenovela, cujos deuses são estrelas de TV.

Perguntado sobre os livros que o marcaram, Oswald afirma: "A Bíblia e o Manifesto Comunista tiveram sobre mim grande influência" (DD 121s). A Bíblia não deixou marcas apenas na fundamental religiosidade oswaldiana, em seu ser órfico, mas também em seu ser poético. Ela segue sendo o poema mais popular, freqüentemente o único contato entre povo e poesia, e, no caso de Oswald, certamente o primeiro contato. Em livros como o "Eclesiastes", o teológico se filtra e se purifica através dos processos poéticos, das redundâncias criadoras de uma linguagem que canta. (Um dos melhores oswaldianistas, Haroldo de Campos, retraduziu o "Eclesiastes" — não confundir com o "Eclesiástico".) O poema erótico "Cântico dos cânticos" sugere a Oswald sua obra homônima "para flauta e violão", em que a paixão amorosa se funde ao épico, o lírico se une ao participante.<sup>1</sup> A prosa poética da Bíblia é uma das fontes inspiradoras para a carnavalesca mistura de gêneros oswaldiana, para a unidade de poesia e prosa, de poetar e filosofar.

A primeira filosofia dos pré-socráticos é um ciclo que se encerra nos diálogos socráticos-platônicos. No "triste teatro de tese dos Diálogos" (CFM 30) dialógicos e dialéticos de Platão, ainda sobrevive a forma poética do filosofar. Platão é o último dos primeiros poetas-filósofos, ainda que o conteúdo moral de sua "poesia" seja uma condenação da própria poesia, que seria mentira segundo a utopia de A república — enquanto, segundo Poesia e verdade de Goethe e de Éluard, o poeta é aquele que não consegue mentir. Em Platão terminam Homero, Eros, Baco, Dionísio, Orfeu e a poesia, a fantasia, invenção e amor, e começa, em seus diálogos socráticos, a ideologia pós-socrática do patriarcado messiânico. Na dialética de Platão, a utopia é contra-utópica e antipoética.

Na dialética da técnica, "Um passo mais e Aristóteles lan

çará as bases da lógica clássica. Sem ela, não teria havido a ciência." (CFM 34s) Em Aristóteles desaparece a forma poética do filosofar e estabelece-se a forma lógica. A filosofia torna-se a analítica das cadeias de conceitos, deixando de ser a sintética metafórica. Ela já não é mais a irmã da poesia: é a mãe das ciências e, dialeticamente, filha da ciência, passando a proceder cientificamente. A forma racionalista, não intuitiva, desta nova filosofia e seu conteúdo messiânico são condenados por Oswald, que se identifica com a filosofia poética da intuição. O tema de A crise da filosofia messiânica é o conteúdo da filosofia, conteúdo patriarcal que exprime a sociedade patriarcal, em que imperam a família patriarcal, a propriedade e o Estado. No entanto, mais que o conteúdo, talvez o que seja mais adverso a Oswald na filosofia aristotélica (isto é, na filosofia lógico-científica, tecnológica, que persiste até agora) é a sua forma antipoética. Forma e conteúdo são inseparáveis: também seu conteúdo é antipoético, na medida em que se aparta das formas poéticas de existência dos primitivos, dos cantos e festas órficos que sobrevivem até aos pré-socráticos, na Grécia, e até aos pré-colombianos, na América. Não por acaso esta filosofia começou pela condenação do poeta, na República platônica. A vida deixa de ser festa permanente para tornar-se labuta, trabalho a ser messianicamente recompensado após a morte.

A crise da filosofia messiânica traz em si a possibilidade de novas filosofias, novamente enraizadas na forma e conteúdo poéticos. Depois do renascimento aristotélico, em Bacon e Descartes, o século 19 d.C. representa o início do renascimento pré-socrático. A primeira obra de Marx, tese de doutorado, tem por tema Demócrito e Epicuro (Epicuro revive

os pré-socráticos). Um passo adiante é dado por Nietzsche, que parte desta constatação: "A filosofia minimamente demonstrada de Heráclito tem um valor artístico superior a todas as proposições de Aristóteles" (1974:36). Nem só de razão vive o homem, mas também da intuição, eis a conclusão dos pré-existencialistas, de Nietzsche e Bergson, de Oswald e Rosa, de vanguarda européia (dadá e surreal) e modernismo brasileiro, de Freud (o consciente racional está aquém do inconsciente, da intuição). Até Hegel, tudo que é real é racional. Marx inverte Hegel: o que parece racional é irracional, o que parece irracional é racional. Marx faz uma leitura dialética da dialética hegeliana: pena que os marxistas não saibam fazer uma leitura dialética de Marx, à exceção dos marxianos e heterodoxos, como Oswald, Sartre e o big-BAM frankfurtiano (Benjamin, Adorno e Marcuse).

Os aforismos nietzscheanos revivem os fragmentos de Heráclito e Parmênides: veja o sétimo selo que encerra a terceira parte do Zaratustra:

"Se alguma vez descobri céus serenos sobre mim voando com as minhas próprias asas no meu próprio céu; se nadei, brincando, em profundos lagos luminosos; se a sabedoria alada da minha liberdade veio dizer-me: 'Olha! Nem para cima, nem para baixo! Arremesse-se à roda, para diante, para trás, leve como é! Cante! Não fale mais! Não são as palavras criadas para os que são lentos? Não mentem todas as palavras ao que é leve? Cante! Não fale mais!'

Como não hei de estar sôfrego pela eternidade, ansioso pelo nupcial anel dos anéis, pelo anel do

sucesso e do retorno?

Jamais encontrei mulher de quem quisesse ter filhos senão esta mulher a quem amo: porque a amo, eternidade!

Porque a amo, eternidade!" (1977:178)

É nesta filosofia plástica e metafórica que Oswald sente-se em seu elemento (o ar, o mar, a terra, o fogo): aos vinte anos, ele lê avidamente o Zaratustra, e o aponta como a primeira filosofia que o marca (DD 121). Uma vez realizada a ciência e a técnica, a filosofia pode retornar às suas fontes primordiais (enquanto o positivismo do gerente Engels imaginava o fim da filosofia, transtornada em ciência absoluta). Torna-se novamente possível filosofar poeticamente, enquanto a filosofia se emancipa da ciência. Positivistas acreditavam que a filosofia estava morta, transformada em ciência. A filosofia da natureza torna-se física, a filosofia da história torna-se sociologia. No entanto, o que morreu foi uma espécie de filosofar que ocupava o lugar da ciência. Com a emancipação do físico e do palpável, surge nova espécie de reflexão, próxima do poético. As reflexões de Nietzsche se realizam poeticamente. Nelas, o anel do eterno retorno chega à meta, unindo o pós-positivismo ao pré-socrático. O poeta Nietzsche intui o que, além, será demonstrado pela ciência: o reino do inconsciente de Freud, o big-bang da física (a sucessão de big-bangs, o universo em expansão e retração, o universo como pulsar — quase quasar, segundo Augusto de Campos, o ilógico do lógico concreto —, o universo como pulsar de corações é nada mais que eterno retorno). O verdadeiro caminho da filosofia e da poesia é abrir caminho para as ciências: o que está agora provado não foi antes senão imaginado, disse o visionário William

Blake. Em Nietzsche, a filosofia torna-se forma de poesia: gaia ciência, alegre ciência.

A partir de Nietzsche, o pensamento filosófico pode ser levado a suas últimas consequências poéticas. Um passo nesse sentido é dado por Martin Heidegger (que o realismo socialista reduz ao conservadorismo), autor de Sartre e do poema "O caminho do campo":

"O apelo do caminho do campo desperta um sentido que ama o espaço livre" "A serenidade que sabe é uma porta abrindo para o eterno. Seus batentes giram nos gonzos que um hábil ferreiro forjou um dia com os enigmas da existência." (1969b:70s)

O caminho do campo nos conduz para além da cidade, espaço da mercadoria prosaica, na direção do homem natural oswaldiano. (Também neste sentido o antropofagismo é um existencialismo. A partir de 1945, Oswald abandona os dogmas do comunismo stalinista para entregar-se aos enigmas, à reflexão sobre a filosofia da existência.) Heidegger busca as sendas perdidas que levam à morada do ser: a linguagem poética. Para encontrá-las, não há outro caminho senão pensar poeticamente. As metáforas são um apelo à natureza, na qual a reflexão precisa se enraizar. Segundo Heidegger, a metáfora só existe no interior da metafísica. A natureza é espaço poético, enquanto a cidade é o lugar da ciência e da técnica. Em seu diálogo com o eterno, a poesia e a filosofia transcendem o urbano para atingir o coração do ser e do universo. O romance tradicional traduz o burgo, exprime a realidade prosaica. O burgo é a república platônica da qual o poeta — e o filósofo — foi expulso. Mas o poeta e o filósofo resistem, e em nome

da utopia e do eterno acontece seu eterno retorno. Poesia e filosofia são a linguagem dos amplos espaços, dos campos ilimitados, infinitos e eternos: o romance tradicional é o balbucio da multidão solitária (Benjamin, "O narrador", 1987: 197-221; 1969: 33-61).

Se Heidegger realiza a Passagem para o poético (Nunes, 1986), caminhando do filosófico rumo ao poético, do Ser e tempo à metáfora lancinante de Parmênides, a trajetória de Oswald é inversa. Ele caminha da poesia rumo à filosofia. O "Manifesto antropóiago" é poema filosófico, enquanto A crise é filosofia poética. Veja a primeira epígrafe de nosso livro, sobre o mundo supertecnizado, o patriarcado, a preguiça, a fantasia, a invenção e o amor, a negatividade, a síntese, a técnica, a civilização, a vida natural, a cultura, o lúdico, o faber, a serenidade, a devoração do planeta, o destino cósmico (CFM 14).

Este parágrafo, que aparece no início da Crise, não é demonstrado analiticamente, mas intuído poeticamente. É um pressuposto que inspira a Oswald a sua filosofia da história. O poético forma o conteúdo e informa a forma da reflexão oswaldiana. "Como seria possível falar a-esteticamente do estético?", pergunta-se Adorno (1962a:20), combatendo as tendências positivistas que apartam forma e conteúdo, sujeito e objeto. É esteticamente que Oswald fala do estético, violando as fronteiras positivistas. Ele anuncia a dimensão estética, em que o homem lúdico transcende o reino do trabalho compulsório para cultivar a fantasia, a invenção e o amor. E anuncia-a esteticamente, enquanto poeta que maneja os instrumentos da filosofia para buscar transformar a poesia em vida, totalidade da existência, do ser-aí, da existência humana, do ser-aqui-e-agora.

#### 4. Formas oswaldianas

"o estilo telegráfico e a metáfora lancinante." (MS 10)

"Te ensinarei

O segredo onomatopaico do mundo"

(CC 188)

"Em toda a arte ainda possível, a crítica social deve ser erigida em forma" (Adorno, Teoria estética, 1982:280; 1970:371)

A arte "pode ser revolucionária se ela representa uma mudança radical de estilo e de técnica"... (Marcuse, A dimensão estética, 1979:11)

Enquanto os manifestos são formados por um conjunto de máximas -- isto é, por uma constelação de aforismos --, A crise constitui um ensaio. Ela é uma forma de tradução e desenvolvimento dos aforismos de manifestos em linguagem ensaística.

Vejamos um parágrafo do manifesto da poesia pau-brasil:

"Obuses de elevadores, cubos de arranha-céus e a sábia preguiça solar. A reza. O Carnaval. A energia íntima. O sabiá. A hospitalidade um pouco sensual, amorosa. A saudade dos pajés e os campos de aviação militar. Pau-Brasil." (MPB § 18)

Como classificar esse parágrafo? Acontece uma sucessão de imagens sobre o Brasil e a poética brasil-pau. Aqui Oswald aborda, simultaneamente, em sua luta antropofágica contra o tempo, contra a "devoração do planeta pelo imperativo do seu destino cósmico" (CFM 14), uma multiplicidade de seus temas centrais. Ele tece breves considerações sobre o uni-verso (Gramsci, 1975), poetizando o ser de sua visão-de-mundo enquanto totalidade. Aqui temos técnica, modernismos (vanguarda européia e modernismos brasileiros: Teles, 1977), ócio (tempos livres), religião (sentimento de Orfeu, sentimento órfico), êxtase (carnavalização), natureza (cultura), homem corãial (AA, Raízes do Brasil de Holanda), índio (o homem natural), poesia, prosa, Eros, mundo novo sem porteiras em sucessão infinita, prismática (Adorno) e caleidoscópica. A mentalidade pré-lógica, ou antes, pós-lógica de Oswald não tem fronteiras. Essas três linhas e quatro verdades poderiam muito bem se desdobrar em livro — e de fato se desdobraram, sob a necessidade da ação filosófica, em 1945-1954. Elas comprovam que já em 1924 Oswald desenvolvera a sua visão de universo libertária e anárquica, que mantém por toda a vida, inclusive nos '30 dogmáticos (a obra transcende o autor; Candido, 1970). Os modernismos foram movimentos de libertação sem igual na estética do século 20, e continuam a frutificar. Trinta anos (todos tendemos à linguagem decimal) após a semana de arte moderna, Oswald tratou de explicitar suas implicações filosóficas, o hermetismo e o ocultismo dos aforismos condensados dos anos '20.

Os aforismos, que constituem a escritura dos manifestos oswaldianos, são as ruínas (Benjamin, cit.), mas também as luzes, os faróis do pensamento. )

↳ Os aforismos são a expressão do pen-

sar sintético que domina, que é dominado pelos poetas e pensadores-poetas, contra as frases feitas que dominam imensos espaços e, em vão, perdem tempo. Nos aforismos, vastas emoções e pensamentos imperfeitos (Freud) tomam a forma de uma máxima concisão. Em aforismo indagativo, Heidegger expõe todo o problema metafísico: "Por que há simplesmente o ente e não antes o Nada?" (1969c:33) Com um célebre aforismo, Hipócrates abre a sua obra: "Ars longa, vita brevis". Aqui temos a essência do aforismo: é porque a arte é longa e a vida, breve, que o pensador/poeta busca pronunciar somente as palavras essenciais, tornar a arte breve como a vida, abolir as fronteiras temporais entre arte e vida. Enquanto o escritor de frases feitas desenvolve uma idéia em mil palavras, o aforista concentra múltiplas idéias em cada palavra (veja Sartre, 1967): a ambivalência, a multivalência, é característica da poesia e do pensar poeticamente.

Oswald é, essencialmente, aforismo, "fazedor de frases". Suas melhores obras são tecidos de aforismos e de chistes, que são aforismos satíricos e irônicos. "Fôra sempre um fragmentário." (EA 127) No fragmento do discurso ele busca as palavras essenciais. A primeira parte do Pau-Brasil são fragmentos de discursos citados, que ele converte em poesia. A citação é forma afim ao aforismo: escolhe-se palavras essenciais para citar, e ao serem citadas elas se convertem em aforismo. "Tupi, or not tupi that is the question": este aforismo, que alguns consideram o melhor trocadilho da língua, constitui todo o terceiro parágrafo do "Manifesto antropofago", parágrafo que alguns consideram a origem do antropofagismo. Neste aforismo, Oswald sintetiza toda sua visão de mundo: é da recuperação ou não da herança tupi-guarani que depende a forma de país que podemos ter, e até mesmo a forma

de civilização (ou de cultura) planetária, exportada do homem natural americano para todo o globo. A crise do ocidente (Oswald), a decadência do ocidente (Spengler), o mal-estar na civilização (Freud), só podem ser solucionados pela retomada das origens "orientais" (o oriente orienta o ocidente, a manhã incidente no oriente): o tupi, o grego pré-socrático, o dionisiaco, o extático (veja Rosa, a dialética do oriente). Uma retomada dialética, que une as conquistas da civilização (a técnica) à essência da natureza, sendo simultaneamente tupi e não-tupi. Ser ou não ser tupi, eis a questão. E esse aforismo é já citação ao famoso e formoso diálogo/monólogo de Hamlet. Nosso aforista não fez mais que mudar um fonema, trocar o t pelo p, para exprimir sinteticamente todo seu modo de pensar.

O aforismo e o ensaio são formas de linguagem diversas. No entanto, há algo em comum entre o manifesto de '28 e a Crise. Neste ensaio, Oswald introduz seu modo de ser fragmentário, compondo-o de 48 blocos que podem ser chamados de aforismos extensos, à maneira dos Aforismos para a sabedoria na vida de Schopenhauer. *(ou dos aforismos de Lourenço.)* Enquanto os aforismos dos manifestos são fragmentos de um pensar sintético, os blocos do ensaio são fragmentos de uma reflexão analítica. Mas, dialeticamente, até mesmo na análise Oswald procede sinteticamente: somente na síntese pode ser demonstrado, em 50 páginas, todo o universo antropofágico de sua visão de cosmos, da Grécia antiga e do índio ao presente técnico da civilização e ao futuro utópico e concreto do homem natural tecnizado.

Em seu ensaio sobre o ensaio, afirma Adorno:

"O ensaio tem que estruturar-se como se pudesse suspender-se a qualquer momento. O ensaio pensa des

continuamente, como a realidade é descontínua, e en-  
 contra sua unidade através das rupturas, não procu-  
 rando tapá-las." (1962a:27)

Tal reflexão decorre de um pensamento expresso na Dialética do iluminismo de Horkheimer e Adorno, pensamento que aparen-  
 temente contradiz a realidade descontínua:

"O mundo é único. /.../ A classificação é uma  
 condição do conhecimento, mas não o próprio conhe-  
 cimento, e o conhecimento volta a dissolver a clas-  
 sificação." (1971:260)

O ensaio definido por Adorno é exatamente aquele praticado na Crise de Oswald, cuja visão possui tantas afinidades com a dos frankfurtianos. Compare-se os blocos da Crise com os de-  
 zenove blocos de "O narrador" de Benjamin (1987:197-221; 1969:  
 33-61). Ambos os textos suspendem-se a todo momento: A crise,  
 nada menos que quarenta e oito vezes. Seu objeto é a história  
 da cultura (sujeita a uma civilização predominantemente econô-  
 mica — o ter — e política — o poder como meio de ter — hos-  
 til à cultura que não legitime o patriarcado messiânico, à u-  
 topia contra-ideológica, hostilidade detectada por Hegel, Mar-  
 x e Nietzsche; neste último, a cultura desta civilização apa-  
 rece como moral de escravos, negatividade a que se opõe a vi-  
 são oswaldiana), cultura que não segue um desenvolvimento li-  
 near e contínuo. Aqui, adequando-se ao objeto, o sujeito Os-  
 wald procede aos saltos dialéticos, acompanhando a sucessão  
 caleidoscópica, espiral, dos pensadores. Somente o proceder  
 fragmentário, dialeticamente, pode nos conduzir ao mundo ú-

nico: ao final da Crise, o conhecimento volta a dissolver a classificação, vemos o desenvolvimento da cultura messiânica como unidade atingida através do descontínuo. Livro: abstrato objeto; livro lido: objeto concreto. O tempo do ensaio não é fluxo incessante como o tempo do senso comum, não é tempo lógico, mas dialético, desenvolvendo-se através da descontinuidade, das elipses e dos saltos. O ensaio, tal como o entendem e praticam Oswald, Benjamin e Adorno, tem na história sua forma e seu conteúdo, e nada mais dialético e descontínuo que a história, onde há momentos que valem séculos. Portanto, "o ensaio é mais dialético do que a dialética quando expõe a si mesma" (Adorno, 1962a:30), mais dialético que a metadialética, metalinguagem, linguagem sobre a linguagem dialética. Talvez por isso o manuscrito oswaldiano "O antropófago" se interrompa no título "II / Construção dialética do mundo moderno" (AN 141), do qual há um fragmento em Estética e política (EP 275s), coletânea tão importante para a compreensão da cosmovisão oswaldiana quanto DP (UA), cosmovisão que tem a origem e a meta na estética, transcendendo (ultrapassando) a política. A crítica oswaldiana é precursora da dialética no oswaldiano Antonio Candido.

No ensaio de Oswald acontece a dialética análise/síntese. Após momentos analíticos, ocorre o salto para a afirmação sintética, que define numa palavra a antropofagia: "A vida é de voração pura." (CFM 5s) Luís Washington Vita, o pioneiro a caminhar pela floresta desta filosofia, tem razão ao afirmar:

"a doutrina filosófica oswaldiana é a-sistemática e revestida de caráter poético e pessoal, quase sempre exposta sob forma de aforismos ou de metáforas" (1956:549).

Metáfora e aforismo encontram-se face a face nos momentos sintéticos. A metáfora, comparação breve, tem o poder de exprimir concisamente uma multidão de significações. No aforismo metafórico de Hegel, "O Pássaro de Minerva só alça voo ao pôr do sol" (metáfora e ironia hegelianas são analisadas em Verene, 1985). As metáforas aforísticas de Oswald seriam a expressão do crepúsculo dos messianismos, do mundo patriarcal. "Numa época metafórica como a nossa" (EP 177), na era dos surrealismos que fizeram das figuras de linguagem seu coração, elevando-as à radicalidade da literalidade, as figuras de linguagem são devoração pura do semelhante. O antropofagismo também é um surrealismo, o mais importante movimento artístico do século, que bebe o universo através da metáfora e dos tropos, meios do artista alcançar a fala da linguagem dos sonhos. "Girafas tripulantes/Em pára-quadras" (CC 190; veja Salvador Dalí).<sup>1</sup>

Devorando o semelhante através das metáforas, a obra oswaldiana e a Crise apresentam figuras de linguagem essenciais. Antropofagia não é somente metáfora, mas também ironia — esta parente próxima da metáfora que afirma o contrário do que quer dizer —, bofetada no gosto público, no senso comum, na ideologia. "Depois de cada período dogmático segue-se um período de ironia", afirma o antidogmático Henri Lefebvre (1969:15). Vanguarda européia e modernismo brasileiro têm raiz comum na agressividade irônica, que os dadaístas cultivaram tão profundamente e legaram a seus sucessores. As ironias modernistas sucedem os dogmatismos parnasianos, o surrealismo e o <sup>racion</sup>surfactonalismo (Bachelard) sucedem realismo e naturalismo. Antropófagos literais seriam as vertentes fascistas dos modernismos: os futuristas italianos e os verdamarelistas integrais no Brasil.

"— A Antropofagia, sim, e Antropofagia só podia ter uma solução — Hitler! No entanto os integralistas cristianizaram-se. Deus, Pátria e Família! E eles, os antropófagos que tanto prometiam, foram para o marxismo. É ininteligível! Eles cantavam o bárbaro tecnizado! E que é o bárbaro tecnizado senão Hitler?" (CH 202),

afirma um personagem no Marco zero de Oswald, romance de transição entre o marxismo oficial e o neo-antropofagismo: seus últimos capítulos chamam-se "Oh! guerreiros da taba sagrada" e "Somos um Eldorado fracassado" (CH 190-286). Depois do período dogmático stalinista retoma-se o período antropofágico. Alguns desprezaram o antropofagismo pela simples contundência da expressão, deixando de observar seu aspecto irônico. Mas A crise se inicia definindo a antropofagia ritual como Weltanschauung (visão de mundo) contraposta ao canibalismo e ao messianismo patriarcal. Enquanto os messiânicos aguardam a vida após a morte, o ver o mundo com olhos livres oswaldiano pensa a vida como devoração: é preciso devorá-la extaticamente, dionisiacamente. A cosmovisão dos primitivos antropófagos, em síntese dialética com as conquistas da técnica, permitiria a formação de um universo harmônico, onde não haveria possibilidade de fenômenos antropófagos como o nazismo e o stalinismo. A antropofagia da Weltanschauung oswaldiana seria a abolição de toda antropofagia real e literal, daí seu caráter irônico.

O ócio, esta palavra que choca a ideologia do senso comum, e que está na essência da Crise, é metáfora a indicar uma sociedade estética, contraposta à sociedade estritamente

econômica do messianismo. Ócio não é apenas a preguiça de Ma cunaíma e dos manifestos oswaldianos, mas também a negação do que nega o ócio, a renegação dialética do negócio, a socialização da cultura, a abolição da divisão de trabalho, os tempos livres. O desenvolvimento técnico poderia permitir ao ser humano abandonar o mundo unidimensional do negócio para penetrar no mundo de fantasia, invenção e amor (CFM 14), recuperar o universo multidimensional de Orfeu, Dionísio e Eros, enquanto os fusos (as máquinas) trabalham sozinhos.

Também podemos interpretar o matriarcado como metáfora a significar a matrilinearidade, o fim do patriarca autoritário. "Antes da instituição do casamento, que regime poderia existir, senão o matriarcal?" (MU 203) O feminismo radical de Oswald leva-o a hiperbolizar, a exagerar a verdade do matriarcado. Mas o fato de os antropólogos e de Simone de Beauvoir (1986:112n, 18), em seu "Deuxième Sexe, esse evangelho feminista que se coloca no pórtico da nova era matriarcal" (CFM 80), desacreditarem Bachofen, o campeão do matriarcado, não invalida as teses oswaldianas sobre a mulher, desde que as leiamos metaforicamente. Se não houve matriarcado — poder da mulher sobre o homem —, a matrilinearidade — a sucessão por linha materna — jamais deixou de existir.

Conceitos essenciais de Oswald são metafóricos, o que dificulta sua compreensão imediata. A crise é ensaio fácil de ser lido, mas pode suscitar incompreensões. "É ininteligível!" (CH 202) A metáfora é um oceano de emoções, em contraste com a precisão da linguagem técnica-científica. Ela está onipresente em filósofos como Hegel, Nietzsche e Heidegger, é uma arma essencial ao poético. Não poderia deixar de estar presente em um filósofo-poeta. "o estilo telegráfico e a me-

táfora lancinante" (MS<sup>P.</sup>10) fazem de Oswald um autor rico para a leitura crítica, o que permitiu sua re-descoberta após o ostracismo dos anos '50 e permite a re-edição de suas obras quarenta anos após sua morte.

Um leitor literal de Oswald poderia supor que ele fosse um ocioso, canibal e parricida. A radicalidade oswaldiana não se importa em chocar o burguês, o leitor literal e ocioso. Ela sabe esperar pelo dia em que o ócio criador de um novo homem natural suplante o literal burguês ocioso.

"A massa, meu caro, há de chegar ao biscoito fino que eu fabrico." (EP 49)

## 5. Ser ou ter

"Deixei de ser o desmemoriado das idades de ouro"

(CC 192)

Os txucarramãe, tribo indígena do Xingu (cacique: Raoni), chamam o dinheiro de piucatini (folha triste)<sup>1</sup>. Ao final do segundo bloco, dissemos que o poético — e Oswald — transcende a alienação econômica e psíquica. A superação de todas as alienações é a flecha que Oswald busca acertar em seu alvo. A alienação é um tema central de nosso autor, um assunto essencial. Ser ou ter, eis a questão oswaldiana. O ter do capitalismo selvagem — e talvez não haja outra forma possível de capitalismo, cujo complemento é a criminalidade, a violência dos marginalizados — torna impossível o ser, o ser humano. A humanidade não se aliena apenas economicamente de seu presente, dedicando a essência de sua vida ao ter, mas também psiquicamente de seu passado (de seu devir e de seu futuro: o ser se petrifica em eterno presente alienado), esquecendo sua pré-história e sua história. Raridade, Oswald é um brasileiro que tem memória, retorna o recalçado passado e futuro, as idades de ouro da lembrança passada e da imaginação futura. Para o homem normal (mentalmente alienado) só existe o presente Em busca do ouro, que Chaplin — o cineasta preferido de Oswald e dos surrealistas — ironizou perfeitamente, não A idade de ouro do surrealista Buñuel, nem o Paraíso perdido de Milton.

"O que escapou à observação de Nietzsche como à de Marx e à de Engels é que havia um potencial de primitivismo recalcado por séculos." (AN 58)

Grande autor, Oswald não se furta à crítica de famosos pensadores. Isto num momento em que dominavam os exegetas e os ortodoxos, os dogmáticos refratários a toda ironia. Somente dos heterodoxos pode-se esperar novas contribuições. "A mais íntima lei do ensaio é a heresia" (Adorno, 1962a:36). É através da crítica do que disseram antes de nós que a cultura se transforma. Marx revolucionou a cultura dos séculos 19-20 através da crítica negativa, dialética, de suas três fontes: economistas ingleses, filósofos alemães e socialistas franceses. Mas Oswald freudiano esquece-se de que Nietzsche foi um precursor do antropólogo Freud, ao afirmar que "o homem leva consigo a memória de todas as gerações precedentes" (1974:50); "a memória: ela é a massa de todo o vivido de toda vida orgânica" (1982, X:198). Nietzsche, o louco da Alemanha, lega a Freud a herança arcaica — a memória hereditária —, a psicologia de grupo e o inconsciente coletivo junguiano. Se Marx consumiu toda sua vida (ao menos, seus últimos quarenta anos, desde 1843) a re-escrever O capital, Engels legou-nos, apesar de seu positivismo (Sartre, 1960), A origem da família, da propriedade e do Estado, livro-fonte para as teses de Oswald (matriarcado, anti-economia e antipolítica).

Mas em nossa citação o tema oswaldiano é o potencial de primitivismo recalcado por séculos. O poeta-filósofo deseja recuperar as pré-histórias do grego, do negro e do índio, histórias alienadas, coisificadas, reificadas e esquecidas. "Toda reificação é um esquecimento" (Horkheimer e Adorno, 1971:

272; Marcuse, 1979:83). A civilização do homem tecnizado e reprimido esqueceu deliberadamente (ideologicamente) os tempos livres do homem natural, onde as atividades lúdicas acompanhavam e sobrepujavam a labuta econômica, o caçar e pescar. Oswald deseja devorar o antropófago, rejeitando seus hábitos superados pela tecnicidade — em era de fartura, não é preciso comer o inimigo, nem há inimigo, uma vez realizada a riqueza social — e assimilando sua sábia visão de universo, sua ação-no-universo, em que a fantasia, a invenção e a criação artística e cultural superam o penar de um trabalho alienado.

"Recordar é viver!" (HC 190) Na lembrança pura dessas eras nuas, na memória que transcende o desmemoriado das idades de ouro, o filósofo-poeta desaliena-se do passado e realiza a descoberta das coisas que nunca viu: o futuro, o passado, o presente por eles iluminado. O tempo não é o motor imóvel da ordem imutável (CFM): se existiu um passado tão diverso deste momento, é provável que exista um futuro diverso. Oswald dialético acredita nas contradições, na síntese de ontem e hoje que fará um amanhã diferente. A coisificação, a estagnação do presente cederia lugar ao novo homem natural, a usufruir de todas as conquistas técnicas. Acerca do ensaio, Adorno acrescenta: "a relação entre natureza e cultura é seu tema próprio" (1962a:31). O ensaio oswaldiano aporta na reunião entre o homem natural e a cultura técnica.

O tema deste nosso bloco é a folha triste. Mas como falar do triste quando nosso objeto, Oswald, existe na alegria, que é a prova dos nove? Ao contrário de Mallarmé, em Oswald a carne é alegre como os livros, para além da família patriarcal que constrói muralhas contra o ser na alegria. Ao contrário

de Frankfurt, as sereias anunciam as searas (CC 191). Mas ele escreve a Crise no ostracismo, sob a conspiração do silêncio, em estilo de ironia amargurada. Seus ombros suportam o mundo da opressão patriarcal, de Sócrates a seus contemporâneos dogmáticos e/ou reacionários. Seu ser na alegria e na ironia rendeu-lhe inimizades incontáveis, à exceção do "chato-boy" (PL) Antonio Candido, dialético da malandragem. Muito além da folha triste, Oswald vê com olhos livres o jardim dos prazeres naturais da infância humana (o índio e seus ecos ecológicos) e dos prazeres naturais-e-técnicos de uma humanidade enfim madura, isto é, rejuvenescida. "Nasce-se velho, cheio de taras, preconceitos e hábitos vetustos, mas pouco a pouco a idade traz em si a juventude." (EP 134) Oswald jamais deixou de ser na infância, como seu desafeto, o maravilhoso Manuel Bandeira (cuja visão de mundo conservadora é suplantada pela sua ação poética, ação que é sempre revolucionária ou não é poética, na transcendência do autor pela obra). Segundo Sigmund Freud, as crianças são revolucionárias.

"A felicidade é a realização retardada de um desejo pré-histórico.

É por essa razão que a riqueza traz tão pouca felicidade. O dinheiro não foi um desejo da infância." (1986:295. Carta a Fliess, 16 jan. 1898)

Na citação de Oswald (EP 134), "nasce-se" é uma metáfora para a educação pré-conceituosa. Pode-se dizer que a humanidade (o índio, o grego) possuiu uma infância feliz (Marx, 1973:240). Em leitura alegórica, vivemos um presente planetário de taras, preconceitos e hábitos vetustos, mas a humani-

dade retornaria à fonte da eterna juventude, passando do ter (o capital) ao ser (o Dasein, ser-aí, a existência humana plenamente realizada na alegria da criação e do verbo, o verbo amar). No princípio era o verbo, no final a verba: o ser humano precisa reencontrar o verbo, a morada de seu ser poético.

Em leitura literal, Oswald nasceu velho — janeiro de 1890 —, dois meses após a queda do império. Formou-se sob os preceitos parnasianos e a intolerância religiosa: seu professor Carvalho foi demitido por afirmar que "Deus é a natureza" (MS, HSP), o que repercutiu profundamente no panteísmo oswaldiano, em seu sentimento órfico onde Deus é o universo. Mas, criança revolucionária, Oswald trouxe da Europa o futurismo em 1913 e foi o agitador do modernismo, o portador da juventude. "The enduring playboy of Brazilian letters" (Putnam, 1971:211) nunca teve preocupações financeiras até a crise de 1929, ano final da primeira antropofagia. Financiava seus próprios livros, prática corrente ainda hoje no Brasil brasileiro. Depois de 1929, o burguês decadente adere ao marxismo ortodoxo, mas como sua ovelha negra desengajada e marginalizada (o PCB recusou-lhe a candidatura em 1945). A tentativa de realismo socialista no Marco zero terminou por fazê-lo abandonar a ortodoxia e iniciar a nova antropofagia. Em Oswald, o dinheiro nunca foi um desejo da infância. Desde sempre ele viveu esteticamente, esculpindo o novo homem que um dia seria toda a humanidade. Semáforo da sociedade brasileira, ele foi talvez o primeiro entre nós a compreender o surrealismo e o existencialismo — e compreendia Benjamin, Adorno, Marcuse e Bloch (Furter, 1974 e 1966) sem nunca ter ouvido falar neles. Oswald é nosso primeiro filósofo frankfurt-

tiano", cinco anos antes do Eros e civilização marcuseano.

Que é alienação? "Fulano é alienado", eis uma frase feita corrente. Isto significa que fulano não tem consciência de da situação (as Situations sartreanas, por exemplo). Os chamados cultos têm consciência do trabalho alienado (Marx, 1974b). (Não se deve estranhar a quantidade de referências a Freud e Marx. É na confluência desses caminhos da liberdade, desses grandes seres tão veredas, que situa-se o Oswald brasileiro e os frank<sup>Frank</sup> anos alemães. Contra a ironia do neo-anthropófago Caetano Veloso, Oswald prova que não só é possível filosofar em alemão -- e a alegria é a prova dos nove.) Digamos que todo trabalho é alienado, à exceção do trabalho cultural, este ócio muito trabalhoso -- ainda que a ideologia de seje transformar os objetos culturais em mercadorias.

No entanto, pouco se fala da alienação psíquica, psicanalítica. Todos somos alienados de nosso inconsciente. Vejamos o que Freud, o descobridor deste novo continente, tem a nos dizer sobre o tema:

"O inconsciente é a esfera maior, que inclui dentro de si a esfera menor do consciente." (1970, V: 650s) "o esquecimento, que representa o esforço supremo da censura." (1928:144; veja Marcuse, 1979) "nos termos alienado tanto da compreensão dos anos de nossa infância." (1987:56; ver 1970, VII:180, sobre a amnésia infantil, o esquecimento que temos do período fetal aos cerca de cinco anos) "tornar o inconsciente consciente." (1923:128) "o núcleo do ego, que compreende a 'herança arcaica' da mente humana, é inconsciente" (1970, XVIII:98n; veja também XXIII: 119, sobre a memória hereditária). "no id, que é ca-

paz de ser herdado, acham-se abrigados resíduos das existências de incontáveis egos" (1970, XIX:53).

Neste dicionário universal de citações — sobre Freud e Marx, o de Paulo Rónai é irônico, como o Dicionário de bolso oswaldiano, onde Freud aparece como o "Diretor espiritual da burguesia" e Nietzsche como "Super-Hitler" (DB 88 e 73); no Breve dicionário do surrealismo de Breton e Éluard, nega-se o lado "metafísico" de Freud (Éluard, 1984, I); cem anos depois, ainda encontramos resistência ao fundador da psicanálise, enquanto o Eros e civilização marcuseano provou, em 1955, ser Freud mais revolucionário que Reich e Fromm ("Epílogo: crítica do revisionismo neofreudiano", 1968:205-232); basta invertê-lo: se em Freud predominam o princípio de realidade e o superego patriarcal, em Oswald, Marcuse e nos surrealistas dominam o princípio de prazer e o id natural — sobre o inconsciente freudiano está localizada a infra-estrutura da primeira antropofagia, em 1928-29. "Na França o interesse pela psicanálise começou entre os homens de letras", disse Freud. André Breton manteve um laboratório de pesquisas literárias-psicológicas desde 1919. As antenas possantes de Oswald, captando as vanguardas européias e as raízes do pau Brasil, não quiseram reemitir o surrealismo. Preferiram construir um movimento brasileiro, a partir das bases surreais: o aqui desconhecido Freud dos anos '20. Também poderia-se dizer que Oswald foi nosso primeiro freudiano, não houvesse o subconsciente (inexistente em Freud) mário-andradino de 1921 (Paulicéia desvairada), in-formado pela revista Esprit nouveau dos apolínaireanos dionisíacos.

Na luta contra todas as formas de alienação, Oswald realizou a polêmica, o grande debate, a revolução cultural perma-

nente, semelhante à viagem permanente dos antropófagos no final de Serafim, que o Nobel Márquez transcreveu no final do Amor nos tempos do cólera. Oswald busca conscientizar nosso inconsciente coletivo, formado por índio-negro-português (este último é rejeitado em MA). Sua insistência no índio deve-se ao soterramento da cultura nativa (soterramento semelhante à Gradiva no divã freudiano), que prossegue até o momento. Caminhando ao lado de Freud, ele não quer alienar-se dos tabus, mas transformá-los em tótems (este é o sentido clássico do antropofagismo). O consciente diminui na mesma medida em que aumenta o mal-estar na civilização, a repressão da sociedade unidimensional. Uma criança lembra-se de tudo, seu tempo é infinito, enquanto o adulto reprime suas lembranças, vive em tempos mortos. A dimensão econômica corrompe toda multidimensionalidade, fantasia, invenção e amor. A natureza desconhece a repressão, o patriarcado, o ter e o poder. A civilização repressiva, patriarcal, cercada e estatal, tem o poder de tornar todos os seus membros infelizes. Somente uma coisa é feliz: o capital. É preciso nos conscientizarmos da herança arcaica, da memória hereditária que constitui as pulsões de amor, retomando a visão de universo indígena: eis o testamento de Oswald (EP 232), psicanalista de seu povo.

"Em algum lugar

— talvez no Brasil —

existe um homem feliz!",

disse Vladímir Maiakóvski, que o realismo socialista/socialismo real de Stálin levou ao suicídio. Enganou-se:

"erro de português

Quando o português chegou  
 Debaixo duma bruta chuva  
 Vestiu o índio  
 Que pena!  
 Fosse uma manhã de sol  
 O índio tinha despido  
 O português" (PM 177, MU 214),

disse Oswald. A roupa, mais que extensão do corpo (McLuhan), aliena-nos de nosso corpo, de nossa própria natureza, desde o pecado original que é a civilização. O ver e agir com olhos livres dos índios foram ilhados em certos guetos, mas continuam a ser ameaçados por garimpeiros em busca do ouro. O antropofagismo é um grito de libertação contra a alienação:

"tomem em consideração a grandeza do primitivo, o seu sólido conceito da vida como devoração e levem avante toda uma filosofia que está para ser feita",

afirma o testamento oswaldiano (EP 232). Se Nietzsche construiu uma filosofia a partir dos fragmentos pré-socráticos, por que não pode uma filosofia brasileira partir do filosofar indígena? Os primitivos são as raízes do Brasil. No Peru, eles criaram um filósofo contemporâneo, o socialista inca José Carlos Mariátegui. Nosso socialista tupi chama-se Oswald de Andrade (homem natural tecnizado cuja mãe cresceu na Amazônia). O atraso de nossos índios em relação aos peruanos

e mexicanos não é argumento para os anti-indianistas. Esse atraso significa maior proximidade da natureza, significa o homem natural puro, que desconhecia todas as leis da sociedade repressiva, desconhecia qualquer maneira de desigualdade econômica, política e cultural. Isto já o sabia Rousseau, e o desprezo de Oswald por Rousseau, em 1928 (MA), a reivindicação oswaldiana do mau selvagem (seu mal selvagem) pode ser mais uma ironia para chocar o burguês rousseauiano, o filisteu rousseauiano que petrifica as idéias de Rousseau, cujo devir faz florescer Marx e as utopias. Ou talvez Oswald tivesse em mente o Rousseau da Descoberta do novo mundo (1969, II:815ss), o mau poeta, não o da origem da desigualdade ou do Contrato social (Rousseau não comparece nas duas bibliografias oswaldianas — CFM, AI).

Também no teatro e no romance, Oswald desfere bofetadas na alienação do humano, utilizando, simultaneamente a Brecht, o recurso de estranhamento (efeito de distanciamento, *Verfremdungseffekt* — Brecht, 1964) derivado dos formalistas russos. "Que és tu, espectador, senão um espermatozóide de colarinho!" (HC 137) — Oswald despe o humano até chegar à sua raiz, o óvulo e o esperma. Em Serafim, que arremessa a ponta de lança contra a estrutura do romance tradicional, o personagem é expulso do livro. Como Brecht, Oswald não quer embalar o leitor em historinhas convencionais, mas descoisificar a realidade (e a super-realidade, a surrealidade), levando o espectador a indagar-se sobre a essência do ser. Oswald e Brecht são pontas de lança contra o realismo socialista. Suas obras perguntam, não respondem. Segundo Adorno, as perguntas de Kafka e Beckett são mais engajadas que as obras engajadas ("Engagement", 1973, 1974). Ver com olhos livres.

"Mas para olhar o mundo torna-se necessário descobri-lo" (EF 173) O mundo encontra-se coberto pelas coisas, coisificado, alheio à consciência. É preciso despi-lo para encontrar a essência humana, o ser para além do ter, a alegria para além da mercadoria. Através do estranhamento, os objetos perdem sua opacidade para tornarem-se transparentes. Dialeticamente, é preciso estranhar o estranho, alienar-se do alienado, para que ele se transforme de coisa em ser em devir: o ser do universo, o ser da natureza, o ser do humano. Universalismo e naturalismo (super-universalismo e supernaturalismo) são mais amplos que o humanismo e o compreendem.

"Meus olhos madrugados  
 Meus olhos de casquette  
 Para a descoberta  
 Dos portos encobertos" (AP 114)

O poeta de olhos livres busca realizar a terceira descoberta do Brasil (Picchio, 1981:34), depois de Cabral e dos românticos indianistas (Dias, Alencar), através da desportugalização (MA), da deseuropeização (Spengler) e da nativização. O índio nativo detém uma herança mais rica que a dos portugueses.

"Depois que o ouro nos expulsou da Idade de Ouro"

(MO 48), chegamos à idade do outro, alheia e alienada. Portugal nos trouxe o ouro ideológico (e nos levou o ouro de Minas, Miras, Giras, Geras, Gerais, disse Rosa discursando no México) e aboliu a idade de ouro em que o índio não conhecia

a repressão sexual, a propriedade e o poder de uns sobre outros (Estado). Um dos mestres oswaldianos, Oswald Spengler, em sua Decadência do ocidente, descreve o processo precisamente:

"Pseudomorfozes históricas chamo eu àqueles casos em que uma velha cultura estranha jaz sobre um país com tanta força ainda que a cultura jovem, autóctone, não consegue respirar livremente e não só não consegue construir formas expressivas puras e peculiares, como nem sequer chegar ao pleno desenvolvimento de sua consciência própria. Toda a seiva que ascende das profundidades da alma primigênia irá verter-se nas cavidades da vida alheia. Sentimentos jovens coagulam em obras caducas" (1952, II:249).

A obra monumental de Spengler e o breve ensaio oswaldiano são irmãos. Um descreve a decadência, a crise do ocidente, outro a crise, a decadência da filosofia messiânica, o que vem a ser algo semelhante. Mas se Spengler é pessimista, escrevendo sob o impacto da primeira guerra mundial, Oswald vê o mundo da crise (toda crise é fecundante, na medida em que anuncia transformações) com alegria. O fim de um mundo é simultaneamente o início de outro melhor, o retorno a nova idade de ouro, através da abolição do ouro. O modernismo é poderoso movimento para a formação de uma cultura jovem, libertando o país do parnasianismo caduco (até '22, Bilac reinava). Co-autor do movimento de '22, Oswald jamais deixa de nutrir-se da alegria modernista. No fim de sua vida, vê a Bienal de São

Paulo com grande emoção, como fruto da luta moderna que ele e outros mantiveram por trinta anos.<sup>2</sup>

Podemos ler a citação de Spengler, adaptada a nosso tema, como conflito entre culturas, Portugal versus índio. Desde a América pré-colombiana, as culturas nativas não conseguem respirar livremente, ao serem sufocadas pela cultura européia, a branca cultura. Isso agrava-se no caso do Brasil, onde a cosmovisão indígena foi soterrada, bem mais que entre os mexicanos e peruanos. Mas o índio americano inspira o ciclo das utopias européias, desde o socialismo utópico de Thomas Morus, como o demonstram Oswald na Marcha das utopias e Melo Franco em O índio brasileiro e a revolução francesa. Enquanto os europeus respiravam os índios, os brasileiros respiravam os europeus, sem respirar a si mesmos. A comunidade primitiva que o jovem Marx descreveu abstratamente na interessantíssima Ideologia alemã, que reinventa a história, encontra-se concretamente sob nossos olhos. Quem tiver olhos para ver, veja com olhos livres. As comunidades primitivas de nossos índios ainda têm muito a nos ensinar sobre as comunidades futuras, ao contrário do socialismo real que degenerou em Estado onipotente, capitalismo de Estado totalitário.

"O marxismo militante engajou-se na economia do Haver (Patriarcado) escapando às injunções históricas da economia do Ser (Matriarcado).

E na alienação no dinheiro, na filosofia do dinheiro, prossegue, dentro da atualidade russa, o surto enunciado pela economia do renascentismo. O Estado assume a idolatria do dinheiro." (CFM 68s)

Em 1950, A crise significa heresia heterodoxa. Nosso poeta-filósofo percebeu que na União Soviética a liberdade (ser) era sufocada pela produtividade (ter), e que também em russo God is Gold, e não Mir (paz e terra). Neste momento, Oswald é mais lúcido que Jean-Paul Sartre (veja "Posição de Sartre", MU 216ss), que só na introdução à Crítica da razão dialética ("Questão de método") descobriu: no socialismo real, o trabalhador é alienado à produção. As montanhas de páginas que Marx escreveu sobre a alienação econômica — a transformação de todas as relações humanas em uma coisa, a mercadoria — continuaram valendo na experiência soviética, realizada sob o nome de marxismo. O socialismo real é o neofarisaísmo.

Freud afirmou não haver distinção entre cultura e civilização. Para construirmos uma nova cultura, não bastam os idealismos de Lênins, as lutas políticas, a velha espada. Nova cultura exige a polêmica, o grande debate, a revolução cultural permanente. Oswald é infatigável lutador cultural, contra as alienações psicológica e econômica.

"Há por toda a terra uma perda da memória social e é esse um dos sintomas da ruptura cultural com o passado." (DD 124)

Aqui ecoam Marx, que revoluciona as pesquisas históricas, e Freud, que psicanalisa os povos primitivos. É preciso recuperar o passado, que ilumina o futuro. Oswald recupera o índio, não o índio romântico de Iracema, mas o índio em sua realidade e surrealidade, o índio em sua visão universal, onírica, extática e dinâmica. Enquanto o índio caça, pesca, dança e canta, em seu universo de prazer, fantasia, invenção

e amor, há uma outra realidade, outro princípio de realidade civilizado:

"À porta dos bancos, homens parados abriam caras neurastênicas e vazias. Outros passavam, correndo, semiloucos, discutindo os seus angustiosos sonhos de lucro." (EA 156),

a realidade da alienação econômica. Os homens que vivem subjugados pelo capitalismo (e o capitalismo é a aldeia global, onipresente inclusive nos países que se dizem socialistas, como na neo-escravidão chinesa, ausente apenas no que restou das tribos primitivas) vestem a máscara da morte, vivem a angústia do lucro, o inferno do ter, esperando messianicamente a recompensa após a morte. O mercado mundial reuniu as religiões sob o signo de God-Gold: budismo, cristianismo, confucionismo, hinduísmo, judaísmo, maometismo, sikhismo, taoísmo, zoroastrismo (CFM 37s) revelam o crescente predomínio do econômico no mundo, predomínio de que a humanidade toma consciência através de Marx. "Como Fausto, o homem moderno vendeu a alma ao diabo" (EP 214). O demônio é Mammon, o deus-dinheiro, o God is Gold (veja Michel Löwy, 1990). Toda cosmovisão e ação no cosmos do homem moderno, ao menos desde o fim da idade média e o início do renascimento e da reforma (o protestantismo que legitima a usura capitalista: veja Max Weber), reduz-se a uma coisa: a coisificação, o valor de troca, o Dinheiro-Mercadoria (D-M-D' ao infinito), o lucro, o capital (veja os Manuscritos de Marx). Alguém disse que já não se pode ter amigos, pois não se pode comprá-los. Naturalmente, isto é uma hipérbole, exagero: a natureza humana não pode ser totalmente anulada por uma forma econômica

transitória, pelo capital. Em todo caso, Oswald tinha mais amigos antes de sua falência na crise de 1929, quando seu pai possuía bairros paulistanos. O que domina no mundo de hoje é a coisa, o dinheiro.

A seguir, poderíamos lançar um olhar sobre as relações entre existencialismo e antropofagismo, oswaldianismo e sartreanismo (ser, fazer e ter: Sartre, 1976). Mas este é tema para todo um livro.

↳ A humanidade caminha do ter para o ser, da alienação à plena consciência, do capitalismo (ter petrificado) ao "existencialismo" (ser em devir). Neste sentido, a afirmação de que Sartre é o Marx do século 21, feita por um de seus amigos/discípulos, estaria coberta de razão dialética:

"face à concepção histórico-coletivista de Marx, o Existencialismo exprime um momento alto da Subjetividade, aquele em que o indivíduo se historializa como consciência e como drama. No Patriarcado."  
(CFM 85),

afirma Oswald.

"Assim que existir para todos uma margem de liberdade real para além da produção da vida, o marxismo deixará de viver; uma filosofia da liberdade tomará seu lugar.",

afirma Sartre (1960:32). Talvez seja o existencialismo -- incluindo o "existencialismo" oswaldiano -- o momento de transição entre Marx e a filosofia da liberdade do matriarcado.

Oswald e Sartre possuem trajetórias semelhantes, próximas do marxianismo e distantes do marxismo dogmático, próximas dos frankfurtianos. Oswald combate Sartre pelo "seu novo fervor pela União Soviética" em 1953 (MU 216), fervor que breve deixaria de existir na "Questão de método" sartreana. Ambos se aproximam da filosofia da liberdade: radicalmente (em suas raízes), são anarquistas. O que lhes importa é a existência do indivíduo, da subjetividade, do Idiota da família (Flaubert segundo as 2000 páginas de Sartre), contra as organizações políticas, do Estado ao partido. Em lugar das burocracias políticas, eles acreditam na revolução cultural permanente, na polêmica, no grande debate, na ação cultural e comunicativa (Habermas), nos movimentos das massas que comerão o "biscoito fino" da cultura, na árvore do conhecimento a ser devorada antropofagicamente, através da redução da jornada de trabalho. Oswald foi ávido leitor de O ser e o nada (Candido, 1970), mas o oswaldianismo é irrecutível ao sartreanismo. O existencialismo oswaldiano concebe a existência como devoração pura, mas suas teses fundamentais pouco têm a ver com O ser e o nada. Ao recuperar a natureza, Oswald encontra-se com Jaspers e Heidegger.

"acontece ao homem encontrar-se ante o 'nada'. No 'nada' ele se engaja ou contra ele luta. Carlos Jaspers, com a sua extraordinária acuidade, vê tornar-se possível uma volta à natureza na paz do atemporal." (TEL 147) "A 'vida autêntica' de Heidegger é a vida do antropófago." (EP 285)

Veja supra (bloco 3) "O caminho do campo" de Heidegger: "O a

pelo do caminho do campo desperta um sentido que ama o espaço livre"... (1969b:70) O humano alienou-se da natureza e de sua própria natureza, o que provoca a angústia existencial/igta. "Angustiar-se é não mais nos sentirmos em casa" (Nunes, 1986:110). Através do homem natural tecnizado, Oswald retoma o caminho do campo, conduz o homem de volta à sua casa, que é a natureza. A abolição da diferença entre cidade e campo, a distribuição equitativa das pessoas pelo planeta, já estava no programa do Manifesto marxiano, em 1848. O capital tende a concentrar-se e a concentrar todas as coisas, inclusive a coisa-homem que é mercadoria, força de trabalho e nada mais. Concentra milhões de pessoas em redor das fábricas e escritórios, para diminuir o custo do transporte, da força de trabalho, da coisa-homem, aumentando assim o lucro e concentrando-se mais e mais. Assim se formam os burgos, o espaço burguês, as cidades e seus enormes edifícios que teriam de cair, dos quais não restaria pedra sobre pedra que não fosse derrubada. O humano, cujo habitat natural é o verde, passa a viver no cinzento, negação da natureza humana. Nos Condenados de Oswald, o homem encontra-se a si mesmo na paz da ilha verde. Serafim desemboca no mar, na paz do atemporal. O mar é a obsessão de nosso poeta-filósofo, que atravessou o Atlântico em navios tantas vezes. Em seu filosofar, ele resgata a dimensão natural, banida das cidades. O homem tecnizado une-se à selva selvagem, o superego patriarcal civilizado é superado pelo id matriarcal natural. Surge então o novo humano, o predomínio do princípio de prazer sobre o princípio de realidade. No princípio era o prazer, no final era o real. O final da crise messiânica retoma o nu, o Eros-prazer. "Quando teremos direito, nós homens, de nos tornarmos naturais, com a natureza pura, reencontrada, liberada?" É a pergunta que nos

lança o pré-existencialista Nietzsche (1976:122). O homem natural tecnizado oswaldiano é uma concretização de esquerda do ambíguo super-homem nietzscheano, do humano que possui a "felicidade de não ser proprietário" (idem, p. 170), do humano que simplesmente é. Parafraseando Leibniz e Heidegger (1969c: 33): Por que há simplesmente o nada e não antes o ser? Historicamente, o nada é o alheio, a alienação, a coisificação que anula a natureza humana, o mundo do ter. Mas que é o ser? Terminemos este bloco com uma hipógrafe<sup>3</sup> elucidadora de outro "existencialista", o frankfurtiano Marcuse:

"Ser é, essencialmente, lutar pelo prazer." (1968: 118)

## II. A CULTURA

"o homem vive poeticamente sobre a terra."

(EP 119)

### 6. O eterno retorno da utopia

"Da podridão

As sereias

Anunciarão as searas"

(CC 191)

A visão de universo em Oswald, como sua prática artística e cultural, reside na utopia, que é a morada de seu ser poético. Ele nos apresenta um projeto fantástico, a síntese de natureza e humanidade, de anarquia cósmica e cultura, o novo matriarcado, sem se deter nos meios de realizá-lo. Mas em sua obra aparecem fragmentos como estes:

"Socialismo utópico, que poderá ser mais tarde atingido e consolidado através da técnica e pela organização do trabalho humano." (MU 164) "a revolução estética prenunciadora da revolução social" (PL 107). "O poeta, o pensador e o artista são as vozes da sociedade." "São os semáforos cujas antenas captam o ar dos tempos novos." (EP 97)

Sua prática cultural remete as vozes para o grande debate, a revolução cultural permanente. Oswald não era um político: era um político fracassado, derrotado em 1945, no interior do partido comunista, que não o levava a sério, e em 1950, como candidato a deputado federal. Seus fracassos políticos contribuem para convertê-lo em filósofo-poeta. (Oswald é o avesso de Hitler, que fracassou na pintura e transformou-se em político.) Se a política é, em síntese, violenta luta pelo poder, vontade de poder no mau sentido, essencialmente patriarcal, a cultura são os semáforos que anunciam o futuro. Cristianismo e marxismo são exemplos do poder das idéias. Ao mesmo tempo em que Marx apontava para a supremacia do econômico, sua prática cultural penetrava nas massas e transformava o mundo, desmentindo-o dialeticamente. Em Kant, não é o conhecimento que deve regular-se pelos objetos: são os objetos que devem regular-se pelo nosso conhecimento (1975:18s). Em Marx, "Os filósofos não fizeram mais que interpretar o mundo de diversas maneiras; o que importa é transformá-lo." (1971:341) Isto é, os filósofos práticos detêm o poder de transformar o mundo.

No entanto, a que nos conduziu o "socialismo científico" com que Engels (1972, 1945) via encerrado o ciclo das utopias socialistas? Com Stálin, o sonho utópico transformou-se em pesadelo científico, assim como a relatividade de Einstein — que comprovou Kant e Freud, demonstrando a subjetividade do tempo e contribuindo para a liberdade da arte moderna — transformou-se em Hiroshima e Nagasáki. Marx evitou descrever a sociedade futura, temendo parecer utópico; evitou sonhar, e a falta de sonhos na teoria marxiana — à exceção de alguns fragmentos, onde ele vislumbra a abolição da propriedade econômica, do Estado político e da divisão de

trabalho cultural, além do fim da distinção entre cidade e campo (1973b; Marx e Engels, 1970 e 1968) — custou caro: o peso em ouro de Stálin, "o homem de aço". Marx contentou-se em descrever seu presente (O capital) e o passado, furtando-se à imaginação, a ser o semáforo da sociedade ou a antena da raça (Pound, 1970). Ele realmente transformou o mundo, mas não numa comunidade que retomasse dialeticamente o primitivo, o humano natural, o homem-animal, e sim num imenso capitalismo de Estado: a nova economia política de Lênin — que degenerou no Estado totalitário (político-econômico-cultural) de Stálin e Brejnev —, o new deal de Roosevelt, o nacional-socialismo de Hitler. Marx desconhecia o ovo de Colombo de seu discípulo heterodoxo Antonio Gramsci: "prever significa somente ver bem o presente e o passado enquanto movimento" (1975:1810). Ao afirmar que o socialismo começaria nos países mais adiantados — e não numa Rússia czarista —, Marx ainda pode vir a acertar. As contradições do capitalismo (acima de tudo, as ilen- sas forças produtivas contra as estreitas relações de produção) podem vir a se mostrar insolúveis. Mas a sua "ditadura do proletariado" é indesculpável: forneceu armas e argumentos aos marxismos mais degenerados (veja o poema "pavloviana" nas Anatomias de José Paulo Paes, minimalista sucessor de Oswald). No não-prever residiria a cientificidade do marxismo, enquanto a utopia reside no sonho. No entanto, o utópico, sonhador e anárquico Kropótkin soube prever, em 1900: "Tratava-se na verdade de socialismo de Estado, isto é, de capitalismo de Estado." (1946:363)

Oswald não foi o único a retomar a utopia, o socialismo utópico. As correntezas profundas que levaram Marx às suas últimas conseqüências libertárias e anarquistas, que culti- varam os seus aspectos mais lúcidos, tomando-o pela raiz,

localizaram a utopia não apenas aquêr, mas também para além da ciência. "O caminho do socialismo vai da ciência à utopia, não apenas da utopia à ciência", afirmou Ernst Bloch (*Petit-fils*, 1981:153).<sup>1</sup> Palavras que ecoam no Marcuse de 1967 (O fim da utopia):

"devemos, pelo menos, perseguir a idéia de um caminho para o socialismo que leve da ciência à utopia e não, como ainda acreditava Engels, de um caminho que vá da utopia à ciência." "as chamadas possibilidades utópicas não são absolutamente utópicas" (1969a: 14, 22).

O caminho oswaldiano é precisamente este: da ciência à utopia. A ciência está na bibliografia da Crise, mas não é ela que mais interessa a Oswald. O que mais lhe interessa são os sonhos — todo poeta é sonhador: sonhos são poemas latentes, poemas são sonhos reais<sup>2</sup> —, os mesmos sonhos que ele teve 22 anos antes, no manifesto antropófago, sobre o matriarcado de Pindorama. Ele quer transformar o universo em matriarcado de Pindorama que, como o sonho, abole espaço-tempo-causalidade tradicionais. A utopia inventa novos tempos (os tempos livres), novos espaços (o fim da oposição cidade-campo), novas lógicas (a construção dialética do mundo moderno — veja supra, AN 141, EP 276s). Seu sonho, utopia e poema são a "Construção dialética do novo mundo matriarcal" (AN 199), o fim da família patriarcal, da propriedade e do Estado. Leitor devorador d'A origem da família, da propriedade e do Estado de Engels — onde provavelmente ele conheceu a dimensão Bachofen e o matriarcado, apesar de afirmar tê-los conhecido em Nietzsche,

talvez em lapso sintetizador dos dois Friedrichs (um de seus pseudônimos na Revista de antropofagia era "Freuderico", cruzando seus três mestres: Marx, Nietzsche e Freud — se bem que seu marxismo só se desenvolveu após a crise de '29 e o relacionamento com Patrícia Galvão, a Pagu) —, seu título para A crise poderia perfeitamente ser O fim da família, da propriedade e do Estado. Tudo que tem origem pode ter fim, eis a dimensão histórica. "A origem é a meta" — "Ursprung ist das Ziel" —, afirma outro aforista, Karl Kraus (Adorno, 1982:82, 1970:104; Benjamin, 1987:229). Se Engels volve seus olhos para a origem, Oswald lança seus olhos para a origem-meta, para a meta-origem. Engels é "científico"; Oswald, utópico.

"No fundo de cada Utopia não há somente um sonho, há também um protesto." "Agora já se concede direito de cidadania ao sonho, ou seja, à Utopia que precede transformações sociais." "É preciso sonhar!" "O desacordo entre o sonho e a realidade nada tem de perigo se quem sonha crê seriamente em seu sonho, se trabalha conscientemente para a realização de seu sonho. Quando há contato entre o sonho e a vida tudo vai bem" (MU 194s).<sup>3</sup>

Eis um fragmento d'A marcha das utopias, que é a continuação dialética da Crise. Depois de oferecer-nos cordialmente sua própria utopia, Oswald caminha para a observação da origem das utopias modernas, de 1500, com Américo Vespúcio e Thomas Morus ("Morus utiliza comprovadamente o memorial de Américo Vespúcio", confirma Ernst Bloch: 1979, II:79), ao Manifesto de 1848 (MU 147). E encontra essa origem no índio americano (MU 151 passim), donde a universalidade do matriarcado de Pindora

ma: A marcha termina nas "Variações sobre o matriarcado" (MU 201ss). A observação dos sonhos alheios confirma seus próprios sonhos.

Atualmente afirma-se que as utopias são "perigosas", utilizando-se as degenerações do marxismo como argumento. No entanto, esquece-se que o stalinismo aconteceu em nome da ciência, numa rejeição da utopia (CFM, 73s; Wetter, 1968; Kuucinen e outros, 1962). Aqueles que o afirmam são os que desejam impedir-nos de sonhar. "Viver é muito perigoso", fala e refala o grande Rosa no Grande sertão ; veredas, em sentido trágico e antropofágico. (Seu conto "Meu tio o Iauaretê", de Estas histórias, tem o mesmo sentido. Veja Clastres, 1978:94, e Araweté: os deuses canibais, de Castro, 1986.) Mais perigoso que sonhar é a realidade presente e seu princípio. O nazismo não aconteceu em nome de nenhuma utopia, foi uma contra-utopia conservadora (Mannheim, 1972) que pretendia transformar o capitalismo totalitário em reino milenar. Os fascismos são uma forma política freqüente no capitalismo, como no Brasil de 1937-1945 e de 1964-1985. O presente capitalista é muito perigoso, afogando massas de humanos num mar de miséria econômica, política (a burocracia estatal e partidária não é acessível ao homem comum) e cultural (a ignorância). Este presente pertence ao reino do ter, fase da marcha humana a ser superada pelo reencontro do homem natural, da natureza humana, do ser em sua plenitude, em devir. Não se pode negar ao humano o direito de sonhar com um futuro sem misérias, com uma existência enraizada na alegria, a existência sem temor -- não após a morte, de forma messiânica, mas aqui mesmo neste pequeno planeta --, nem o direito de transformar seus sonhos, suas utopias, em aqui-e-agora.

A utopia existe realmente aqui-e-agora, é um ser-aqui, nos tropos utópicos da poesia, arte e cultura. A poesia é linguagem fixando paraísos (EP 119). "Paraíso" de Dante ou de Philippe Sollers, "Mignon" de Goethe,<sup>4</sup> "O convite à viagem" de Baudelaire,<sup>5</sup> "Vou-me embora pra Pasárgada" de Bandeira,<sup>6</sup> são uma demonstração da essência da poesia e da cultura. A cultura existe dialeticamente como negação da economia e política, como imaginação contra o presente, como negação da civilização econômica e política, em que pese a identificação freudiana entre cultura e civilização; ao menos a verdadeira cultura viva, aquela que supera o que já foi dito e feito antes, aquela que não repete o que outros disseram antes.<sup>7</sup> Por isso a burguesia tende a vaiar todos os modernismos (em São Paulo de 1922 ou em Londres de 1937, quando Éluard respondeu às agressões anti-surrealistas: "Pouco lhes importam os sarcasmos e os risos, eles estão acostumados com isso, mas eles têm presentemente a certeza de falar por todos." [1984, I: 521]) No Brasil, poucos têm, como Oswald, a consciência da vitalidade surrealista. No humor de Décio Pignatari, não existe surrealismo no Brasil, pois o próprio país é surrealista. Mas o antropofagismo é um surrealismo: Nunes, 1984 — enquanto o joyceanismo diverge do surrealismo: Breton, 1977:179ss), o burgo aprecia as culturas mortas, que já não contêm seiva para sustentar a rebelião contra o presente. A cultura viva é a que nos leva para além do presente e do real, transcendendo o princípio de realidade e conduzindo-nos ao princípio de prazer. Por isso a cultura nazista e o realismo socialista, tão recentes, estão todos mortos, enquanto o Homero órfico e dionisíaco, em seus quase 3000 anos, continua a respirar.

Oswald e García Márquez aceitaram o convite dos poetas bau delaireanos, realizam uma viagem permanente, rumo a "outra civilização".<sup>8</sup> Eles estão ativos na realização da cultura viva.

"a Arte, a Cultura e a Filosofia nada mais são do que a expressão da utopia central da época" (Mannheim, 1972:246).

"a arte deve e pretende ser utopia" "só através da sua negatividade absoluta é que a arte exprime o inexprimível, a utopia" (Adorno, 1982:45s, 1970:55), o inefável.

"A poesia, se quer uma verdade nova, será utópica" (Bosi, 1983:176).

"a obra de arte é o laboratório e a festa dos possíveis",

a arte é a janela da utopia (Bloch: Furter, 1974:104, 145). A utopia é a origem e a meta da cultura viva. Portanto, Serafim de Oswald e O amor nos tempos do cólera de Márquez desembocam no sonho utópico da viagem permanente através das águas, elemento de onde todos viemos. Em ambos, a "peste a bordo", a decadência do ocidente, a crise messiânica, A montanha mágica de Mann, permite a saída da civilização, a descida antropofágica através de "uma revolução puramente moral" (SPG 262).<sup>9</sup>

"— Y hasta cuándo cree usted que podemos seguir en este ir y venir del carajo?"

"Toda la vida -- dijo.

FIN<sup>10</sup>

"seremos coroados na terra e fruiremos deliciosas alegrias nessa viagem de mil anos de que acabamos de falar." (Platão, 1962:450)

"vivemos apenas o romance da eterna pesquisa"  
 "Prossigamos na realização do Inachado, do Irrealizável, do Incrível" (MS § 155).

A utopia central de nossa época, desde a falência da revolução russa nos anos '20, deixou de ser o socialismo científico, que transtornou-se em ideologia dogmática. Ela está no coração dos movimentos ecológicos que buscam recuperar a natureza (o "verde que te quero verde" de mais um poeta vítima do fascismo, Federico García Lorca, "A Verdadeira Casa Verde" de Oswald [PB 104], na morada do ser) e a humana natureza (o indígena). Semáforo da sociedade, Oswald antecipou-se à utopia central do fim de século. A fome do homem, a morte pela fome, para o humano é mais importante que a matança de baleias, que a natureza, que o universo. O ego quer ser eterno, mero centro do universo. Mas somente a recuperação da natureza pode abolir, saciar, a fome humana, sua fome de alimento e de amor. Disse Horácio, "Mais felizes são os animais selvagens. Seus campos, sem limites, produzem uma colheita livre e comum." (Beer, 1979:110) Enquanto os homens se escravizam em trabalho compulsório, essência de sua existência — já não se vive, so mente se sobrevive —, os animais-anjos e a ponte homem-animal, que são os índios, vivem uma existência humana, um ser-aí (Dasein), um ser-aqui — e agora — extático e dionisíaco.

A cultura viva, da Grécia antiga à consciência ecológica que se desenvolveu no século 20, surge como portadora da natureza, utopia viva que ilumina os tempos futuros. A utopia central da época origina-se na descoberta do índio americano. "As Utopias foram as caravelas ideológicas desse novo achado — o homem como é, simples e natural." (MU 190) O movimento de idéias — não ideológico, mas utópico (Mannheim, 1972) — que se inicia em Américo Vespúcio e Thomas Morus tem continuidade no Rousseau do Contrato e das desigualdades, no romantismo indianista extático, no poético jovem Marx (1971) que buscava a síntese de humano e natureza, de idealismo e materialismo, e nos modernismos europeus e brasileiros que liberam o sonho e, com o sonho, a primitividade natural de nosso inconsciente coletivo reprimido. A bomba atômica ensinou ao humano que ele tem o poder de destruir sua própria morada, seu próprio planeta, e gerou dialeticamente, como sua negação, a consciência naturalista. A antropologia é ciência que fornece vastos horizontes à utopia, no caminho da ciência à utopia, demonstrando infinitas formas de ser humano, aquém — e, utopicamente, além — do ter ou não ter capital. Nesse movimento se inscreve o homem natural oswaldiano.<sup>11</sup>

"em face do descalabro a que nos vem conduzindo o Patriarcado, cuja maior façanha é a descoberta da bomba de hidrogênio"

(MU 189), nada resta ao ser humano senão a redescoberta da natureza, sua retomada dialética, que una as conquistas da técnica à nossa essência natural. Ao deixar de produzir o supérfluo, como a bomba e a guerra, o universo humano possuirá tem

pos livres para cultivar sua própria natureza.

"Agora, só na busca, pesquisa e encontro das origens primitivas está a salvação de um universo que desmorona." (DD 212)

No coração, na essência, na origem e na meta da utopia oswaldiana está o primitivo, o natural, o índio, o tupi or not. O tupi e a utopia são as faces da mesma moeda, ou melhor, uma vez abolida a moeda, as faces do mesmo universo que ascende.

## 7. O eterno retorno do tupi

"Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a língua sur-  
realista. A idade de ouro.

Catiti Catiti	* "Lua nova, ó Lua Nova, asso-
Imara Notiá	pra em Fulano lembranças de
Notiá Imara	mim" (MA)
Ipeju*.	

"Eu digo a você me espere

No caminho do porto,

Me espere.

Eu digo que vou você

Me espere,

No punho de tua rede,

Me espere." (Canção indígena em Primeiras  
Letras, tradução Barboza Rodrigues)

"No fundo do poço

No cimo do monte

No poço sem fundo

Na ponte quebrada

No rego da fonte

Na ponta da lança

No monte profundo

Nevada

Entre os crimes contra mim

Maria Antonieta d'Alkmin" (CC 183)

"E se ele vier  
 Defenderei  
 E se ela vier  
 Defenderei  
 E se eles vierem  
 Defenderei  
 E se elas vierem todas  
 Numa guirlanda de flechas  
 Defenderei  
 Defenderei  
 Defenderei  
 .....  
 Te ensinarei  
 O segredo onomatopaico do mundo" (CC 184, 188)

O índio é a utopia viva que o ver com olhos livres oswaldiano divisa no horizonte da natureza, na paz do atemporal. O nativo americano vivia (ainda vive) na verdadeira casa verde, em síntese íntima com o natural, em harmonia natural. O homem civilizado expulsou a natureza de seu espaço, em suas cidades cinzentas, passou a contar o tempo avaramente — segundo a tirania do minuto (Benjamin) —, transformando-o em mercadoria, tempo de trabalho; expulsou a natureza de si mesmo, recalçando seus instintos naturais, desenvolvendo as pulsões de morte (Tânatos), de destruição e de morte e de guerra, inconscientizando-se das pulsões de amor (Eros). "consideram tudo o que é natural como vergonhoso" (Freud, 1970, II: 180). "Tudo que era natural era porco" (HSP 55) e "Nós queremos voltar ao estado natural" (DD 45). Naturalmente, isto não significa voltar a ser índio, ainda que o índio devore

uma existência mais rica, alegre e feliz, dionisiaca e extática (a vida como devoração pura) que a nossa. Em Oswald não há nostalgia, a volta com dor. Ele busca alegremente, em sua gaia ciência, reconciliar a técnica civilizada com a natureza. O índio, sem técnica alguma, não é obrigado a trabalhar mais que o homem moderno, o homo capitalista. Por que o homem do capital, tecnizado, que dispõe das forças produtivas mais requintadas, é obrigado a trabalhar mais que o índio com suas mãos livres? Aqui, Marx continua com a razão: as forças produtivas, extremamente desenvolvidas, estão em contradição com as estreitas relações de produção, que seguem sendo essencialmente as mesmas de 1867, ano do Capital (livro 1). Reconciliar a técnica com a natureza significa fazer as forças produtivas, principalmente a tecnologia, liberarem tempos livres para o homem cultivar sua própria natureza, através da fantasia, invenção e amor. Significa reconciliar as relações de produção arcaicas com as forças produtivas extremamente desenvolvidas. A contradição entre forças e relações de produção nos faz viver em tempos de Crise permanente, crise que poderia solucionar-se em síntese: o homem natural tecnizado. Esta síntese seria "a libertação do tempo que une o homem com deus, o homem com a natureza", com Orfeu, Narciso e Dionísio (Marcuse, 1968:148).

Há muito em comum entre o Oswald de A crise e o Marcuse de Eros e civilização em 1955. Oswald opõe o patriarcado messiânico, o logos-contra-o-mito de Sócrates a nossos dias, ao matriarcado natural. Marcuse opõe a civilização unidimensional do presente à libertação de Eros. O brasileiro propõe nova cultura, baseada no amor, fantasia e invenção. O alemão sintetiza estas três fontes: "Eros, livre, cria" (1968:150). Em Marcuse também está presente o homem natural tecnizado oswaldia

no:

... "E o passado continua a reclamar o futuro: gera o desejo de que o paraíso seja recriado na base das realizações da civilização." (1968:38)

Essas realizações são a técnica. A obra de ambos flui ao ócio (Oswald), à dimensão estética (Marcuse). Mas enquanto Marcuse (e Freud: Eros e civilização é interpretação filosófica do pensamento freudiano) encontra o homem pré-histórico presente no inconsciente coletivo (conceito junguiano que Freud aborda em suas psicologias de grupo) do homem contemporâneo, Oswald acrescenta novo elemento: o índio vivo, aqui e agora. O nativo estava relegado aos subterrâneos da cultura desde o indianismo romântico, que realizou a segunda descoberta da América (de Fenimore Cooper a Dias e Alencar). Ao recuperá-lo, Oswald realiza a terceira descoberta da América, demonstrando a realidade indígena que estava coberta por uma cultura parnasiana negadora do "Brasil brasileiro" (DD 37).

O primitivo foi re-descoberto por Darwin, Bachofen, Lewis Morgan, Marx, Engels, Nietzsche e Freud, tornando-se fonte dos modernismos, do cubismo ao surrealismo. Como percebeu a crítica, foi em Paris que Oswald descobriu o Brasil e o índio. Nas palavras de Antonio Candido,

"no Brasil as culturas primitivas se misturam à vida cotidiana" "as terríveis ousadias de um PICASSO, um BRANCUSI, um Max JACOB, um Tristan TZARA, eram, no fundo, mais coerentes com a nossa herança cultural do que com a deles." "Os nossos modernis-

tas se informaram pois rapidamente da arte européia de vanguarda, aprenderam a psicanálise e plasmaram um tipo ao mesmo tempo local e universal de expressão" "É impressionante a concordância com que um APOLLINAIRE e um CENDRARS ressurgem, por exemplo, em Oswald de ANDRADE." (1967:142s)

O primitivo está duplamente presente no inconsciente coletivo, na herança arcaica, na memória hereditária do homem americano e brasileiro. Primeiro, possuímos os resíduos da natureza, do animal, do homem pré-histórico. Segundo, os europeus conquistaram um continente povoado pelo homem pré-histórico, que penetrou na história através das utopias de um Thomas Morus, um Rousseau, um Oswald de Andrade. "A conquista foi, antes de tudo, uma tremenda carnificaria" (Mariátegui, 1968:38), mas isto não impediu que o europeu devorasse culturalmente os índios, buscando extinguir a cultura nativa, mas dela se contaminando em sua visão de mundo, ainda que inconscientemente. O índio é exemplo da possibilidade de novas culturas, marco zero das utopias modernas e dos modernos acontecimentos, como as revoluções francesa (MU; Franco, 1976) e russa. As comunidades primitivas estão na fonte, na infra-estrutura do projeto marxiano. É quando o marxismo deixa de ser utopia (a partir da ciência) para se tornar ideologia (dogma) que ele morre. Daí a morte da União Soviética e do socialismo real, cuja cultura se reduz ao realismo socialista, à propaganda que extermina a cultura.<sup>1</sup>

Ao liberarem o sonho (e a utopia, sonho diurno, coração pulsante da cultura), vanguarda européia e modernismo brasileiro liberam o homem pré-histórico, o índio que dorme em

nosso inconsciente, encarcerado nos subterrâneos do homo fa-  
ber capitalista. O sonho surreal, devorado por Oswald, trans-  
 forma-se na utopia antropofágica, que ele conduz sozinho, qual  
 Dom Quixote -- Sancho Pança seria suas inúmeras mulheres ma-  
 triarcais --, até ao fim de sua vida, em meio à indiferença  
 de brasileiros que aspiravam a ser europeus, enquanto os eu-  
 ropeus aspiram a ser semelhantes aos índios primitivos, des-  
 de Thomas Mann (cuja mãe era brasileira) aos antropólogos e  
 verdes de hoje. De Américo Vespúcio aos antropólogos, os eu-  
 ropeus não cessam de descobrir a América, o índio americano.  
 Ao complexo de Vespúcio, os brasileiros respondem com o com-  
 plexo de serem inferiores aos europeus.

"Graça Aranha costuma matar-me com este epíteto:  
 primitivista!" "Primitivismo, porque se formos natu-  
 rais, temos que ser de nossa época. Uma época que co-  
 meça",

e que ignorava o Brasil até 1922 (TEL 50s). Nosso "teórico do  
 primitivismo" (Candido, 1970:40) não busca o exótico e o pitu-  
 resco. Busca mergulhar nas profundezas do inconsciente coleti-  
 vo, até conscientizar-se do índio, do primitivo pré-histórico,  
 tomar o Brasil por suas raízes. Se "Brasil" tem quinhentos  
 anos, Pindorama -- nome como os tupis chamavam o "Brasil" --  
 e o homem do Piauí têm cinquenta mil anos. Marco Zero de nos-  
 so país está na Ponta de Lança nativa, na "única coisa que é  
 nossa -- o índio," (EP 43) Assim como sucede a amnésia in-  
 fantil (o homem reprimido esquece sua infância, do feto aos  
 cinco anos), a humanidade tende a esquecer-se de sua própria  
 infância primitiva. Oswald age pela desalienação, pelo desejo

trançamento, desdistanciamento do que fomos, projetando nosso passado perdido em busca de um futuro liberado.

Segundo o poeta-filósofo, foi nos "Canibais" de Montaigne (Essais) que ele descobriu o primitivo (EP 231). O retrato que Montaigne faz dos índios demonstra a surpresa européia ante uma forma harmônica de existência, no caminho do fato utópico à filosofia-mãe das ciências:

"nenhum nome de magistrado nem de superioridade política", nenhum hábito "de riqueza ou de pobreza", "nenhuma ocupação que não as ociosas, nenhum respeito de parentesco que não o comum, nenhuma vestimenta", "nenhum metal", "as próprias palavras que significam a mentira, a traição, a dissimulação, a avareza, a inveja, a difamação, o perdão, são desconhecidas."  
(1935:284)

Isto é, uma sociedade sem família patriarcal, propriedade, Estado, divisão de trabalho, a verdadeira casa verde, a verdadeira república comunista e anarquista plenamente realizada, antes de o homem conquistar o homem para fazê-lo seu escravo, casta, classe inferior. O brasileiro pode testemunhar esta república dentro de sua própria república, demonstrando contundentemente que o capital não é a única forma de sociedade possível, que a história, ser em devir, transforma as sociedades. Enquanto houver utopia, não haverá o fim da história. O índio, o tupi, é a face viva da utopia, o tópico do utópico, o lugar do não-lugar, na morada da fantasia, origem da história. A retomada de sua visão de mundo,<sup>2</sup> de sua forma de vivenciar o universo, seria o fim da pré-história humana, imaginada por

Marx na síntese de sua cosmovisão: o prefácio à Contribuição para a crítica da economia política (1973:27-31).<sup>3</sup>

Do comunismo utópico ao anarquismo científico: eis os caminhos oswaldianos. Pesquisando a antropologia (de Darwin a Freud e Lévi-Strauss), buscando ver bem o passado e o presente enquanto movimento, ele deseja prever, como outro heterodoxo que ele não conheceu: Antonio Gramsci (1975:1810), que escreveu suas obras completas no cárcere de Mussolini (os  cadernos do cárcere, que só não contém a juvenília). Oswald é "um pássaro profético que dirige seus olhos para trás quando descreve o que pertence ao futuro" (Nietzsche, 1945:105). No anel do eterno retorno, o tupi é a origem e a meta. Mas este anel é espiral: Oswald une o êxtase indígena, onde o tempo não existe, à técnica. Observando o índio, ele descreve o que pertence ao futuro, e nesta descrição ele é utópico e científico simultaneamente: sua origem é a ciência, sua meta a utopia. Como pássaro profético, suas visões e miragens pareceram quimeras a seus contemporâneos, enquanto hoje concordam com as filosofias mais avançadas, as filosofias da liberdade, como a de Sartre, dos frankfurtianos e seus discípulos. O caminho do campo começa na ciência (biologia, zoologia, antropologia), pela consciência da natureza, do animal e da natureza humana, e alarga-se através da dimensão utópica, pela projeção do futuro, pelo alçar e levantamento do futuro: "a humanidade só levanta os problemas que é capaz de resolver" (Marx, 1973:29). Oswald levanta um problema: o futuro: a utopia iluminada pelo passado tupi (primitivo, origem). Neste olhar ao passado, o poeta-filósofo cita Américo Vespúcio e Hans Staden, que desenham textos semelhantes aos de Montaigne:

"Vespúcio: 'Aqueles povos têm una scellerata libertà di vivere, la quale più tosto se conviene agli Epicuri che alle Stolci'.<sup>4</sup>

Estava revelando que, na realidade e na prática, era possível viver-se em estado epicúreo." (MU 215)

"Sobre a índole dos habitantes, diz que era cheia de cordura e inocência. Viviam num regime de absoluto comunismo, pois que ignoravam a propriedade, a moeda, o comércio" "Inteiramente livres, não tinham reis nem chefes, sendo cada um rei de si próprio. Esta liberdade social era completada por absoluta liberdade moral" (Américo Vespúcio segundo Franco, MU 215).

"Não há divisão de bens entre eles. Nada sabem do dinheiro. Suas riquezas são penas de pássaros." (Hans Staden, MU 213)

Estes desenhos inspiram o ideal da revolução francesa (liberdade, igualdade, fraternidade) e o comunismo primitivo pintado por Marx -- e Engels --, que inspiram a revolução russa. Nenhuma dessas revoluções conseguiu realizar a liberdade, igualdade e fraternidade em sua plenitude, antes pelo contrário. Se estas existem hoje, é nos poucos redutos indígenas que restam pelo planeta.

Distanciando-se da natureza e de sua natureza, o que o homem faber conseguiu, na Rússia, nos Estados Unidos, foi transformar-se em potência militar supérflua, capaz de destruir diversas vezes o planeta, a natureza. O indígena nos dá o e-

xemplo de organização social próxima à natureza. A técnica do homo faber permite-nos retornar à infância da humanidade, reduzir a jornada de trabalho a um mínimo, conquistar a Terra sem mal (Clastres, 1978) onde os fusos trabalham sozinhos.

Oswald aspira<sup>2</sup>retomar a infância da humanidade, mas também busca que cada um reconquiste sua própria infância.

"O artista traz sempre em si o estigma do primitivo, do louco e da criança." (EP 288) "Houve também no campo da alta cultura uma revalorização sensacional da criança e do primitivo e um novo respeito pelo louco. A pedagogia mudou. A psiquiatria também. Os artistas que são os semáforos da sociedade deram o alarma." (MU 191) "A infância é a Idade de Ouro de cada um" (EP 287).

Freud está de pleno acordo:

"o próprio Paraíso nada mais é que uma fantasia grupal da infância do indivíduo." "a criança continua a viver, quase inalterada, no doente, bem como naquele que sonha, no artista" (1970, IV:260, XIX:341).

O índio, o louco e a criança, como a arte, o sonho e a utopia, possuem tempos-espacos-lógicas que divergem do senso comum. No homem comum existe o tempo de trabalho, o espaço urbano e a causalidade absoluta. Naqueles, a relatividade se manifesta: aparecem os tempos livres, os espaços sem limites e a lógica dialética, a simultaneidade, a contradição. Compare

o tempo do índio, infinito e eterno enquanto dura (Vinicius, Bergson), com o tempo do trabalhador, que na insurreição de 1848, em Paris, disparava tiros contra os relógios, aspirando a uma cultura sem tempo de trabalho, à eternidade, "numa civilização sem relógio" (CFM 35). Na filosofia messiânica, a eternidade existe após a morte. A crise do messianismo leva-nos a um futuro em que a vida é infinita e eterna, em que devoramos a existência. É porque não somos eternos (nem o planeta o é, com o imperativo de seu destino cósmico) que nossa vida tem de ser eterna enquanto dura: "que não seja imortal posto que é chama/mas que seja infinito enquanto dure", disse um poeta em sua lógica contraditória, dialética (Vinicius).

Todo indivíduo vivencia seu próprio paraíso, sua própria idade de ouro, nos tempos em que o ouro não existia, isto é, na infância, em seu ser primitivo e original. O artista é aquele que consegue recuperar sua infância, ou manter-se na infância durante toda a vida, como Baudelaire, Van Gogh, Mozart, Bandeira, Oswald.<sup>5</sup> Do renascimento ao século 19, a arte não deixa de ecoar Homero e os clássicos gregos, representantes da infância da humanidade.<sup>6</sup> No romantismo (Löwy, 1990) e nos modernismos, a arte descobre o primitivo, o passado, no coração pulsante do presente, a infância humana, o indígena, em contraste com a Europa velha e decadente (veja supra, bloco 5). No primitivo, os românticos e as vanguardas reconheceram seu próprio Ics. (inconsciente), sua própria infância esquecida, a infância que se inicia no feto e termina aos cinco anos, onde não existe tempo-espaco-lógica, nem a razão pura kantiana.<sup>7</sup> Na França e no Brasil, foram os artistas que descobriram a psicanálise e o inconsciente (veja supra, bloco 5; Oswald antecede <sup>(Arthur Ramos,)</sup> Durval Marcondes e Dionélio Machado):

semáforos da sociedade, eles deram o alarme de incêndio (Benjamin, Löwy 1990). Século 20 é século da relatividade, de seus usos culturais (surrealismo) e de maus usos econômicos e políticos (poluição nuclear). Na França, os surrealistas levaram a relatividade e o inconsciente a suas últimas consequências em sua luta contra o tempo. No Brasil, a radicalidade oswaldiana, a viagem permanente, a revolução permanente que espantava até mesmo o lúcido Mário de Andrade, foi uma voz quase solitária nessa luta contra o tempo, na recuperação da infância da humanidade e da própria infância. A voz solitária acusada de primitivista, exótico ou pitoresco.

Em 1934, Oswald assim intitulou o sétimo quadro de O homem e o cavalo: "A verdade na boca das crianças" (HC 191). Trinta anos depois, Jean-Paul Sartre escreve nas memórias de sua infância:

"Não basta que minha índole seja boa; cumpre que seja profética: a verdade sai da boca das crianças. Muito próximas ainda da natureza, são primas do vento e do mar: seus balbucios oferecem, a quem sabe ouvi-los, largos e vagos ensinamentos." (1964: 20)

Não cabe falar de influência oswaldiana sobre Sartre: as idéias ocorrem simultaneamente em vários pontos do planeta: a cultura é coletiva. Nas marchas das utopias, diversos autores realizam as mesmas descobertas simultaneamente. As coincidências significativas nunca têm fim (daí a possibilidade da literatura comparada). Ou talvez, se não há nada de novo sob o sol, estejam Oswald e Sartre ecoando os textos pedagógicos

de outro anarquista, Leon Tolstói, ou "O futuro de uma ilusão" de Sigmund Freud.

"quero ensinar os filhos do povo a pensar e a escrever; eu é que deveria aprender na sua escola a escrever e a pensar; procuramos o nosso ideal adiante de nós, quando ele está atrás de nós. O desenvolvimento do homem não é o meio de realizar esse ideal de harmonia que trazemos dentro de nós; pelo contrário, é um obstáculo à sua realização. Uma criança cheia de saúde está mais perto das criaturas que não pensam, do animal, da natureza, que é o tipo eterno de verdade, de beleza e de bondade." (Tolstói)<sup>8</sup>

"Pense no deprimente contraste entre a inteligência radiante de uma criança sadia e os débeis poderes intelectuais do adulto médio." (Freud, 1970, XXI:61)

"Oswald, que adorava o baby talking" (Aracy Amaral, 1975:111), sabe ouvir os balbucios infantis, e com eles constrói a sua obra. Paz, verdade, amor, liberdade, paixão, eternidade, saem da boca das crianças e dos primitivos. Mais tarde, ao influxo da repressão, a genialidade da criança cede espaço ao homem unidimensional, messiânico e patriarcal, ao homo faber cujo Deus é o ter (God/Gold), acumular o haver. Da mesma forma, a evolução do primitivo degenerou no homem capitalista, que tem sua origem na escravidão da antiguidade. Na eternidade do universo, em seu coração pulsante através do big-bang, a escravidão em que vivemos (o trabalho compulsório, o Esta-

do, a divisão de trabalho, o patriarcado) não é mais que um momento, um segundo cósmico. Mas, em nosso senso comum de tempo, cerca de quatro mil anos<sup>9</sup> de escravidão são uma eternidade a ser messianicamente recompensada após a morte.

A criança e o primitivo têm muito a nos ensinar: uma cultura e uma visão de universo naturais, aquém e além da civilização do ter, que transforma todos os seres em coisas e mercadorias. A intuição natural está acima da razão capitalista. Oswald aspira a novas razões, à razão natural, que parte da intuição e a ela retorna: aspira à relação dialética entre razão e intuição, entre cultura e natureza, entre a técnica e o primitivo. Sua razão dialética sabe aprender com seu filho de dez anos (PB 104), com o primitivo (EP 232) e com os sonhos (Fromm, 1976, Breton, Éluard). Sua cosmovisão tem origem em seu primeiro manifesto, em 1924:

"Como uma criança." "a inocência construtiva,"  
 "Nossa época anuncia a volta ao sentido puro." "Ver com olhos livres" "O estado de inocência" "originalidade nativa"... (MPB § 5-21)

Ao ver com olhos livres, ele descobre o Brasil pré-histórico, a infância de Pindorama, onde devora-se a existência sem temor. Na Crise, como no grande ser-tão de Rosa, está Kierkegaard, que origina o existencialismo: "o homem natural e a criança não sabem o que é horrendo, mas o homem sabe e treme." (CFM 64) Temor e tremor anulam a existência: o homem civilizado já não vive, sob o fardo da miséria cultural, política e econômica. Os escravos temem seus senhores, os senhores temem seus escravos: todos temem-se entre si. Onde não há se-

nhores e escravos, onde a natureza predomina sobre a razão capitalista, vive-se o ser-devir em sua plenitude, desconhecendo-se o medo que anula o ser e o reduz ao nada. O filósofo, "ameaçado constantemente pelo Nada, deseja a realização plena a partir da origem" (Jaspers, 1973:35), a origem que é a meta, a natureza, a morada do ser. Oswald nos propõe a retomada de uma visão de universo natural, o homem natural tecnizado, que sintetiza a origem da cultura (a harmonia do caos universal) e o fim da civilização (a técnica). Seu testamento, "A reabilitação do primitivo" (EP 231s), ignorado em 1954, e toda sua filosofia começam a repercutir. Depois da poesia concreta em 1956 e do tropicalismo em 1968, que o reivindicam, nos anos '70 começa a re-surgir uma consciência indígena:

"Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro" <sup>Walnice</sup> (Walnice Nogueira Galvão, 1979:43).

## 8. No matriarcado de Pindorama

"bonde

O transatlântico mesclado  
Dlenalena e esguicha luz  
Postretutas e famias sacolejam"

(PB 106)

O matriarcado é uma das mais fascinantes e polêmicas teses oswaldianas, tese mais polêmica que a antropofagia, que tem sido bastante analisada, enquanto metáfora e alegoria.<sup>1</sup> Acrescentaríamos apenas que antropofagia é ironia de um hegeliano (Verene, 1985) sobre-real, super-real, surreal e metafórico, e que a cosmovisão oswaldiana não devora somente a Europa, mas também a América pré-colombiana, digerindo criticamente o europeu (o homem civilizado, tecnizado) e o nativo americano (o homem natural). A devoração do antropófago: eis uma dialética oswaldiana. A antropofagia pertence ao ser extático oswaldiano.

O matriarcado oswaldiano não recebeu críticas negativas a penas daquele que talvez seja o mais radical anti-oswaldianista, Heitor Martins (1973:13). Quem caminhou mais profundamente pelas raízes da filosofia oswaldiana, Benedito Nunes, também combate o matriarcado, em nome da ciência e da antropologia. Simone de Beauvoir, moderna "deusa" oswaldiana, desmente o matriarcado categoricamente (1986:18, 109-112n).

Oswald não está por demais preocupado com a ciência (sua

origem), mas com seus sonhos (sua meta). O fato de ter existido ou não o matriarcado (Muttenrecht, o direito materno) não o impede de sonhar com uma cultura feminina, para além do patriarcado autoritário. Ademais, como já dissemos (bloco 4), o matriarcado é metáfora para a matrilinearidade (a linhagem materna) e para a natureza aquém e além da família patriarcal.

Vejamos como o poeta-filósofo define o matriarcado. Em um hemisfério temos o matriarcado, o primitivo e a cultura antropofágica do homem cordial (AA). Em outro, temos o patriarcado, o civilizado e a moral (anticultura) messiânica (o homem da propriedade privada). No matriarcado não há classes: suas bases são "o filho de direito materno, a propriedade comum do solo, o Estado sem classes, ou seja, a ausência de Estado." (CFM 9) A revolução patriarcal criou o Estado de classe e o direito positivo, que sucedeu o direito natural (lembramos que Oswald é formado em direito). Aqui, o poeta está em pleno acordo com A origem da família, da propriedade e do Estado (Engels), que baseia-se nas pesquisas dos primeiros antropólogos, como Lewis Morgan e Bachofen. Nosso filósofo recua para as raízes pré-históricas, onde não existe família/propriedade/Estado. Onde não há família, não há patriarca, pai, mas apenas a linhagem materna. Não havendo pai, as crianças pertencem à comunidade tribal.

A crise atual da família prenuncia um retorno ao matriarcado. A comunidade substitui a figura paterna. Retornamos ao filho de direito materno, à propriedade comum e à ausência de Estado. O patriarcado está ligado ao instituto da herança patrilinear, que desaparece na propriedade comum, na comunidade que substitui a família patriarcal. No Brasil pindorâmico so-

luciona-se, através do novo matriarcado, a questão dos menores abandonados, que preocupava Oswald. O matriarcado é utopia concreta, tópica, tangível aqui e agora:

"na sociedade atual, o filho é de fato materno."  
 (DD 180) "Prole é de proletário. A família requer a propriedade e vice-versa." "São Paulo só tem dez famílias" "O nosso casamento é um negócio" (RV 68s, 79). (Veja o Manifesto marxiano.)

O matriarcado — o direito materno, o poder da mulher — é um feminismo radical, que toma a mulher pela raiz, transforma-a em raiz e base da sociedade, abolindo "a fúria dos vingadores do Patriarcado" (HSP 80).<sup>2</sup> "Com essa mulher integral, livre, renovar a vida, agora consciente." (ES 276) Sob o signo de Vênus, Oswald pratica a construção dialética do novo mundo matriarcal (AN 199), libertando a mulher (e, com ela, o homem) das repressões e recalcamiento sexuais, que são as fontes das neuroses e psicoses, de uma sociedade neurótica e assexuada, cuja psicose é a propriedade privada — o deslocamento do amar para o ter. Uma sociedade dos "realistas que têm uma palavra especial para cada tipo de automóvel, mas só uma única palavra, 'amor', para expressar as mais variadas formas de experiência afetiva." (Fromm, 1976:8)

Na marcha das utopias, "De Morus a Campanella até nossos dias, a humanidade insiste, sem saber, em se matriarcalizar." (MU 190) O inconsciente do homem patriarcal é matriarcal. O matriarcado e suas variações são um tema recorrente nos mestres oswaldianos (Campanella, Bachofen, Morgan, Marx, Engels, Nietzsche, Freud, Beauvoir, Sartre), assim como em Lou Andreas-Salomé, Gramsci, Marcuse, Bloch e nos anarquistas.

A cidade do sol (o sol desprezado pelo messianismo) de Campanella encerra-se com o capítulo "Sobre a comunidade das mulheres e dos filhos" (1960:113-129), onde ele relembra a comunidade do cristianismo primitivo, antes deste ser encampado pelo império romano. Campanella recorre à natureza, aos animais e ao direito natural, fontes inspiradoras para a fraternidade humana. Sua república solar é uma comunidade poligâmica: "Não é de uma só corda, mas de várias, que se tira a harmonia." (p. 128; MU 164)

Se a obra de Bachofen sobre o matriarcado é incerta, ela não deixa de suscitar a reflexão de vários autores, como Morgan, Engels, Fromm, Bloch, Oswald. Se em Bachofen há uma mescla de evidências etnológicas com o mitológico — o mito contra o logos —, sua linhagem materna é insuspeita. Nos passos de Bachofen, Lewis Morgan foi o primeiro a pesquisar A sociedade primitiva, amparado pelas evidências do índio americano e sua matrilinearidade.

Antes de Morgan e Bachofen, os jovens Marx e Engels (que jamais foi um vitoriano) tecem teses oswaldianas:

"Que a supressão da economia privada não pode separar-se da supressão da família, é algo evidente por si mesmo." ... "a propriedade, cujo primeiro germen, cuja forma inicial está contida já na família, onde a mulher e os filhos são os escravos do marido. A escravidão, ainda muito rudimentar, certamente, latente na família, é a primeira forma de propriedade" (1970:30n, 33). ... "substituir uma comunidade de mulheres, hipócrita e dissimulada, por outra que seria franca e oficial." (1968:43)

Aqui temos o gérmen da origem da família engeliana, publicada em 1884, um ano após a morte de Marx, onde "Famulus quer dizer escravo doméstico e família é o conjunto dos escravos pertencentes ao mesmo homem." (1981:61) Antes de o homem deixar de devorar o prisioneiro de guerra para fazê-lo seu escravo (antropofagia ritual primitiva que antecede a cultura messiânica), a escravidão já se desenvolvia no seio da família, onde o patriarca convertia a mulher e os filhos em seus servos (o Freud de Totem e tabu foi o mágico que marcou a opinião oswaldiana). Vencidos os tempos tribais e comunitários, a comunidade de mulheres cede lugar à propriedade do macho sobre a fêmea e as crianças: a propriedade é invenção do macho que, amparado em sua força física, transforma-se em patriarca totalitário e ditatorial, unidimensional. A família não é a base da sociedade: a sociedade comunitária a antecede. A família patriarcal é a base da escravidão, da propriedade, do Estado e da divisão de trabalho. As pesquisas sobre os índios remanescentes no planeta podem demonstrar que, na medida em que a família patriarcal se fortalece, a liberdade/igualdade/fraternidade se restringem.

Não se pode formar uma comunidade futura sob o fardo da família compulsória, da civilização patriarcal. A comunidade requer que as mulheres desfrutem de plena liberdade para escolher seus parceiros, sejam eles um ou mil — da mesma forma que os homens. Com a comunidade de mulheres, abole-se a figura patriarcal, "o pai — patrão, modelo, rival, expressão primeira do princípio de autoridade" (Gramsci, 1975:288). Desta forma resgataríamos a criança sadia e genial de Tolstói e Freud, a criança que desenvolve livremente suas potências intelectuais, que hoje cedem ao peso do princípio de autoridade.



A criança sem tabus, sem medo e sem angústia, que viva uma existência plena, enraizada na plena liberdade — tabu, medo e angústia anulam a existência e a transformam em nada, em vida morta onde o pensar, o falar e o agir são falsos, onde a essência do ser é relegada ao esquecimento, alienada em inconsciente que se torna o cárcere do ser. Oswald insistiu durante 26 anos, do manifesto antropófago à sua morte, na transformação permanente de todos os tabus em tótems. É por ter sabido libertar seu inconsciente que ele permanece vivo, para além da conspiração de silêncio que o envolveu de 1930 aos anos '60. O artista e o pensador vivos são aqueles que manifestam seu inconsciente, unindo a intuição inconsciente à razão consciente, unindo gênio e cultura. Seu matriarcado, decorridos setenta anos, continua a ser polêmico, provando sua vitalidade: é preciso que as críticas vejam com olhos livres o matriarcado e a visão de cosmos oswaldiana, que antecipa os grandes temas do momento - do século 21.

É preciso devorar culturalmente o patriarca, metaforizando o Totem e tabu freudiano, retornar a uma cultura matriarcal renovada pela técnica, para formar uma sociedade de saciedade, livre da fome e da fome de amor, uma sociedade antropofágica como o ser do humano, sadia, sem as doenças catalogadas por Freud. Eis a lição de amigo oswaldiana, sua utopia generosa e cordial. Não devemos apenas confrontar as aparências dessa visão com as evidências científicas que a desmentem, mas também buscar agarrar as raízes da essência dessa visão, na dialética incessante que vai da utopia à ciência, da ciência à utopia, infinita e eternamente. "Sempre que se rompe um tabu, algo bom, algo vitalizante ocorre", disse Henry Miller (Cowley, 1968:202).<sup>3</sup> Aqui, o tabu é a família patriarcal,

que o matriarcado oswaldiano transforma em totem. Ao deixar aflorar nosso inconsciente matriarcal e antropofágico, algo vitalizante acontece: o radical Oswald agarra a raiz e a essência de nosso ser, devora a vida sem tempos mortos (os tempos da repressão sexual e social).

As variações sobre o matriarcado já estavam no Marx-Engels de 1845-1848. O antivitoriano Engels desenvolveu as conclusões da Ideologia alemã e do Manifesto na Origem da família, baseado em Bachofen, Morgan e nos "índios americanos, entre os quais tinha Marx encontrado, como costumava dizer, a chave para compreender os nossos tempos primitivos." (1981:74) Há quinhentos anos, o índio flutua no horizonte das utopias, da filosofia da história e das ciências sociais. No estado selvagem Engels descobre o matrimônio por grupos, onde a descendência só pode ser estabelecida pelo lado materno: linhagem materna, matrilinearidade, matriarcado, enquanto "à civilização corresponde a monogamia com seus complementos: o adultério e a prostituição" (p. 81), passagem que Oswald cita com frequência: em 1924, ele já havia intuído a epígrafe deste bloco: "Postretutas e famias sacolejam" (PB 106).

Na civilização, o casamento passa a ser monogâmico, hipócrita, falso e imoral, e o próprio amor transforma-se em mercadoria.

"amor, opinião, ciência, consciência, etc. — tu do passou enfim para o comércio. É a época da corrupção geral, da venalidade universal" (Marx, 1970:28s).

O próprio casamento monogâmico passa a ser mercadoria, deixando de ser relação amorosa para se petrificar e coisificar em

relação financeira (veja supra RV 68s, 79).

Se Nietzsche pretendia escrever "Um bom capítulo: 'a crítica de pais, mestres, pátria, país natal' -- como começo da liberação" (1982, X:28) (toda sua obra é crítica contundente da moral dominante, inclusive, infelizmente, da ética utópica: o anarquista do fantástico poema Assim falou Zaratustra, de 1883s, ao cindir sua personalidade, em 1888, volta-se contra o anarquista, o socialista, o humanista (Crepúsculo dos ídolos, "Incursões de um extemporâneo", § 34: "Cristão e anarquista", 1983:339; veja também p. 231, 282s, 294, 341), permitindo a apropriação de sua obra pelos pais, mestres, pátria e país natal nazistas; o mau selvagem do manifesto antropófago é inspirado pelo mau Nietzsche: "Sou tão mau que não acredito em mim mesmo", assim falou o autor de Zarathustra; o marxismo humanista de Oswald ao menos purificou-o do mau selvagem, que desaparece na Crise), a musa do filósofo louco, Lou Andreas-Salomé, escreve ao amigo Freud: "alguma vez (matriarcado) a mulher pode ter sido dominante", com o que Totem e tabu, livro-totem de Oswald, está de acordo:

"a descendência através da linhagem feminina é mais antiga" "O casamento grupal precedeu, dessa maneira, o casamento individual" "Com a introdução das divindades paternas, uma sociedade sem pai gradualmente transformou-se numa sociedade organizada em base patriarcal." ... "aquilo que é hoje adorado como Deus, ou seja, o pai." (Freud e Andreas-Salomé, 1981:117; Freud, Totem e tabu, 1970, XIII:24n, 27, 178, 180)

O pai é o Deus do messianismo. No fim de sua vida, em 1939, Freud reitera: "a ordem social matriarcal foi sucedida pela patriarcal" (1970, XXIII:136). A origem do matriarcado de Pigdorama (MA § 44) não está em Bachofen, que provavelmente Oswald conheceu mais tarde, na Origem da família engeliiana, quando seu marxismo anárquico, utópico e libérrimo (Candido, 1970) levou-o a ler os clássicos marxistas nos anos '30. Seu germen está no Freud de Totem e tabu, totem que constitui a raiz do manifesto antropófago e da revista de antropofagia, em 1928-9, unido ao índio que representa a surrealidade (super-realidade) brasileira, ou antes nossa sub-realidade inconsciente. O surrealismo existiu no Brasil, mas seu nome era antropofagismo, seus descendentes os grandes Murilo Mendes (Convergência) e Jorge de Lima (Invenção de Orfeu), Éluard-Breton brasileiros. Se Bachofen é desacreditado pelos antropólogos contemporâneos, o mesmo não acontece com Freud, que lança luz no inconsciente e na antropologia, no inconsciente reprimido do homo faber capitalista, com todos os seus tabus que provocam o mal-estar na civilização, e no inconsciente liberado e flutuante dos tótems primitivos. O matriarcado oswaldiano não se alicerça nas teorias duvidosas de Bachofen, mas nas teses vitalizantes de Freud.

O melhor discípulo de Freud talvez seja o Marcuse de Eros e civilização, que como Oswald pertence à esquerda freudiana, a esquerda radical que toma pelas suas raízes os aspectos mais lúcidos de Freud/Marx, através da crítica da civilização estritamente econômica, unidimensional e deserotizada. Daí as coincidências significativas entre as visões de cosmos oswaldiana e frankfurtiana. Ambas propõem uma transformação cultural e moral (a dimensão Freud) além das transformações políticas e eco

nômicas (a dimensão Marx). A cultura é o tema de Oswald e Marcuse. Em Eros e civilização, "A beleza da mulher e a felicidade que ela promete são fatais no mundo de trabalho da civilização", enquanto o superego representa a moralidade, o princípio de realidade, o "pai proibitivo e punitivo." (1968:148, 197) O mundo do trabalho compulsório é dessexualizado e patriarcal, enquanto o mundo de Eros, passado e futuro, baseia-se no id, na natureza, no princípio de prazer: este é o mundo do matriarcado de Pindorama, da sensualidade contra a repressividade. O trabalho compulsório deserotiza as pessoas, sugando todas as suas energias psíquicas e físicas, negando a sua natureza. O que Oswald e Marcuse desejam é transformar a civilização patriarcal do superego, a civilização superego cêntrica, numa sociedade ídica, baseada no id e no inconsciente. Isto é, a liberação do inconsciente, a superação do homem unidimensional, a transformação do "trabalhador" em Eros, "a libertação do tempo que une o homem com deus, o homem com a natureza." (1968:148)

No universo da fantasia, invenção e amor, o matriarcado de Pindorama representa a dimensão amorosa, a substituição do patriarca unidimensional e totalitário pela sensualidade feminina, por Vênus, parteira, através da maiêutica socrática, de suas perguntas, do canto das sereias (Homero, Horkheimer-Adorno, Olgária Matos), parteira do super-homem, divino, super e sub-realista, surrealista, consciente de seu inconsciente, do humano novamente natural, portanto divino. No anel do eterno retorno — vida, amor e morte —, é o amor que está no centro do universo oswaldiano. Vidamorte. Amar é a divisa de Miramar (PCAM 109).

"O homem é o animal que vive entre dois grandes brinquedos — o Amor onde ganha, a Morte onde perde. Por isso, inventou as artes"... (CFM 82),

a fantasia e a invenção, que são a outra face do amor. Em Marcuse, "a arte se engaja ao lado de Eros" (1979:24), palavras que ecoam a Teoria estética de Adorno: "Se a experiência estética se assemelha a alguma coisa é, então, à experiência sexual e, na verdade, à sua culminação." (1982:200; 1970:263) A arte é a origem e a meta da cosmovisão oswaldiana, essencialmente estética. Não por acaso a arte é a meta de tantos filósofos, o corolário da filosofia, de Hegel aos frankfurtianos. A palavra estética originalmente significava sensualidade, mesmo no casto Kant (1946), derivando em Baumgarten e Schiller para o artístico. O amor, a sensualidade, é o que faz bater o coração da arte. Amor e arte são a parte viva da civilização, a cultura natural, enquanto economia e política — propriedade e Estado —, em seu antagonismo com relação ao ser do humano, representam os tempos mortos. A dimensão estética se engaja ao lado de Eros, enquanto o econômico e o político engajam-se em Tânatos, o deus da morte.

O matriarcado de Pindorama significa a libertação das mulheres, contra o patriarca proprietário da família, da economia, do poder e do saber. Significa a volta à natureza, à paz do atemporal, onde o tabu e o pecado não existem, transformam-se em tótems órficos e dionisiacos. A visão universal oswaldiana deságua no amor e na cultura livre e erótica, assim como Serafim deságua em "uma revolução puramente moral" (SPG 262), moto perpétuo onde os fusos trabalham sozinhos e o novo humano cultiva a fantasia, a invenção e o amor. A origem da Crise

está no fim do manifesto antropófago:

"Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud — a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama."

9. A construção dialética do novo mundo

"Há poesia  
Na dor  
Na flor  
No beija-flor  
No elevador"

(PC 166)

"Enfim, as dezessete luas mecânicas"

(CC 189)

"Creio que completei a construção sociológica da Antropofagia com a idéia solar de que a técnica leva ao Único. A solução." (DC)

Como transformar a utopia abstrata em utopia concreta, os sonhos em realidade, os desejos em ciência? — Através da ciência e de seu fruto, a técnica —, Oswald nos responde. A árvore do conhecimento e da ciência significa o fim do homem natural, a origem do homem civilizado, e pode vir a representar a origem do novo homem natural (o homem natural tecnizado). A prática científica e tecnológica, a práxis do homo faber, criaram um mundo supertecnizado que pode libertar-nos do tempo, do tempo de trabalho, e transformá-lo em tempo de fantasia, invenção e amor, tempo de cultivar o ser do humano, o devir,

a existência humana, o Dasein, o ser-aí, o ser-aquí. Estamos chegando ao tempo em que os fusos trabalham sozinhos, como de sejam Aristóteles e Oswald. Quando os fusos trabalham sozinhos, não há necessidade da divisão de trabalho; todos podem ser artistas, poetas e filósofos. As cidades já cumpriram seu papel, e o homem pode retornar à natureza, pelo caminho do campo, levando consigo a técnica liberadora de tempo, enquanto homem natural tecnizado que cultiva sua própria natureza e se conscientiza de seu inconsciente. Eis a Terra sem mal profetizada pelos tupi-guaranis (Clastres, 1978). A promessa de ócio — de eternidade — que nos fazia o messianismo é cumprida aqui e agora pela técnica. O homem deixa de ser escravo do econômico para se tornar cultivador da cultura, a civilização se transforma em cultura, a superestrutura cultural torna-se infraestrutura, base da sociedade, e a infra-estrutura econômica torna-se superestrutura sujeita ao cultural, numa inversão dialética de causa e efeito. A sociedade econômica de Marx, histórica, torna-se a sociedade cultural, pré e pós-histórica, em devir eterno. A partir daqui, procuremos ver se essas abstrações podem se transformar em utopia concreta.

Na dialética da Crise, Oswald oscila entre a utopia e a reforma.

“A Revolução dos Gerentes”, de James Burnham, lembrando a gerontocracia [o peder dos velhos] da tribo, oferece o melhor esquema para uma sociedade controlada que suprima pouco a pouco o Estado, a propriedade privada e a família, ou sejam as formas essenciais do Patriarcado.” (CFM 85)

Aqui, parece que estamos diante de uma contradição lógica. Como a gerontocracia, o poder velho, a gerentocracia, essencialmente patriarcal, podem suprimir o patriarcado? Se, em Freud e Marcuse, são as orfanças, a juventude, os estudantes, próximos da natureza, que lutam por Eros contra a morte,<sup>1</sup> no sexagenário Oswald da Crise são os velhos gerentes. Mas lembremos que, em Oswald, nasce-se velho e que, quando velhos, tornamo-nos jovens. Se isto é certo para o poeta-filósofo, também o será para o gerente? Freud, Oswald e Marcuse morreram "jovens" e vitalizantes, mas qual a vitalidade de um gerente? Que é a gerentocracia de James Burnham? "Dentro da nova estrutura social, um diferente grupo social ou classe — os gerentes — será a classe dominante ou dirigente." (Burnham, 1941:74) O capitalismo transforma-se em gerencialismo (p. 285), em poder dos tecnocratas (p. 281). Segundo Oswald, "Para este novidadeiro [Burnham], destinado a grandes êxitos, há um erro de termos que faz com que o mundo em revolução seja ainda julgado pela ética social de Marx." (PL 22) Estas palavras são de 1943, antes da ruptura com o partido comunista, o que demonstra a heterodoxia oswaldiana. O heterodoxo afirma que, no Brasil, não se pesquisa ninguém sem colocá-lo num troço ou num patíbulo (EP 55), e que ele só seguia a si mesmo. "Quem quiser me seguir, siga-se a si mesmo", assim falou Nietzsche. Tomemos o exemplo de Oswald e, sem colocá-lo num troço (ou num patíbulo, como Heitor Martins), leiamo-lo criticamente. O marxismo oswaldiano de 1930-45, ainda que o tenha marcado até ao final da vida, não é fruto de uma pesquisa profunda. No Capital, "Que não sejam os capitalistas industriais, mas os managers [gerentes] industriais, 'a alma de nosso sistema industrial', é coisa que já fez notar o senhor

Ure." (Marx, 1945, IV:385) Se "o marxismo já foi superado" (PL 22) — tema de Gramsci em 1930 (1975) —, não o foi pelo burnhamismo, mas pelas filosofias da liberdade, que herdam os aspectos lúcidos de Marx e rejeitam suas teses superadas, como a "ditadura do proletariado". Filosofias da liberdade como as de Sartre, dos frankfurtianos e de Oswald. O gerencialismo já estava no Capital. Os gerentes são os intelectuais orgânicos do capitalismo (Gramsci, 1975). A teoria cinzenta de Burnham lembra mais o pesadelo do capitalismo de Estado stalinista, com seus tecnocratas e burocratas, que o sonho cordial oswaldiano. Ao mesmo tempo em que celebra Burnham, o poeta sonha suprimir o Estado, a propriedade e a família, mesclando reforma e utopia. O gerencialismo é um aspecto marginal da Crise, não constituindo a sua essência, que é utópica.

A técnica libertadora oswaldiana pode ser considerada uma tese marxiana. Nesta, as forças produtivas da sociedade (os meios de produção: a força de trabalho, as matérias-primas, as técnicas), ao se desenvolverem, entram em contradição com as relações de produção (atualmente, capital/trabalho), o que provoca o colapso do modo de produção, hoje capitalista (Marx, 1945, IV:257; 1970:105; 1973:29). O desenvolvimento da técnica leva-nos à abolição do capital, do Estado, da divisão de trabalho, do patriarcado, da cidade cinzenta, libertando-nos das formas de opressão que impedem o desenvolvimento do ser.

No entanto, a técnica tem dois aspectos (contradição dialética): por um lado ela liberta, criando tempos livres para o humano transcender a esfera do ter, e por outro ela domina, criando mídias, o supérfluo, as guerras, escravizando o homem ao ter, à sociedade de consumo onde a mercadoria é a única lei. A tecnologia criou a televisão. Quando assistimos a um

filme na televisão (um Silvester Stallone, um Arnold Schwarzenegger, um Super-homem que é a negação da natureza humana, quando não uma novela ou outra mercadoria qualquer), de repente a sétima arte se interrompe para lembrarem-nos da excelência de outras mercadorias.

"As criaturas se reconhecem em suas mercadorias; encontram sua alma em seu automóvel, hi-fi, casa em patamares, utensílios de cozinha." (Marcuse, 1969b: 29)

O ser de humano transformou-se em seu ter; a alma é moeda so nante.

Essa contradição da técnica já estava em Marx. "O que o romantismo de Marx 'deplora' no processo de industrialização — a desnaturalização —, seu positivismo admira." (Axelos, 1969: 81). O romantismo revolucionário, que rejeita a técnica e projeta o passado no futuro, e persiste até nossos dias, foi analisado por Michel Löwy (1990), que segue as trilhas de Carpeaux (1959), Bloch (1979), Lefebvre (1969). Oswald também conjuga o passado e o futuro contra o presente, mas não seria um romântico, pois jamais abriu mão da técnica, desde a infância, quando viu o primeiro bonde (HSP 36), desde seu futurismo juvenil (HSP 76), embora perceba a contradição da técnica e da ciência, vendo na bomba de hidrogênio um de seus produtos essenciais. Sua antropofagia é um protesto contra o romantismo de Rousseau, Dias e Alencar, e contra o romantismo fascista dos verdamarelistas com seu futurismo maduro, louvador do presente: o futurismo é um presentismo.

O romantismo revolucionário estaria presente nos frankfurt

tianos, como em Horkheimer e Adorno críticos da indústria cultural (dialética do iluminismo, da ilustração, do esclarecimento, da Aufklärung, na qual residiria a contradição técnica), onde os meios de comunicação criam isolamento e o progresso separa os homens, criando a multidão solitária, a solidão no automóvel e no trabalho (1971:262 passim). Cabe ao gerente reforçar esta solidão, destruir os laços de afeto entre os colegas de trabalho, de forma que a competitividade orie um ambiente sem Eros e sem amigos, onde o igual transforme-se em adversário e o chefe, o gerente, torne-se o patriarca de plantão, o superego, o ideal do ego. A luta pelo salário e pelo poder torna-se a essência da existência, de um ser igual a nada. A concorrência pelo ter devém a única relação humana, uma relação coisificada: o superego quantifica as criaturas, mede-as pela quantidade de seu capital e de seu poder sobre os semelhantes, que são seus adversários. Dinheiro, poder e sucesso é a santa trindade de Mamom, o God-Gold. Se os escravos, nos campos norte-americanos, criaram a espécie de música popular dominante ainda hoje (as canções de trabalho de onde derivam o jazz e o rock; no Brasil, dos escravos negros derivaram o samba e a MPB), era porque possuíam uma vitalidade que trouxeram de uma África livre.<sup>2</sup> O trabalhador contemporâneo está mais morto (mais morto de canção) que o escravo, já não cria nada, nem tem energia psíquica para apreciar o mais belo dos espetáculos (veja os Manuscritos de Marx). Por isso se engaja numa falsa cultura, nas novelas de TV e nos bestsellers que lhe oferecem sexo, poder e dinheiro. Pois o amor é feito depressa nos fins de semana, poder e dinheiro são o superego inalcançável no trabalho compulsório. Eis uma pérola do messianismo:

"Depois da morte, a existência será muito diferente da nossa vida terrestre. O exercício da procriação já não será necessário."<sup>3</sup>

Habermas destaca

"a tese fundamental de Marcuse, de que a técnica e a ciência cumprem também hoje a função de legitimação da dominação", "adotam também o papel de uma ideologia." "a ciência e a técnica transformam-se na primeira força produtiva" "a dialética da ilustração foi por Marcuse transformada na tese extrema de que a técnica e a ciência se tornam elas próprias ideológicas." (1987:68, 72, 84)

Há dois usos da técnica: um é fornecido pelo capital, pelas exigências das guerras e da dominação sobre aqueles que não têm capital, poder, saber ou família: os escravos contemporâneos, rebanho formador da multidão solitária. Outro é fornecido pelas utopias, que desejam o amplo desenvolvimento das forças produtivas para a superação das relações geradas pelo capital, como a utopia oswaldiana. Os cientistas têm de decidir entre servir às guerras ou à liberação de tempo de trabalho. A decisão da sociedade dependeria de uma ampla revolução cultural, do grande debate, da polêmica oswaldiana, da formação de uma nova consciência, através dos quais o humano poderia abdicar de acumular o haver para, enfim, ser; realizar finalmente o significado de sua existência, que a consciência exige.

Também há dois Marcuses: um é aquele desenhado por Habermas, o Marcuse crítico radical da técnica, do Homem unidimensional (cujo subtítulo é o título brasileiro: Ideologia da sociedade industrial); outro tem consciência da contradição técnica. O filósofo de 1968 parece confirmar o Oswald da pré-ciência intuitiva. No ensaio "A idéia do progresso à luz da psicanálise", "o progresso técnico parece ser a condição prévia para todo progresso humanitário." O que importa é a sociedade livrar-se de "necessidades" como as bombas (Marcuse; Adorno e Dirks, 1971:553s). Segundo Oswald, a bomba de hidrogênio é a maior façanha do patriarcado (MU 189). Na própria ideologia industrial do Homem unidimensional, em uma face há "a mobilização total de todos os meios de comunicação para a defesa da realidade estabelecida" (1969b:79); em outra face,

"Mais progresso significaria o rompimento, a transformação de quantidade em qualidade. Abriria a possibilidade de uma realidade essencialmente nova -- a saber, a existência com tempo livre e com base em necessidades vitais satisfeitas. Sob tais condições, o próprio projeto científico ficaria livre para fins transutilitaristas e livre para a 'arte de viver' além das necessidades e dos supérfluos da dominação. Em outras palavras, a conclusão da realidade tecnológica seria não apenas um requisito, mas também o fundamento lógico para transcender a realidade tecnológica." (1969b:214)

No prefácio político a Eros e civilização, de 1966, a máquina também pode ser "mecanismo construído para tornar a vida mais segura e benigna". Povos atrasados, como o brasileiro,

podem ser obrigados a renunciar aos usos supérfluos e bélicos da ciência e técnica, cultivando apenas o seu uso humano. Os povos adiantados precisam interromper esses usos supérfluos e agressivos, libertando a técnica de fins como a destruição, o desperdício e a poluição (1968:17ss). Em O fim da utopia de Marcuse, a automação completa do trabalho conduz à superação do atual modo de produção, embora alguns pensem o capitalismo e o homem mau como eternidade. "Existe, com efeito, uma técnica da libertação, uma tecnologia da libertação; é preciso aprendê-la." (1969a:19, 119)

Como vemos, o filósofo-crítico radical da tecnologia está também de acordo com o poeta da técnica. Ideologia e utopia são as duas formas que a ciência pode assumir, e esta é a dialética do iluminismo. A ciência pode partir da utopia e a ela retornar, ou servir à ideologia do ter e nela permanecer. A tese fundamental de Marcuse é a de que a técnica e a ciência tornam-se ideológicas, como afirma Habermas, mas também a de que a técnica pode concretizar a utopia. Em grego, técnica significa arte: e que ocorre com a técnica também acontece com a arte, segundo o próprio Habermas da Crise de legitimação, citado pelo Marcuse da Dimensão estética:

"que a arte degenera em arte de massa propagandista ou em cultura de massa comercializada e que ela se transforma em uma contracultura subversiva." (Marcuse, 1979:63)

Automatizando o trabalho, a técnica é ideológica enquanto serve à acumulação de capital<sup>4</sup> e, simultaneamente, utópica enquanto conduz as forças produtivas para além deste restri-

to modo de produção, enquanto libera tempo de trabalho para a formação de um novo humano.

Segundo o pensamento dialético, há um momento em que a quantidade se transforma em qualidade. A quantidade de calor na água transforma-a em sólido no grau zero ou em gasoso a cem graus centígrados, transforma a qualidade. Da mesma forma, haveria um momento em que o desenvolvimento quantitativo da técnica nos conduziria a nova qualidade, a nova sociedade, a sociedade dos tempos livres. Se a técnica pertence ao mundo do ter, ela pode transcendê-lo e levar-nos ao universo de ser, cujo fim não é mais o desenvolvimento da produtividade e da técnica, das forças produtivas, mas o desenvolvimento da liberdade absoluta e do significado de nossa existência.

10. Tempos livres

"relógio

As coisas são

As coisas vêm

As coisas vão

As coisas

Vão e vêm

Não em vão

As horas

Vão e vêm

Não em vão"

(CC 187a)

"A necessidade é um mal; mas não há nenhuma necessidade de viver na necessidade." (Epicuro, 1983: 215)

A arte é a origem e a meta da visão de universo oswaldiana. "Creio que completei a construção sociológica da Antropofagia com a idéia solar de que a técnica leva ao Único. A solução."<sup>4</sup> Arte, poesia e cultura são as bases do universo de fantasia, invenção e amor. Com essas bases passamos da sociedade econômica à sociedade estética, da unidimensionalidade mercadológica à multidimensionalidade cultural, da civilização à cultura. Transcender uma civilização onde tudo é econômico

no caminho de uma cultura onde a estética (em sua ambigüidade, em seus dois sentidos: a sensualidade — o amor — e o artístico — a fantasia e a invenção) seja a base da sociedade, eis a idéia solar de Oswald. Além do tempo lógico e mercadológico, da tirania do minuto, precisamos alcançar os tempos livres de Eros e Orfeu, "O mundo não datado" (MA § 29), semelhante aos universos indígenas e pré-capitalistas que não contam o tempo, enquanto "o mundo novo divide o tempo e o conta avaramente." (MU 159) Se o homem vive morto, se seu ser é o nada, é porque todo seu tempo gira em torno do trabalho, de um trabalho alheio a seu ser, que apenas lhe permite sobreviver, não morrer de fome.

"Claro está que existe um tempo industrial diverso do tempo natural que é o tempo agrícola. A máquina produz num dia o que num ano antigamente não se produzia." (EP 195)

O homem natural, o humano sem tabus, consciente de seu inconsciente, vivendo uma sociedade ídica, liberta do superego patriarcal, habita em tempos livres, na morada do ser. No inconsciente e no id o tempo não existe (Freud, 1987:236sn; 1970, XIII:95). O tempo natural é um tempo solar, que a técnica estende noite adentro, através do fogo ou da luz elétrica. O tempo industrial é regido pelo cartão de ponto e seus similares, que obrigam o brasileiro a uma longa jornada de 48 horas semanais. A máquina, em vez de liberar os tempos, produz desemprego, o exército industrial de reserva que permite ao capital reduzir o preço da força de trabalho, o salário.

O temor do desemprego, da morte pela fome (ou das fomes de ter, criadas pela propaganda e pela ideologia), faz da vida do trabalhador — pois o homem deixou de ser humano para reduzir-se a ser trabalhador — uma vida de morte: o temor anula a existência. Em vez de liberar os tempos, a máquina torna-se inimiga do trabalhador, levando-o ao desemprego e aos baixos salários. Essa tendência do capital é reduzida pelas reformas nos países adiantados, persistindo nos Brasis onde as elites se negam à distribuição da renda e do tempo livre. As intervenções dos Estados nos mercados impediram a explosão revolucionária das massas, desmentindo as previsões de Marx. Hoje, o capital parece robusto e milenar — mas, às vésperas de 1968, também parecia, mesmo para marxistas como Lucien Goldmann (veja o prefácio à 2.a ed. francesa de Ciências humanas e filosofia), tal como o capitalismo de Estado soviético, varrido na maré da formação do mercado mundial. "Tudo que é sólido desmancha no ar", eis uma previsão do Manifesto marxiano.

Uma vez superado o capital, o negócio que é a negação do ócio (MU 160), alcançaríamos o universo do ócio oswaldiano, que não significa a não-atividade difamada pelas ideologias. "Sacerdócio quer dizer ócio consagrado aos deuses." "A palavra ócio em grego é axolé, donde se deriva escola." (CFM 13) Todo progresso cultural é devido aos ociosos, que desfrutam de tempo livre para as pesquisas artísticas, filosóficas e científicas. Ao liberar tempo, a técnica permite a socialização do ócio, a socialização absoluta da cultura, de forma que todos os indivíduos possam se dedicar ao florescimento cultural. O ócio deixa de ser a recompensa prometida pelas filosofias messiânicas para depois da morte e torna-se a

essência concreta da vida. Ao homo faber sucede o homo ludens, o humano que joga com a cultura e com o amor e faz deles o centro de sua existência. Se todos puderem cultivar o Homero que conduzem dentro de si, existirão bilhões de Homeros, Hegels e Einsteins, bilhões de pensadores originais, cuja reflexão pessoal desfaz toda ideologia. Este não seria o renascimento, seria o nascimento da humanidade, e fim da pré-história humana (EP 286), a verdadeira realização do sobre-humano sobre-real (surreal), a transformação dos sonhos (fantasia) em vida concreta, para além da realidade prosaica e do tempo avaro, como desejam Nietzsche, Breton, Oswald. "É preciso dar o passo de Nietzsche na direção do Super-homem." (EP 286) Essa seria a passagem do tempo à eternidade, à eterna e infinita devoração de uma existência cultural. Arte longa, vida breve: é preciso tornar a vida longa como a arte, eterna enquanto dure. Numa humanidade de Homeros, todos teriam tempo de realizar uma obra eterna.

"Acabou-se essa história dum funileiro não poder interpretar Brahms no violino." (MU 193) "A técnica interveio de uma maneira miraculosa e o que Marx queria — que cessassem os antagonismos entre o trabalho intelectual e o trabalho manual — está sendo hoje produzido nos países de civilização progressiva." "O antropófago habitará a cidade de Marx." (EP 211, 286)

Mas é necessário saber se o completo desenvolvimento da técnica não tornará desnecessários os funileiros e o trabalho pesado, o trabalho manual compulsório. Nos tempos livres, o ex-

trabalhador, enfim humano, poderá não apenas interpretar Brahma (ou Oswald), mas também ser um Brahma original. Com o fim da divisão social do trabalho, as atividades intelectuais poderiam ser repartidas entre todos os indivíduos.

"É a partilha do ócio a que todo homem nascido de mulher tem direito. E o ideal comum passa a ser <sup>a</sup>apostatada, que é a metafísica do ócio." (CPM 14)

Os tempos livres seriam a aposentadoria da humanidade, após 2500 anos de labuta sob o patriarcado inaugurado por Sócrates. Seriam a greve geral permanente, que desmancharia nos ares as relações de produção criadas pelo capital, o antagonismo capital/trabalho, apoiada no pleno desenvolvimento das forças produtivas presididas pela técnica. "A cidade de Marx" é o fim da cidade cinzenta, o retorno à natureza na paz do atemporal (EP 211). Além da selva das cidades, todo ser humano terá seu campo, sua praia, seu mar e seu ar, para voar através da fantasia, da invenção e do amor. Uma vez realizada a técnica, o fim de semana, as férias, tornam-se eternos, de forma que todos possam abandonar o cinza urbano para buscar os campos e os mares, o mar que é uma fixação oswaldiana. No eterno fim de semana, nas férias permanentes, os pintores de domingo seriam pintores integrais: haveria milhões de Picassos originais, para além de Guernica. Essa é a utopia que a ciência e seu fruto, a técnica, poderiam concretizar. A árvore da ciência poderia realizar na terra os tempos livres prometidos pelos messianismos nos céus que nunca se divisam. Então, finalmente, "o homem vive poeticamente sobre a terra." (EP 119) Passaríamos da dimensão econômica, onde o homem aliena seu

ser no trabalho e no ter, à dimensão estética, onde o homem cultivaria seu ser e realizaria o significado de sua existência.

Desde que surgiu o patriarcado e o trabalho compulsório, o homem sonha com os tempos livres, messianicamente, esperando a redenção após a morte, ou utopicamente, buscando um tópic, um lugar, o planeta terra, para a realização de sua plena liberdade absoluta. Em Oswald, não devemos confundir a utopia com o messianismo, que são antagônicos, enquanto em Michel L<sup>o</sup>wy (1990) são coincidentes. Em Oswald, há utopias que degeneram em messianismos, prometendo para futuro remoto os tempos livres: é o caso do stalinismo, o mal do século, que domina o socialismo real de 1925 até hoje, mostrando sua face em massacres como o da Praça da Paz Celestial, na China de 1989, exterminando a dimensão estética e cultural com um realismo socialista que idiotiza seus espectadores e seus autores. Na China, de forma clara, vemos um capitalismo de Estado terrorista, que domina as massas pelo medo e pela violência. O stalinismo é a contrapartida dos fascismos e nazismos que assolam o capitalismo real. Stálin transformou o marxismo em ideologia messiânica, e que é uma tautologia: toda ideologia é messiânica, enquanto toda verdadeira utopia concreta é matriarcal, oswaldianamente antropofágica: a meta do antropofagismo são os tempos livres, a devoração do tempo, da vida e de sua dimensão erótica-estética.

Segundo Platão, introdutor do patriarca Sócrates na história da cultura, "a música é a parte principal da educação" (1962:122). Toda a vida de todos os humanos não deveria ser consumida senão em "festejar nas festas mais formosas", em jogar (o jogo é a essência da vida), cantar e dançar: eis

a existência conforme a natureza.<sup>2</sup> Que é a natureza senão eterno jogo, desde o big-bang, lance de dados que jamais abolirá o acaso? (Mallarmé "corrigiu" Nietzsche: o anel do eterno retorno nunca é o mesmo a cada volta, é dialeticamente espiral, e o acaso — a liberdade — nos liberta da necessidade.) Que é a vida animal senão caçar e gozar? Por que o humano tem de trair a natureza, reduzindo sua existência à labuta, ao trabalho de Sísifo em que ele consome sua breve eternidade? Este é o Platão dionisiaco, herdeiro de Homero, da mitologia e dos pré-socráticos, que jogavam os dados com os deuses. As religiões gregas eram jogos alegres (Huizinga), tributo a Eros, Orfeu e Dionísio, sem a triste face das religiões messiânicas. Este é o Platão que leva Oswald a afirmar, em sua "Descoberta da África":

"Muitas vezes, nos tempos passados, quando existia o grande carnaval do Rio com o poderio de seus ranchos e a magia espetacular de seu compasso, exclamei: — Isto aqui é a Grécia!" (MU 222)

O grego, o negro e o índio são as fontes do extático e órfico filosofar oswaldiano. Mas se Nietzsche foi buscar nas origens pré-socráticas as formas de um novo pensar, Oswald descobriu-as no índio, "a única coisa que é nossa", o homem natural. Ainda próximo da natureza, Platão nos ensina que a vida verdadeira é eterno carnaval — ou, para quem não gosta da carnavalização, um eterno retiro espiritual, à maneira dos egípcios. Na dialética oswaldiana há momentos estoicos e epicuristas, momentos que se unem no êxtase, que é simultaneamente ausência do mundo e devoração do mundo. Mas a devoração do u-

niverso oswaldiana é sobretudo epicurista. Ele lança o estoicismo dos índios, que realizam o aforismo hegeliano repetido por Engels: a liberdade é o conhecimento da necessidade, a consciência das necessidades naturais — enquanto nos tempos presentes, tempo de homens partidos (Drummond), na negatividade oswaldiana, a necessidade é a consciência da liberdade. No entanto, lembremos o bloco 7 de nosso texto: Américo e Oswald revelam, através dos povos indígenas, que "era possível viver-se em estado epicúreo." (MU 215) Vanguarda européia e modernismo brasileiro, ante o apolíneo parnasiano, são, como os românticos, dionisíacos e epicuristas. Enquanto Oswald constrói a irônica alegria/alegoria antropofágica, devoradora do universo e do ser, Apollinaire bebe o universo e Maïakóvski conversa "com os séculos a história o universo".<sup>3</sup>

O desejo aristotélico de que os fusos trabalhem sozinhos percorre toda a Crise, e se concretiza no robô oswaldiano. Segundo Aristóteles, a natureza deseja que façamos bons usos do ócio (1960). "Para Aristóteles, a preguiça ou ócio é o princípio do universo" (Huizinga, 1980:180). Enquanto o burguês (sob o capital, todos nós somos burgueses, herdeiros da ideologia, messiânicos e patriarcais; o artista, o pensador, o intelectual orgânico da utopia é aquele que consegue transcender o burguês, o capital, a ideologia, o messianismo e o patriarcalismo, enquanto a filosofia messiânica vive no seio da ideologia) labuta, a natureza repousa, goza e joga. No reino animal, a economia é um jogo: caçar ou colher os frutos abundantes que os deuses lhe deram. "Um Deus nos deu este lazer" (Horácio). O humano, que é a consciência mais desenvolvida da natureza, traiu sua morada, a verdadeira casa verde, e os jogos de estrelas do big-bang, o xadrez de estre

las, o universo em expansão, limitando sua existência a transformar e acumular matéria, deixando de cultivar sua consciência. Segundo Nietzsche, os instintos, impulsos, pulsões, Trieb (Freud), sob a energia repressiva, voltam-se para dentro: a natureza torna-se id inconsciente, enquanto uma civilização patriarcalmente degenerada torna-se o superego. O conflito entre id e superego não chega à síntese, não se harmoniza no ego. Acontece um antagonismo irreconciliável, onde o superego expulsa a natureza ídica para o inconsciente. Se a natureza deseja o ócio, a preguiça — o princípio de Nirvana —, o jogo e o amor, a dimensão erótica-estética (o princípio de prazer), a consciência burguesa, que só conhece o princípio de realidade (o presente negativo), repele a natureza e seus desejos, suicidando seus artistas e pensadores, como Malakóvski, Benjamin, Nietzsche, Celan, ao infinito. Voei tão longe pelo porvir que quando olhei em volta me deparei com o tempo que era meu único contemporâneo, assim falou Nietzsche (1987:131; 1977:91). No entanto, Oswald sobreviveu, e lançou na face do burguês sua antropofagia, re-descobriu sua terra e seu povo nativo, o homem natural, que retornaria e se realizaria universalmente quando os fusos trabalhassem sozinhos. A ideologia contemporânea impede os vãos pelo porvir, em contraste com os pré-socráticos: "É fantástico como os antigos filósofos tivessem podido viver com tanta liberdade." (Nietzsche, 1974:114)

É Epicuro quem sintetiza numa palavra a visão de universo oswaldiana:

"A necessidade é um mal; mas não há nenhuma necessidade de viver na necessidade." (1983:215)

Em Epicuro, a felicidade é tudo: é preciso exercitá-la. "o prazer é princípio e fim do viver felizmente." Livre de perturbações, o homem torna-se um deus e conquista a eternidade, na medida em que vive entre bens imortais. A felicidade requer que vivamos sábia e justamente. Os prazeres naturais são aqueles que suprimem a dor, como beber quando se tem sede; desnecessários são o poder, a glória, o ter: "a riqueza que não conhece medida é uma grande pobreza." (p. 216) Nada mais pobre de espírito que o capital e seu proprietário. É preciso ao mesmo tempo rir e filosofar, como Nietzsche na epígrafe de sua Gaia ciência: eis algo que Oswald sempre soube fazer em sua gaia ciência irônica; a meta do filósofo é o prazer. Todo ser vivo tende ao prazer (a civilização contemporânea inverte esta tendência rumo ao frio princípio de realização, o princípio de realidade a serviço da escravidão, condena o prazer e exalta a dor, em seu desejo de coisas vãs que não têm medida nem fim). Precisamos viver sem temor, e liberar nosso corpo do enfado. Enquanto os tolos se atormentam recordando os males, os sábios se deleitam com a grata recordação dos bens passados. A natureza se contenta com pouco; para os tolos, nada é suficiente. A infelicidade decorre do temor e dos desejos vãos (a propriedade e o poder -- Epicuro, 1983:196-510).

Se a necessidade era desnecessária há 2200 anos, que dizer agora, quando os fusos trabalham sozinhos? Milenarmente, o homem transforma o supérfluo em necessário: a propriedade, o poder, a divisão de trabalho, a propriedade sobre a mulher e os filhos, a cidade cinzenta que nega a natureza. Na natureza não há necessidade: ela nos dá os frutos e o sexo oposto para saciarmos nosso corpo natural. Na dialética da natureza, Eros e Vênus, mulher e homem, são uma unidade inseparável. A

mulher é a forma dialética viva: a síntese de nosso amor é a humanidade.<sup>4</sup> O humano pode saciar suas necessidades naturais, a fome e o amor, em tempos livres: não há necessidade de transformar a fome em tempos avaros, em acumulação de propriedade, mercadoria e dinheiro, nem de transformar o amor em propriedade sobre a mulher. Com a socialização universal do alimento e do amor, não haveria o supérfluo, a obsolescência planejada das mercadorias — produtos que duravam décadas hoje são planejados para durarem anos ou meses, marcando a irracionalidade do capital e sua sociedade de consumo —, a moda que nos faz trocar de guarda-roupa a cada estação, nem os exércitos planejadores das guerras, que consomem bilhões de dólares, nem a fome na Ásia, África e América Latina, ou nos guetos dos países ricos, onde a alteridade, o outro que não é puro sangue branco, é condenada às misérias sociais (econômica, política, cultural, afetiva, ambiental).

O prazer e a felicidade são as metas da filosofia oswaldiana, do surromantismo oswaldindianista onde origem e meta se conjugam em Édencéu terrestre, diverso dos messianismos onde o dever impera categoricamente, exterminando todo o querer, todo desejo. "É assombroso quão pouco se pode notar na filosofia da humanidade seu sofrimento." (Adorno, 1973:33; 1974:390) Na filosofia messiânica, o sofrimento não aparece. Sua crise demonstra a dor no século 19, nos pré-existencialistas, Kierkegaard e Schopenhauer, e em Marx, onde a humanidade só se propõe os problemas que pode resolver (prefácio à Contribuição). A consciência filosófica da dor, no existencialismo, no marxianismo e no freudismo, é um problema que a humanidade pode resolver.

Na utopia oswaldiana há uma inversão de princípios: ela busca, como Breton, fazer o princípio de prazer predominar

sobre o princípio de realidade<sup>5</sup> que reprime as pulsões vitais e eróticas. Para além da repressão, o homem vive uma existência sem temor e morte, conquista a vida infinita, sem o tempo contado avaramente. Corpo e mente são uma unidade que o messianismo rompe, ao promover a renúncia ao corpo, à natureza, e ao dividir o trabalho, situando a mão contra a mente e a mente contra a mão. A vida enraizada na alegria, que é a prova dos nove (a ciência e a técnica a serviço da alegria), liberta o humano da morte que o habita, de sua melancolia, sofrimento, dor, angústia, temor e tremor, que são a prova do zero, do nada. Dialeticamente, a melancolia de Benjamin (mais um suicídio pela sociedade) e dos frankfurtianos deságua na alegria e no princípio de prazer.

Se o antropofagismo tem seu germen nos Ensaios de Montaigne, o mesmo pode ter acontecido à teoria do ócio oswaldiana. No início dos Essais há um capítulo chamado "Do ócio":

"parecia-me não poder fazer maior favor a meu espírito que deixá-lo em plena ociosidade entreter-se consigo mesmo" (1935:57)

É do ócio que nascem "mil pensamentos diversos" (idem), os sonhos, fantasias e invenções, as vastas emoções e pensamentos imperfeitos de Freud, que a reflexão transforma em ensaio, perfeita exposição de uma visão de universo. É necessário "cultivar os divertimentos ociosos e amorosos" (p. 433). Em Montaigne renasce o universo de fantasia/invenção/amor, o riso e a comédia que a idade média messiânica buscou furtar da cultura (veja O nome da rosa de Umberto Eco, mas também Bakhtin, 1971).

As Cartas sobre a educação estética da humanidade de Schiller, já no seu título, dão novo alento à dimensão cultural. É ele, depois de Baumgarten, quem realiza a descoberta da dimensão estética, situando a arte no centro da sociedade, em sua infra-estrutura. Dele deriva o conceito da arte como verdadeira significação da existência, conceito retomado por Nietzsche, Spengler, Sartre, Marcuse e Oswald. É dele também a idéia do jogo como essência do ser (ou o renascimento dos jogos gregos), idéia que inspira Huizinga, o homo ludens oswaldiano e Marcuse. Segundo Schiller,

"para resolver na prática o problema político é necessário caminhar através do estético, pois é pela beleza que se vai à liberdade." (1963:36)

Essas palavras são de 1795, sob o impacto do terror na revolução francesa. Desde Nietzsche, acusa-se Schiller de promover a arte engajada, a arte a serviço da política. Nas Cartas, acontece o contrário: é uma humanidade educada esteticamente que resolveria os problemas sociais. O terror da revolução francesa (liberdade-igualdade-fraternidade transformaram-se em infantaria-cavalaria-artilharia, segundo o 18 brumário de Marx) e da contra-revolução stalinista ("Tratava-se na verdade de socialismo de Estado, isto é, de capitalismo de Estado", relembrando a previsão de Kropótkin em 1900 [1946:363]) demonstram que não se pode construir nova sociedade com um homem velho, reduzido à ideologia do ter e do poder. Somente um novo humano, educado esteticamente, pode construir dialeticamente um mundo novo. Dialeticamente, isto é, a arte engajada, os realismos socialistas, rebaixam a cul

tura à política, rebaixam as massas à anticultura, como pensam Maiakóvski, Oswald, Adorno. É a arte engajada em Eros, a dimensão erótica-estética (Marcuse, 1979), que pode libertar o homem de sua ignorância, de seu cálculo frio e egoísta, para quem os templos são os bancos. O messianismo é uma economia do haver, enquanto o matriarcado é uma economia do ser (AN).

A revolução cultural permanente, o grande debate, a polémica, a ação comunicativa (Habermas), não precisam de uma arte política e engajada. Ao contrário, são as obras desengajadas que transformam os humanos, levando-os para além de si mesmos. Kafka e Rosa, por exemplo. O desejo do artista pode coincidir com a circunstância, como em Paul Éluard (1984, II: 646, 931ss), autor do eterno "Liberté". Mas Adorno (1973, 1974) e Marcuse (1979) estão com a razão dialética contra o "engagement" de Sartre (1967). Segundo o Maiakóvski da Poética, os realistas socialistas nada mais fizeram senão rebaixar a arte ao nível das massas desprovidas de cultura, forçadas a um trabalho manual e físico, sob o fardo da divisão de trabalho. A ideologia stalinista do real-socialismo exaltou a produtividade e malhou a liberdade individual (veja CFM 85, teses 8-10). Em toda regra há um excesso: salvam-se o Sholokov de O Don silencioso antimaniquês, e Lukács herdeiro de sua própria História e consciência de classe (veja Lévy, 1990). O que importa é elevar as massas à alta cultura, transformar o pop mercantil em contracultura subversiva. As grandes obras artísticas não são políticas: de Ulisses de Homero ao Ulisses de Joyce, a grande arte é o contrário da propaganda. Mas o sentimento político, isto é, antipolítico, não pode ser vedado à arte, ao Éluard de Liberté ou ao Picasso de Guernica.

quadro que sintetiza o século 20. Mas a arte promove o retorno do reprimido, a recordação do alienado, é cultura revolucionária. O político pensa em minutos; a arte pensa em eternidades (veja Rosa em Lorenz, 1973).

Nas Cartas de Schiller, "Os homens perderam sua dignidade, mas a arte a salvou" (p. 58). Elas desejam que o humano jogue com a beleza — o ócio, os jogos de fantasia, invenção e amor, constituem a essência humana, para além da "seriedade e o trabalho que vincam a face dos mortais"(p. 83). Prazer e felicidade são as metas do poeta-filósofo Schiller. Oswald é nosso Schiller, num país, isto é, num mundo onde a divisão intelectual do trabalho separa os artistas dos filósofos e os filósofos dos cientistas. Nosso poeta-filósofo não concebe o afastamento entre artistas e cientistas, e foi buscar nestes (Freud, Lévi-Strauss) as bases de sua utopia cordial. Em Schiller,

"não existe maneira de fazer racional o homem sensível sem torná-lo, antes, estético." "a disposição estética é a fonte da liberdade" "o impulso estético elabora silenciosamente um terceiro reino contendo de jogo e aparência", libertando-nos "de toda necessidade moral ou física." (1963:107, 120, 132)

Ele sonha com a formação de um estado estético, para além do estado ético (para além de bem e mal). "Dar liberdade através da liberdade é a lei fundamental desse reino." (p. 132) Poesia e filosofia são as duas amantes de Schiller e de Oswald. Matriarcalmente, elas não pertencem a ninguém senão à humanidade, a quem doam dignidade e significação existencial. O homem sensível, o homem com fome, antropófago deverador de matéria,

mercadoria e capital, animal irracional que dedica sua sobrevivência à acumulação de propriedade, só pode tornar-se racional através da consciência estética. Em Marx, tudo que parece racional é irracional, e vice-versa: o real (o capital) é irracional, ao contrário de Hegel. A propriedade é irracional, faz-se da pré-história humana. No reino do estado estético, a arte que, como o sol, pertence a todos (quando não se transtorna em mercadoria), toma o espaço do ter, dando finalidade ao ser do humano. O antropofagismo é devoração da fantasia-invenção-amor, a vida como devoração pura.

A dialética hegeliana termina no retorno do espírito a si mesmo, no espírito absoluto. Poderia-se dizer que esse espírito é a dimensão cultural.

"Sempre a arte foi para o homem instrumento de consciencialização das idéias e dos interesses mais nobres do espírito." "Para apreciar o belo, há que possuir um espírito cultivado." A poesia, "Com a sua própria vida, deve participar ativamente da vida." "A crença na realidade do mundo, tal como o vemos com os nossos olhos prosaicos, torna-se uma crença na fantasia pela qual o único mundo real é o da consciência poética." (Hegel, 1972, I:14, 121; VII: 62, 76)

Aqui temos em germen o surrealismo (hegeliano) e seu programa de praticar a poesia, de transformar a vida em poesia (a vida profunda, a super-vida do inconsciente) e de transformar a poesia em vida, viver poeticamente, habitar poeticamente a terra, como deseja Oswald. Mas vivenciar a beleza requer uma edu

cação estética de que poucos desfrutam. É preciso universalizar a beleza, universalizando o cultivo do espírito. Universalismo é uma palavra que pode definir a filosofia oswaldiana; em sua cosmovisão, em sua visão do universo, em sua visão universal, Oswald deseja devorar o universo, o ser-aí ou aqui, a existência, a vida que é devoração pura. O antropofagismo feliz de 1928 não é adequado para designar seu pensamento "sério" — mas irônico — de 1945-1954, anos do pós-marxismo. Miramar citava Lamennais: "O universo é uma imensa poesia, a poesia de Deus" (MS § 81. Na dialética oswaldiana, a recusa do messianismo une-se a um sentimento religioso, que ele chama de sentimento órfico.) Se o universo é um poema, cabe à poesia tornar-se universo, linguagem corrente em todas as bocas, para além dos olhos prosaicos. A fantasia de que "o único mundo real é o da consciência poética" (Hegel) pode tornar-se invenção, desde que a arte, a poesia e a cultura se universalizem, tornem-se frutos futuros comuns a toda a comunidade humana. O problema parecia insolúvel, até surgir Marx e sua tese de abolir a divisão de trabalho.

Em Marx, oswaldianamente, as máquinas podem fazer trabalhos antes executados pelos humanos, o que permite o desenvolvimento de um indivíduo espiritualmente rico e universal. Com a redução do trabalho necessário, com o tempo liberado, os indivíduos podem se desenvolver artística e cientificamente. A riqueza de uma nação consiste na produção de tempo disponível; quanto mais rica a nação, menor o tempo de trabalho. "A verdadeira economia é economizar tempo de trabalho." (1972, I:204; II:203, 206, 623; 1974, III:211) O trabalho consiste em transformar a matéria. Não haverá outra finalidade para a existência humana? (Ver Russell.) O sobretrabalho de alguns

tem sua contraparte numa classe ociosa e na miséria de um exército industrial de reserva desempregado. O enorme desenvolvimento das forças produtivas estão em conflito com as arcaicas relações de produção: eis a contradição do capital, que provoca crises e pode provocar a própria extinção da sociedade baseada no capital. A riqueza não depende do sobretrabalho (mais-valia), mas da produtividade e das condições de produção (a técnica). (1945, I:93; II:27; IV:257; V:339; 1974, III:254) Relações sociais caducas geram soldados, exércitos e ociosos (1974, I:244).

Na Ideologia alemã, podemos ser simultaneamente caçadores, pescadores, pastores e críticos. Com o fim da divisão de trabalho, desaparecem as instituições políticas. Todos aqueles que levam dentro de si um Goethe podem desenvolver-se sem entraves. Se o talento artístico encontra-se concentrado em poucos indivíduos é porque vivemos sob divisão de trabalho. Numa sociedade livre, todos poderiam ser artistas originais, realizando o trabalho físico em tempos mínimos (Marx e Engels, 1970: 34, 452, 468, 470).

No programa mínimo do Manifesto aparece o caminho do campo, o retorno à natureza,

"medidas tendentes a fazer desaparecer gradualmente a distinção entre a cidade e o campo", a "abolição gradual da distinção entre a cidade e o campo, mediante uma distribuição mais equitativa da população pelo país." (Marx e Engels, 1968:47) "Economizar tempo de trabalho equivale a aumentar o tempo livre, isto é, o tempo que serve para o desenvolvimento completo do indivíduo".

O tempo livre é quantidade que se transforma em qualidade, criando um novo indivíduo (Marx, 1972:209). No Capital, o trabalho uniforme aniquila o dinamismo dos espíritos, enquanto a sociedade ideal deveria visar o desenvolvimento completo e livre dos indivíduos (1945, I:362; II:90s). Na última seção do Capital,

"A liberdade de fato começa no ponto em que cessa o trabalho determinado pela necessidade" "Além começa o desenvolvimento da força humana, com a pessoa como último fim, começa o verdadeiro reino da liberdade" "A condição básica é a redução da jornada de trabalho." (1945, V:359)

Os tempos livres são disponíveis para o gozo e o desfrute, que abrem caminho para a livre atividade e desenvolvimento do humano. "O tempo é horizontes para o desenvolvimento das faculdades do homem" (1974, III:221). O humano rico é o humano necessitado de uma totalidade de exteriorização humana, das manifestações humanas da vida (1974b:53).

Após este breve resumo da dimensão cultural marxiana, esperamos que nosso leitor não imagine ser o fim da divisão de trabalho uma ilusão do jovem Marx. O fim da oposição entre trabalho intelectual e manual está no coração da utopia marxiana, que Marcuse (e Oswald) levará às últimas consequências ao propor o fim do "trabalho". Compare-se Oswald pensador da técnica com o Marx penseur de la technique de Axelos. Enquanto liberta o humano do tempo de produzir seu alimento, a técnica pode ser revolucionária.

O principal movimento de massas não é pelo maior salário, cujo aumento a inflação devora rapidamente — ainda que mais

salário permita ao trabalhador maior desenvolvimento cultural; as massas miseráveis vegetam na ignorância, na falta de perspectivas e de uma visão de mundo —, mas pela redução da jornada de trabalho, que nenhuma inflação pode roubar. Diminuindo a jornada de trabalho, diminui o desemprego que força os salários para baixo. Com razão, o dia dos trabalhadores é o primeiro de maio, o dia em que as massas foram chacinadas em Chicago, 1886, quando exigiam uma jornada de trabalho de oito horas diárias. Com a redução da jornada, as massas desfrutam de maior tempo para seu desenvolvimento cultural, que é o único meio para a formação de uma autêntica comunidade humana.

O genro de Marx, Paul Lafargue, nos brindou com O direito à preguiça, em que o trabalho aparece como freio para as mais nobres paixões do homem. Lafargue aponta para a nobreza do selvagem, livre da loucura que é o amor pelo trabalho, amor que a Crise também demonstra ser produto da moral capitalista que corrompe as massas. Stálin transformará esse amor em religião da produtividade. Enquanto "cada minuto de trabalho da máquina permite à operária dez dias de repouso", a paixão pelo trabalho "transforma a máquina libertadora em instrumento de sujeição". A máquina pode ser o redentor da humanidade, reduzindo o tempo de trabalho a um máximo de três horas diárias, multiplicando os feriados. "Preguiça, mãe das artes e das virtudes nobres, seja o bálsamo das angústias humanas!" (Lafargue, 1980:13-49) Embora Lafargue não pertença à bibliografia da Crise, lembremos de nossa epígrafe: "o homem poderá cevar a sua preguiça inata, mãe da fantasia"... (CFM 14), respondendo ao chamado do Direito à preguiça, este manifesto pelos tempos livres, poema diverso da linguagem científica do sogro de Lafargue.

Os tempos livres oswaldianos representam a conjunção de três filósofos fundamentais: Marx, Nietzsche e Freud -- daí as coincidências significativas entre Oswald e outros autores que conjugaram esses três momentos da cultura, como Sartre e os frankfurtianos.

"Somente a captação do pensamento desses três gênios, Marx, Nietzsche e Freud, poderá indicar o verdadeiro caminho do homem moderno na direção de sua autenticidade" (AN 60)

é a conclusão a que chega o último Oswald, em 1953, reiterando os germens do manifesto antropófago de 1928. "É preciso dar o passo de Nietzsche na direção do Super-homem." (EP 286) Em Nietzsche, como em Gramsci (1975) e Marcuse (1979), "todos os homens são artistas, filósofos, cientistas", mas a cultura só é acessível a quem dispõe de tempo livre (1974:38, 109). O intelecto encontra-se em devir, tendo começado modestamente; o homem presente não é mais que embrião do homem futuro (1982, X:193, 235). "O homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem [o além-do-homem] -- uma corda sobre um abismo." (1987:31; 1983:227; 1977:11). Para os homens pobres, o valor metafísico da arte não se manifesta (1945:20). No entanto,

"só como 'fenômeno estético' nos é possível 'justificar' que o mundo exista eternamente" (1984:42); "somente como um fenômeno estético a existência e o mundo aparecem como legitimados" (1983:21).

É preciso devorar uma existência dionisíaca, dizer sim à vida (1983:25), beber o universo e a vida à maneira dos filósofos e artistas pré-socráticos. Numa humanidade de super-homens, seríamos todos Heráclitos e Homeros. É enquanto artista que o homem se alegra: a arte é o que permite viver.

Além de bem e mal, é possível fazer duas leituras do ambíguo Nietzsche. (Também é possível fazer duas leituras do antropofagismo, como demonstra o próprio Oswald em Chão. Felizmente, nenhuma direita buscou incorporar Oswald: a direita o odeia.) Uma é a que os fascistas fizeram, estetizando a política, interpretando o super-homem como o ariano alemão. Mas Nietzsche é adversário do alemão, da política e do Estado.<sup>6</sup>

"Onde cessa o Estado, somente ali começa o homem que não é supérfluo — ali começa o canto do necessário, essa melodia única e insubstituível.

Onde o Estado cessa — olhai para ali, meus irmãos! Não vedes o arco-íris e as pontes do super-homem?" (1987:67; 1977:39)

O que une Nietzsche a Marx, Oswald, Sartre e Marcuse é o fato de todos eles serem anarquistas que pretendem abolir a dimensão política — enquanto o presente pretende abolir a dimensão cultural. Mas Nietzsche leva o anarquismo ao ponto de os extremos se tocarem, à negação do anarquismo: "o anarquista, como porta-voz das camadas declinantes da sociedade"...<sup>7</sup> (1983:339; veja supra). Assim falou Zaratustra, grande poema, marcou Oswald desde a juventude (seu exemplar em francês é de 1919), contribuindo para seu fundamental anarquismo, fonte de sarcasmo até contra o próprio Nietzsche. A dialética oswaldi

ana busca ver o avesso de todas as coisas,<sup>8</sup> inclusive do Nietzsche de quem herdamos a decadência do ocidente, a crise da filosofia messiânica.

"Onde se acha compendiada a essência do homem e o sentido de sua existência? Onde se acham essa essência e sentido expostos à contemplação? A resposta a todas estas perguntas nos é dada pela arte." (Spengler, 1952, I:369)

A arte, que até à descoberta da estética por Baumgarten e Schiller era vista como uma atividade inferior — em Hegel, e ela é superior à natureza ("o belo artístico é superior ao belo natural por ser um produto do espírito que, superior à natureza, comunica esta superioridade a seus produtos" [1972, I:127]), é a primeira esfera do espírito absoluto, mas inferior às demais esferas desse espírito: a religião e a filosofia, que é a unidade de arte e religião (1936, III:553-9) —, tende a se tornar a verdadeira fonte da vida, a infra-estrutura da existência. Em Oswald, a arte representa o universo de fantasia e invenção, que ao lado do amor compõem a dimensão erótica-estética. Nele também há uma esfera religiosa — o sentimento órfico — e filosófica — a visão de universo projetada pela fantasia e invenção, visão de mundo devoradora da existência e do universo. Uma vez livre do trabalho e da economia, o humano poderia viver uma existência centrada no estético — na arte e na filosofia —, recuperando a existência estética do selvagem e da natureza, jogando os jogos mais elevados, os jogos artísticos e amorosos. Hoje, a arte representa a negatividade contra uma civilização caduca, contra o estado de negatividade oswaldiano, onde o homem civilizado nega a nature

za. Amanhã, ela poderá representar a afirmação de uma existência estética e natural.

Segundo Freud, "o conceito de 'belo' tem suas raízes na excitação sexual e seu significado original era 'sexualmente estimulante'." (1970, VII:158n) Os jogos artísticos e amorosos radicam na mesma fonte, a dimensão estética é inseparável da dimensão erótica. Até Kant, "estético" era pertinente aos sentidos, à sensualidade. Os tempos livres são inseparáveis do matriarcado de Pindorama, de "uma revolução puramente moral." (SPG 262) Fantasia e invenção são inseparáveis do amor. Em Freud,

"O objetivo primário do artista é libertar-se e, através da comunicação de sua obra a outras pessoas que sofram dos mesmos desejos sofridos, oferecer-lhes a mesma libertação." "Assim, a arte constitui um meio-caminho entre uma realidade que frustra os desejos e o mundo de desejos realizados da imaginação — uma região em que, por assim dizer, os esforços de onipotência do homem primitivo ainda se acham em pleno vigor." (O antropófago literal do mundo primitivo e o antropófago metafórico do futuro seriam onipotentes.) "a arte oferece satisfações substitutivas para as mais antigas e mais profundamente sentidas renúncias culturais" (1970, XIII:222s; XXI:25).

A arte é princípio de prazer negador do princípio de realidade. Ela não mimetiza a realidade, mas sim a realidade inconsciente, profunda, a surrealidade, fazendo retornar o reprimido e tomando consciência do inconsciente. Disse Éluard que a poe-

sia surrealista é a poesia de sempre, desde as metáforas e tro-  
 pos de Homero. O surrealismo é o principal movimento do século  
 (incluindo sua vertente brasileira, o antropofagismo: veja Nu-  
 nes, 1984) porque, com ele, a arte toma consciência do que ela  
 é: conscientização do inconsciente. Ao praticar a poesia —  
 desde o dadá Kurt Schwitters todo gesto do artista é arte: ve-  
 ja Hugnet (1971) e Haroldo de Campos (1970); dadá é o ensaio  
 geral para a grande revolução surrealista —, ao transformar  
 a poesia, pensamento e fala, em gesto e ação (em Oswald, a poe-  
 sia não é mais que um gesto de amor), ao transformar a fanta-  
 sia e a invenção em práxis (veja discursos como o de Rosa to-  
 mando posse na ABL, ou sua entrevista a Lorenz, obras-primas),  
 o surrealismo liberta o inconsciente e o princípio de prazer,  
 oriando nova realidade, embrião do futuro. A arte antecipa o  
 futuro, liberta o autor e seu público, cria nova realidade na-  
 tural, acima (sur) da realidade repressora. Ela é o caminho do  
 campo, meio caminho, ponte entre o presente e o futuro. Os ar-  
 tistas são os semáforos, pontes, antenas que captam o porvir,  
 o p(r)o(f)eta. Freud fala na "alegria do artista em criar, em  
 dar corpo às suas fantasias" (XXI:98), às suas invenções e  
 paixões. A fantasia torna-se invenção de novo universo amoro-  
 so, antecipado pela arte. Mas a arte é eni-impotente enquanto  
 "permaneça inacessível às massas, que se acham empenhadas num  
 trabalho exaustivo" (XXI:25). Somente os tempos livres podem  
 socializar (tornar amplamente social) a arte, torná-la práti-  
 ca corrente de todas as existências individuais. É preciso

"que uma nova ordem social não só dê um fim às ne-  
 cessidades materiais das massas, como também se dis-  
 ponha a ouvir as exigências culturais dos indivíduos."  
 (XXII:220)

É a revolução puramente moral, a sociedade ídica, que permite a libertação do inconsciente e a realização da natureza humana, a libertação das necessidades materiais e amorosas. A exigência cultural dos indivíduos é sua existência cultural e erótica, a existência plenamente realizada, a livre expansão das pulsões de amor.

"a poesia não é mais que um gesto de amor." (EP 110) Ato de amor, a arte pertence aos instintos, às pulsões de amor, à natureza humana, enquanto a economia (a propriedade) e a política (o Estado) pertencem às pulsões de morte. A propriedade e o Estado são invenções da civilização, enquanto a arte e a cultura são frutos da natureza, "vida natural que é cultura" (CFM 14), sublimação da energia erótica que se transforma em jogos artísticos e culturais. Retorno à natureza significa retorno aos instintos eróticos (matriarcado de Pindorama) e suas derivações, a fantasia e a invenção, a dimensão erótica-estética. Se a fome e o amor são o que movem o mundo, segundo Schiller citado por Freud, uma vez livres da fome, quando os fusos trabalharem sozinhos, a arte e o amor moveriam o mundo. A civilização não realizou mais que a técnica. O resto da civilização, propriedade, Estado, divisão de trabalho, família repressiva (repressão da sexualidade) e cidades cinzentas são algo de que precisamos nos libertar. A técnica nos livra da fome, de forma que no caminho do campo, no retorno à natureza, poderíamos cultivar nossa própria natureza, o amor e suas formas naturais, culturais, realizar nossa existência. Poesia, arte e cultura não são mais que amor, expressão de nossa natureza amorosa.

A tradução artística de Freud está no movimento surrealista e no antropofagismo oswaldiano, na dialética arte-ciência. Nesta tradução desaparecem as diferenças entre arte e vida: a

arte jorra da vida profunda do inconsciente e a vida é vivida conforme a arte: a arte se transforma em prática cotidiana. Neste sentido, Oswald é "surrealista", seu antropofagismo representa o grande sertão ; veredas do surrealismo. Já no Tzara dadá (1963), "A vida é um jogo de palavras"; a vida é jogo e no princípio era o verbo, a comunicação através do som e o sentido, princípio de poesia, canto e cultura. Nos manifestos de André Breton, cujo início é tão citado por Oswald ("A simples palavra liberdade é tudo que me exalta ainda" — veja o êxtase oswaldiano e o Liberté de Éluard), "só a imaginação me dá conta do que pode ser". Sonho e realidade, aparentemente tão contraditórios, sintetizam-se na realidade absoluta, na surrealidade — em Oswald, "quando há contato entre a vida e o sonho, tudo vai bem" (MU, HC). Também o surrealismo retoma a criança, o louco (veja A Imaculada Conceição de Breton e Éluard) e o primitivo. Em Breton, "A existência está além." Há um ponto em que real e imaginário, passado e futuro, deixam de ser percebidos contraditoriamente. A ação surrealista busca determinar esse ponto. Seus inimigos são a família (patriarcado), a pátria e a religião (o messianismo; em Oswald a religião retorna eternamente sob o nome de sentimento órfico). "A idéia de Revolução tende a fazer chegar o dia desta revolução", a utopia tende a se tornar concreta (veja Bloch, 1979). É preciso "abrir as janelas para as maiores paisagens utópicas." O surrealismo busca exprimir o funcionamento real do pensamento, para além dos controles racionais, estéticos ou éticos. O sonho é onipotente: é preciso construir uma realidade de acordo com o sonho. (Breton, 1977)

Em Paul Éluard, o Picasso da poesia surrealista, "O futuro da poesia" (1984, I:525ss) é sua socialização.

"Um dia todo homem mostrará o que o poeta viu."  
 "A poesia só se fará carne e sangue a partir do momento em que ela for recíproca. Esta reciprocidade é inteiramente função da igualdade da alegria entre os homens. E a igualdade na alegria os levaria a uma altura da qual nós não podemos ainda ter senão vagas noções." O surrealismo "trabalha para dar à luz a consciência profunda do homem, para reduzir as diferenças que existem entre os homens." (1984, I:526, 780)

No dicionário do surrealismo de Breton e Éluard, afirma Marcel Raymond: "Jamais na França uma escola de poetas havia confundido de tal forma, e tão conscientemente, o problema da poesia com o problema crucial do ser." Esse dicionário incorpora William Blake, para quem todos os homens são semelhantes pelo gênio poético (o humano é um animal poético), e Novalis, onde "A poesia é o real absoluto." (Éluard, 1984, I:780, 767, 553) Segundo Éluard e Breton, "O lirismo é o desenvolvimento de um protesto", a poesia representa a negatividade de Oswald, Adorno e Marcuse, a negatividade cultural contra a civilização negativa que nega a cultura e a natureza. Também Lautréamont é incorporado: "A poesia deve ser feita por todos. Não por um." Em Éluard, "Todas as torres de marfim serão demolidas, todas as palavras serão sagradas", numa realidade enfim de acordo com o humano, janelas amplamente abertas para o maravilhoso. Enquanto a razão evita as grandes extensões noturnas, "A poesia as dissolve. Ela é a arte das luzes." O poeta é aquele que inspira os humanos, para além daquele que simplesmente é inspirado; ele busca o ininteligível

e o inimaginável. A esperança ou desesperança, a espera ou o desespero determinam a ação de sua imaginação concreta. Ação e imaginação estarão unidas no poeta futuro, em todos os humanos (Éluard, 1984, I:477, 514s, 540, 270, 767, 742).

Segundo Maurice Nadeau historiador do surrealismo, o homem não fez mais que mudar o mundo; o que importa é transformar-se a si mesmo: para além da razão tradicional, agir de acordo com a dialética de Hegel, abrir as portas ao sonho (na dialética do sonho, os contrários se fundem). A poesia é meio de conhecimento e de ação. O desejo é onipotente: é preciso buscar o absoluto (o real absoluto e poético) no prazer. Para além do poema, a poesia pode existir na vida, podemos viver poeticamente e alcançar o desconhecido (o inefável: a poesia é a fala do inefável, a fala do que não pode ser dito). Na poesia está o absoluto, enquanto no romance tradicional está a lógica tradicional (Nadeau, 1970). Os melhores romances modernistas são aqueles que se voltaram contra a lógica burguesa do romance, tornando-se poesia para além do poema.

Se há tanto em comum entre as visões de universo oswaldiana e surrealista, é porque o movimento surreal foi o primeiro a conjugar Freud e Marx. (Lembremos que, como testemunha Freud, na França o interesse pela psicanálise se iniciou entre os "homens de letras", e o mesmo vale para o Brasil de Mário e Oswald.) Breton e Oswald tiveram trajetórias políticas semelhantes, do marxismo rumo ao anarquismo. Para além das semelhanças estão as diferenças: o antropofagismo é irredutível ao surrealismo, é um movimento original (além de devorar Freud, Nietzsche e Marx, ele toma as origens pela raiz, através da "única coisa que é nossa, o índio"). Mas no coração de ambos os movimentos está o projeto de trans-

formar a civilização em cultura, pela via cultural. Ambos incorporam a utopia, o sonho, e buscam moldar a realidade de acordo com o princípio de prazer. Na civilização predominam a economia (propriedade), a política (Estado), a família patriarcal (a submissão da mulher e das crianças ao superego patriarcal), a cidade prosaica e cinza. Na cultura predominam a arte, a filosofia e a ciência, a fantasia, a invenção e o amor, a natureza exterior e interior. "Os animais são belos porque são nus -- no interior também", afirma Georges Hugnet, historiador de dadá (1971), no dicionário surrealista (Éluard, 1984, I:724). A imagem da beleza é a mulher nua exterior e interiormente, a mulher que não precisa reprimir suas pulsões de amor, nem mentir ao patriarca, vivendo em paz, verdade, amor, liberdade, paixão, eternidade. Em Oswald, a eternidade está na vida infinita, a vida como pura devoração, assim como no sentimento órfico, no tótem que substitui o tabu, e em obras como Memórias sentimentais de João Miramar e as que explicitam sua visão de universo (DP, UA, EP, AN). Para libertar a mulher e, com ela, o humano, basta não forçar todos os indivíduos a viverem em esquemas monogâmicos -- o que requer a formação de nova ética, de acordo com a natureza. Nas palavras de Giovanni Rossi, fundador da Colônia Ceólia, trata-se de

"renunciar à mulher como uma coisa apropriável,  
por tê-la livre amiga nos notáveis acontecimentos  
da livre vida" (Rodrigues, 1969:47).

É pela via cultural que se passa da civilização à cultura:  
é pela revolução cultural permanente, pela polêmica, pelo gran

de debate, pela ação comunicativa, que se forma um novo ser humano, uma nova ética natural, o humano enfim capaz de transformar-se a si mesmo, renunciando às pulsões de morte, às pulsões destrutivas, como a propriedade, o poder, a guerra, e cultivando as pulsões de amor, das quais nascem a arte e a cultura: eis o matriarcado oswaldiano.

No surrealismo e no oswaldianismo, a ação cultural torna-se mais importante que a ação política (veja Schiller, supra): a política, guerra de todos contra todos em busca do poder, não muda o humano, como demonstram as revoluções francesa e russa. Na União Soviética, o homem velho fez uma revolução em nome do fim da propriedade: a casta partidária tornou-se burguesia estatal, o poder e os privilégios dele decorrentes tornaram-se moeda corrente, em efeito bumerangue (veja a "pavloviana" de Paes). Se a ação stalinista não muda o homem — ao contrário, torna-o ávido de poder —, o mesmo não se pode falar da ação surrealista, sucedida pela ação existencialista de Sartre (em 1967: notas, o objeto sartreano é o surrealismo). A ação oswaldiana só criou efeitos após a sua morte, como o concretismo e o tropicalismo popular, para além da cortina de silêncio. O cruzamento de Freud e Marx, a ação marcuseana, contribuíram para o ano libertário de 1968, em que muito que era sólido desmanchou-se no ar. Se a ruína soviética é um triunfo para o capitalismo privado e o liberalismo, é triunfo também para a utopia, para os heterodoxos que denunciaram o stalinismo como o avesso da utopia, para Oswald, Breton, Sartre, Marcuse. É a poesia, a dimensão estética e cultural que muda o humano, não as burocracias partidárias: o partido é a morte da esquerda: a literatura (e a cultura) é sua vida (Sartre, 1980 e 1967). Por isso o surrealismo confunde o problema do

ser com a poesia, em busca de um ser poético, de um existir poeticamente sobre a terra.

Depois de Lafargue, talvez o primeiro a nos oferecer um título sobre os tempos livres foi Bertrand Russell, filósofo de mente aberta, próximo do anarquismo, em seu Elogio do lazer, de 1935. Como Oswald, ele combate a ideologia que exalta o trabalho compulsório, a moralidade do trabalho; moral de escravos. (Nietzsche.) Segundo Russell, já se trabalhou demais no mundo; a crença na virtuosidade do trabalho é nociva. O caminho para a felicidade consiste na diminuição do trabalho, que nada mais é senão alterar a posição da matéria ou mandar outras pessoas fazê-lo.

"Remover matéria de um lado para outro, embora em certa quantidade seja necessário para nossa existência, de modo algum representa um dos fins da vida humana."

O transporte de matéria, trabalho de Sísifo, não realiza o significado de nossa existência, e existir sem significação equivale a ser nada, portar a morte em si, e messianicamente esperar a vida após a morte.

A técnica permite distribuir o lazer com igualdade. A primeira guerra mundial demonstrou que a organização científica da produção permite manter excelente nível de bem-estar com pouca capacidade de trabalho. Os Estados Unidos cresceram nas duas guerras mundiais, apoiados no trabalho feminino, o que ajudou a desenvolver o feminismo e os temas matriarcais.

"Se, ao término da guerra, a organização científica [...] fosse mantida em tempo de paz e as horas

de trabalho fossem reduzidas a quatro, tudo correria bem para todos."

No entanto, com o cessar fogo, retornou-se ao supertrabalho e sua contraparte, o desemprego, que são a moral do Estado escravista. Metade dos humanos fica ociosa, outra metade sobrecarregada. Hoje, na Europa, trabalha-se em média 4 horas e 21 minutos diariamente, mas provavelmente metade das pessoas não trabalha, enquanto a outra metade consome a maior parte de sua existência em trabalho compulsório.<sup>9</sup> No Brasil, a classe média trabalha 40 horas semanais, enquanto os operários são forçados a longa jornada de 48 horas, enquanto a redução da jornada eliminaria o desemprego. Produz-se o supérfluo e recorre-se à guerra, meio de alongar a jornada de trabalho. "Pensamos demasiado na produção e pouquíssimo no consumo", afirma Russell. Seis anos antes, na Revista de antropofagia, afirmava Oswald "Freuderico" de Andrade, contra Marx: "Para nós o que é interessante é o 'consumo' -- a finalidade da produção." (RA 17 mar. 1929)

Prazer e felicidade não são temas de nossas ideologias e idiossincrasias. É preciso permitir aos indivíduos o desfrute inteligente do prazer: as pessoas que consomem todas as suas energias psíquicas no trabalho tornam-se passivas; não participam, apenas assistem passivamente ao futebol, ao rádio, ao filme. Mais lazer permitiria o desenvolvimento do prazer ativo. Foram os ociosos que cultivaram as artes, as ciências, os livros, as filosofias, que realizaram até mesmo a libertação dos oprimidos. Bertrand Russell tece críticas aos ociosos e ao meio acadêmico, em palavras sobre as quais é preciso refletir:

"seus modos de se exprimir são, em geral, de modo a que suas opiniões não exerçam a influência que deviam exercer sobre o grande público" "os estudos universitários são sistemáticos, e alguém que invente uma linha original de pesquisa tende a ser desestimulado" (1977:23).

Foi o que aconteceu com Oswald, Benjamin e Marx,<sup>10</sup> cujas originalidades de pesquisas foram desestimuladas nos meios acadêmicos. É preciso evitar o academês, que abre um abismo entre a universidade e a comunidade. Segundo Hermann Keyserling, hóspede de Oswald e Tarsila, inspirador do bárbaro tecnizado (MA) que se metamorfoseou no homem natural tecnizado (CFM),

"A compreensão do verdadeiro, somente, transforma." "O verdadeiro mediador na ordem intelectual é, em nossos dias, não o autor de grossos volumes, mas o jornalista." "os líderes mais capazes de nosso tempo saíram do jornalismo", onde há "a faculdade de se exprimir de um modo breve, justo e eficaz", a possibilidade de "fazer eclodir uma nova cultura" (1927: 99; veja também Gramsci, 1975).

Dá a importância do jornalismo oswaldiano, de seu ser polêmico devorador do universo. Mas, dialeticamente, o didatismo é a morte da arte e da cultura: o que alguns inventam, outros poderão intermediar rumo às massas, como disse Marx (1974c), Pound (1970) e Moacyr Cirne, enquanto não cessar a divisão de trabalho. Oswald e Sartre, inimigos dessa divisão, souberam fazer dialeticamente ambas as coisas, inventar e intermediar

ar: Oswald estaria para o Brasil como Sartre para a França. Também há o Marx inventor do Capital e o intermediador do Manifesto. Os tempos livres não são somente um fim (invenção), mas também um meio (intermediação) para a transformação da civilização em cultura.

Em Bertrand Russell, numa jornada de trabalho de quatro horas diárias (já Lafargue pedia três) toda pessoa teria condições de dedicar-se à ciência e à pintura, segundo suas inclinações, sem morrer de fome. A vida repousaria e agiria na felicidade e na alegria, "em vez de nervos em frangalhos, monotonia e dispepsia" (Russell, 1977:9-24), de tédio, náusea e melancolia. Em Oswald,

"Ninguém mais mora, apenas se dorme, à custa de entorpecentes, numa gaiola descristianizada donde fugiu a própria morte." "O homem atual nasce na maternidade, ama na rua, morre no hospital." (EP 212)<sup>11</sup>

O homem primitivo sentia-se em paz nas suas cavernas. O homem civilizado sente-se estranho em seu "apartamento" sem paisagem, alheio à sua natureza. O humano, fruto da natureza, precisa retomar o caminho do campo, fortalecer-se em suas raízes originais, abandonar a oposição cidade/campo, fruto da divisão de trabalho, e encontrar sua razão de ser. Segundo a visão do paraíso humanista, a visão de mundo da utopia,

"Não é num futuro póstumo, ou fora do mundo, mas na própria vida de todos os dias que a condição humana há de encontrar sua razão de ser." (Sérgio Buarque de Holanda, 1969:182)

Em Holanda (1983:10 *passim*), o ócio é uma vocação dos povos ibero-americanos e católicos, contra o espírito protestante louvador do trabalho. Oswald demonstra que os tempos livres são uma vocação universal,<sup>12</sup> em sua filosofia de exportação, apesar de nos rastros de Holanda descrever a guerra Brasil-Holanda como o ócio em face do negócio, as Raízes do Brasil contra o protestantismo trabalhista. Esse protestantismo representa o auge do negócio em face do ócio passado e futuro, o clímax do messianismo, nas trilhas de Max Weber.

Provavelmente o lazer de Bertrand Russell, cujas "Obras" encontram-se na bibliografia da Crise, auxiliou na construção do ócio oswaldiano, que nos manifestos era a preguiça (MPB § 18, MA § 9). No Raul Bopp antropófago, mussangulá é "Espécie de preguiça filosófica, de moldura brasileira: estou de mussangulá!" (1977:48). A preguiça filosófica é a mãe da cultura, pois é passiva (princípio de Nirvana) mas também ativa (princípio de prazer), fantasia, invenção e amor do ho-  
mo ludens, cultura que substitui "o Faber, o Viator e o Sapiens" da civilização. O conceito de Homo ludens deriva do livro homônimo de Johan Huizinga, que versa sobre o jogo como origem da cultura. Em Huizinga, "toda metáfora é jogo de palavras." (Lembremos Tzara.) Através da metáfora, damos expressão à vida, "o homem cria um outro mundo, um mundo poético, ao lado do da natureza." De Aristóteles a Bergson, o homem é o animal que ri. Jogo é liberdade, evasão do princípio da realidade, ligado à estética. A cultura primitiva é um domínio lúdico. Neste domínio encontram-se a criança, o poeta e o selvagem (e o louco, acrescentaria Oswald): "Há hoje um esforço para sentir a essência da vida primitiva."

Com a decadência da civilização -- não só do ocidente, pois

o oriente se ocidentalizou, o mercado mundial fez do planeta uma aldeia global —, o ócio dos utópicos, que são semáforos e antenas da comunidade (ou da anticomunidade, antifraternidade presente), vê uma miragem concreta, o retorno dialético à natureza humana, a síntese de técnica e cultura. O que antes era exótico e pitoresco passa a ser origem e meta. Se o Brasil tende ao ócio, Luso era "filho ou companheiro de Baco e originador da raça lusitana", daí a vocação dionisíaca e carnavalesca de uma nação formada por três povos ociosos: o lusitano, o negro e o índio.<sup>13</sup>

Nas sociedades primitivas, segundo Huizinga, a caça é jogo que precede a civilização. A poesia nasce como jogo: "a poesia é como um sonho de amor filosófico." Ela é jogo de palavras metafórico. A filosofia seria também o jogo da imaginação kantiano. O sonho é jogo para além de tempo-espaço-causalidade. Eros e Vênus são os jogos de amor. As diversas esposas do matriarcado oswaldiano, podemos somar duas amantes: a poesia e a filosofia — os jogos amorosos das palavras e da imaginação, a sublimação cultural).

A partir do século 18, com a ascensão do capital, o elemento lúdico da cultura declina: "a perda do humor é uma coisa mortal" (o homem sério do capital veste a máscara da morte). O jogo, compreendido como divertimento, prazer e alegria, constitui a essência da cultura humana, sua origem e meta. Na origem, segundo a mitologia germânica, "quando o mundo foi ordenado, os deuses reuniram-se para jogar aos dados". (Huizinga, 1980) Lembremos Nietzsche, Mallarmé e o big-bang. As mitologias encerram verdades latentes que as ciências demoram a demonstrar, assim como as utopias, os sonhos, as miragens e os poemas, que a dialética incessante utopia-ciência-uto-

pia tornam concretos. Na meta está o jogo, princípio de prazer e alegria, prova dos nove, a unidade ciência-utopia, os grandes jogos como finalidade da cultura e da existência.

Na dialética utopia-ciência, a sociologia do lazer, inaugurada por Georges Friedmann, comprova a Crise.

"E justamente observando a evolução da existência laboriosa nas fábricas da América é que um grande sociólogo francês, Friedmann, respondeu ao título de seu livro admirável Où va le Travail Humain?. Ao ócio." "Num grande livro, Où va le travail humain?, o sociólogo francês Friedmann varejou a sociedade fabril de nossos dias na Europa e na América. E concluiu, tremendamente documentado: o trabalho humano conduz ao ócio. Fase paradisíaca do matriarcado." (MU 194, 209)

Friedmann é um cientista orgânico, que parte da utopia rumo à ciência, ao contrário de Oswald, que viaja da ciência à utopia, da sociologia à fase paradisíaca do matriarcado. A ciência orgânica, ligada ao futuro do trabalho humano, não existe sem a utopia, nem a utopia concreta consegue existir sem partir da ciência orgânica, órgão de construção do futuro. Se Oswald, deslumbrado por tudo que é novo, falhou ao tematizar James Burnham e sua contra-utopia burocrática, acertou em sua descoberta de Friedmann.

Segundo Friedmann, a técnica dispensa o homem, o que nas atuais relações de produção geraria um desemprego crônico. Outra hipótese seria a organização dos tempos livres, a realização da personalidade, satisfação e felicidade, o trabalho li-

vre radicado na alegria.

"Ainda hoje se fala dos 'pintores de domingo'. Mas se cada dia (depois da sessão de trabalho social) se tornasse domingo para quem gosta de pintar?"

As horas de trabalho semanais decrescem (a pressão dos trabalhadores reforma o capital; sem as reformas, a casa do capital estaria em ruínas): nos Estados Unidos, 70 horas em 1860, 37 horas um século mais tarde. Surge a possibilidade da abolição do trabalho marcuseana: "o trabalho, no sentido tradicional do termo, está votado a desaparecer." Já hoje ocorre o êxodo dos edifícios para a periferia (os que têm poder econômico abandonam as cidades cinzentas para se radicarem em meio à natureza verde). No entanto, os tempos livres também podem se tornar um novo ópio do povo (veja Marcuse e Dumazedier).

"Numa nação de cidadãos livres, o tempo de descanso é essencialmente liberdade, escolha, incluindo a liberdade de não fazer nada, o 'direito à preguiça'." (Friedmann, 1968:258)

Naturalmente, os tempos livres de Friedmann repousam no reino da liberdade de Marx (1945, V; 1973b).

Depois de Oswald, a questão dos tempos livres desenvolveu-se e avolumou-se, formando uma disciplina à parte, a sociologia do lazer. Embora os tempos livres constituam a essência e a conclusão de sua visão de universo, a passagem da

civilização (economia e política, propriedade e Estado, patriarcado e messianismo) à cultura, seu "legado especulativo" (Vita, 1956) não repercutiu devidamente. O antropofagismo, definição de uma filosofia destinada a chamar a atenção, teve efeito bumerangue, assustando os meios acadêmicos dos anos '50, à exceção de Vita e, nos '60, Nunes e Furter. Oswald estava adiantado em relação a seu tempo/espço. Independentemente de seus poemas filosóficos, de seus sonhos cordiais, um seu contemporâneo, não ensaísta, mas anti-romancista de O som e a fúria, William Faulkner, sintetiza a questão dos tempos compulsórios versus tempos livres, em entrevista à Paris Review:

"Por temperamento, sou um vagabundo e um errante. Não quero dinheiro com tanto afã que tenha de trabalhar por ele. Na minha opinião, é uma vergonha que haja tanto trabalho no mundo. Uma das coisas mais tristes é que a única coisa que um homem pode fazer durante oito horas diárias, dia após dia, é trabalhar. A gente não pode comer, beber ou fazer amor durante oito horas diárias; só o que pode fazer, durante oito horas, é trabalhar. Eis aí a razão por que o homem torna a si próprio e a todos os demais tão miseráveis e infelizes." (Cowley, 1968:51)

A civilização inverteu todos os valores: se, para a natureza, o fim é o prazer e o meio é a caça, o alimento, a matéria que nutre os seres vivos, no patriarcado messiânico o fim é o trabalho, a matéria acumulada ao infinito, a mercadoria e o capital, o dinheiro-mercadoria, D-M-D' ao infinito, e o tem

po restante é descanso para a retomada do trabalho, meio de trabalhar mais e mais, como Sísifo. Por isso é necessária uma reinversão radical de todos os valores, como desejava Nietzsche. A essência da existência deixou de ser a realização existencial, o prazer e a alegria, para se tornar trabalho compulsório.

Se Oswald denunciou o stalinismo desde 1945, após a derrota dos fascismos capitalistas, as denúncias contra Stálin por seu próprio partido, em 1956, <sup>deram</sup> novo alento aos heterodoxos. Os ortodoxos lêem Marx como uma Bíblia cheia de revelações dogmáticas: "A doutrina de Marx é onipotente, porque é verdadeira"...<sup>14</sup> Existe uma religião marxista messiânica, uma "dogmática obreirista", "último refúgio da Filosofia messiânica, trazida do Céu para a terra." (CFM 85) Em nome de Marx implantou-se um novo czarismo na Rússia, com a servidão e a escravidão ideologizadas como produtividade a realizar o "comunismo". Ao comunismo utópico — o socialismo real —, os heterodoxos respondem com o anarquismo científico, a dialética utopia-ciência, que relê Marx criticamente. Do comunismo utópico ao anarquismo científico, eis o caminho em que se inscrevem Oswald e outros, heterodoxos releitores de Marx como Kostas Axelos, em sua tese de doutorado Marx pensador da técnica, e Henri Lefebvre, que comparece na bibliografia da Crise com a Crítica da vida cotidiana, a lógica dialética, o Nietzsche e O existencialismo. Em 1962, afirma Lefebvre:

"Marx encarava de duas maneiras o possível humano: eticamente<sup>15</sup> (transparência das relações sociais, reconhecimento recíproco dos indivíduos e dos grupos admitindo relações racionais e conhecidas como tais) — esteticamente (gozo intensificado sem

limites dos bens e dos desejos, gozo do mundo prefigurado pela arte e comportando a fusão da arte com uma vida cotidiana radicalmente transformada."

(1969:232; ed. fr. p. 198)

A transparência das relações sociais implica no fim do messianismo, que

"só desaparecerá quando as condições da vida prática mostrarem diariamente aos homens relações mais transparentes e racionais, tanto dos próprios homens entre si como em relação à natureza." (Marx, 1945, I: 126)

Isto é, o fim da coisificação e da alienação. Uma nova ética se impõe, pois a moral é imoral (Nietzsche). O messianismo só admita o prazer e alegria após a morte, pois tem diante de si um mundo opaco, onde prazer e alegria voltam-se contra si, os instintos voltam-se para dentro, para o inconsciente. A nova ética precisa ser fundada na estética, onde prazer e alegria se exteriorizam, através do retorno do reprimido. A recordação do recalçado, do prazer que a civilização nos proíbe, leva-nos à dimensão estética de Marcuse, ao mundo que a arte antecipa, enquanto sonho concreto. Uma prática artística cotidiana implica numa mudança qualitativa da vida. Como disse Faulkner, hoje o cotidiano é trabalho e nada mais. Os lazeres são passivos. Para além dos pintores de domingo, quando todos os homens realizarem o artista, o pensador, o intelectual que portam dentro de si, o mundo deixaria de ser mera economia para se transformar em cultura. A poesia passaria a ser recí-

proca, a ser feita por todos, não por um, como desejam Lautré-  
amont e Éluard.

Há um momento em que a quantidade se transforma em quali-  
dade, em que o reino da necessidade se transforma em reino da  
liberdade. Um indivíduo que trabalhasse duas horas por dia —  
como o índio que caça e pesca durante tempos relativamente  
breves, transformando o próprio trabalho em jogo, para além  
da jornada interminável de Sísifo — desfrutaria de tempos  
livres para desenvolver sua personalidade, para fazer da cul-  
tura o coração pulsante de sua existência. O próprio capital,  
para evitar a rebelião das massas, é obrigado a reformar-se,  
liberando tempos livres à medida que a automação do trabalho  
avança. Sem a redução do trabalho, o desemprego atingiria ci-  
fras astronômicas, gerando insurreições. Em um século, o tra-  
balho reduziu-se à metade. Na França, nos tempos de Marx, tra-  
balhava-se semanalmente seis dias de treze horas. Em 1971,  
chega-se à semana de quatro dias de dez horas. Partindo des-  
se fato, Joffre Dumazedier indaga: Rumo a uma civilização do  
lazer? Em Lafargue, o lazer era semelhante ao ócio. "Hoje, o  
lazer funda uma nova moral da alegria", passa a ser liberação  
e prazer: descanso, divertimento e desenvolvimento da persona-  
lidade. "Les jeux ne sont pas faits" (os jogos não estão fei-  
tos): é preciso viver a vida como jogo (jogos culturais e amo-  
rosos, que transformam a vida em poesia). Como desejam os sur-  
realistas e Edgar Morin, "É preciso reintegrar o imaginário  
na realidade do homem." O week-end, a semana de dois ou mais  
domingos, é um fato recente, alheio aos tempos do Capital,  
assim como segue sendo alheio aos operários brasileiros. A-  
quém do capital, recentemente, no interior paulista, quase  
todos os dias de santos eram feriados — veja os Parceiros do

Rio Bonito de Antonio Candido. Segundo Jules Bois, "Breve, to do mundo viverá no campo", na periferia: a população se espalhará pelo planeta, desaparecendo a oposição cidade/campo. As praias tornaram-se terrenos de jogos. Os acampamentos ensaiaram o retorno à natureza.

No entanto, aquém do reino da liberdade, "o tédio tende a tornar-se um fenômeno geral": é preciso traduzir a vida em poesia. A necessidade fundamental do ser humano é a atividade, não o trabalho, mas a "cultura contínua" (Bachelard). So<sub>o</sub>mente com a democratização permanente do saber é possível de<sub>o</sub>mocratizar o poder, as organizações e as decisões.

"Somente uma aliança da imaginação criadora com o rigor científico pode nos ajudar a sair da crise atual que fere a democracia cultural." (Dumazedier, 1972:250 passim)

A democracia cultural se constrói através da aliança entre a imaginação criadora de um Oswald e a sociologia de um Dumazedier, na dialética utopia-ciência.

No ano libertário de 1968, afirmou Daniel Cohn-Bendit:

"pode-se imaginar outro sistema onde todo mundo trabalhe nas tarefas de produção -- reduzidas ao m<sub>i</sub>nimo graças aos progressos técnicos -- e onde cada qual tenha a possibilidade de prosseguir, paralelamente, estudos contínuos." (1969:110)

Com a imaginação no poder, forma-se uma classe estudantil permanente, que incorpora todos os indivíduos. Há uma classe es-

tudantil formada pelos intelectuais, que pesquisam continuamente; ao deixar de pesquisar, o intelectual deixa de produzir e de ser orgânico. Segundo o intelectual orgânico Antonio Gramsci,

"todos os homens são 'filósofos'" "Todos os homens são intelectuais, poderia-se dizer; mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais" Com "o nascimento de uma nova cultura nas grandes massas populares, desaparecerá a diferença entre cultura moderna e cultura popular ou folclore." (1975:1342, 1374, 1516, 2314)

O que Gramsci e Cohn-Bendit vislumbram é a possibilidade de uma revolução cultural permanente, que situe a cultura no coração da sociedade. Enquanto todos os homens possuem uma linguagem, todos os homens possuem uma visão de mundo; portanto, todos os homens são filósofos. O trabalho compulsório destrói o filósofo que existe em cada homem, sugando todas as suas energias psíquicas. Transforma a criança genial em adulto medíocre (Freud). A juventude, com seu poder de imaginação, é esteticamente ativa. "Aos dezoito anos todos querem ser poetas", "Todos fazem versos; e depois todos deixam de fazer versos", nas palavras de Otto Maria Carpeaux (1970:190s), autor da magnífica História da literatura ocidental. O imaginário do adolescente submerge ante o frio princípio de realidade, que o faz optar entre o trabalho compulsório ou a morte pela fome. Numa sociedade racional, culturalmente multidimensional, não morreria o poeta e o filósofo de que todos são portadores.

Em sua leitura da visão oswaldiana, Nunes afirma que "o fim da civilização moderna é o ócio", "a dialética do trabalho con

duziria ao ócio" (1979:67n, 70). Esse fim teria dois significados; a civilização conduz ao ócio, à medida que realiza a técnica criadora de tempos livres. Mas a civilização baseia-se na propriedade, o que inclui a propriedade de tempos livres, e o trabalhador contemporâneo labuta mais que o selvagem, pois a técnica não lhe pertence, é propriedade privada da classe ociosa que detém o capital. Por isso, por outro lado, a civilização termina no ócio, na socialização dos tempos livres e no fim do ter, quando o fazer torna-se ser. "Fazer, e, fazendo, fazer-se", no aforismo de Alain repetido por Sartre. À barbárie (o homem natural) e à civilização, sucederia a cultura do homem natural tecnizado. Em Oswald, chegaríamos à "síntese, enfim, da técnica que é civilização e da vida natural que é cultura". Mas, se os fusos trabalham sozinhos, a atividade humana cessaria de ser desenvolvimento da técnica para transformar-se primeiramente em atividade cultural, para além das atividades económicas. Na essência da visão oswaldiana, implicitamente, está o fim da civilização e o início da cultura, o fim da pré-história humana e o início do reino da liberdade. Após os descalabros do homem civilizado, que fez da propriedade e da guerra de todos contra todos a sua essência, chegaríamos ao homem natural portador da técnica, único fruto da civilização, ao homem cultural, à dimensão cultural e estética, à multidimensionalidade contra o homem unidimensional do ter.

O ócio não é apenas desejo do homem civilizado; ele está no centro da filosofia indígena, como demonstra Hélène Clastres em Terra sem mal: o profetismo tupi-guarani, que responde ao testamento oswaldiano: "tomem em consideração a grandeza do primitivo, o seu sólido conceito da vida como devoração

e levem avante toda uma filosofia que está para ser feita." (EP 232) Segundo os cronistas, os índios brasileiros não tinham religião. Mas há uma religião tupi-guarani: a realização do ócio aqui mesmo numa terra sem mal, para além do mal que é o trabalho e a necessidade. O ócio é uma vocação universal, desde os animais que caçam em tempos mínimos.

"A Terra sem Mal nos é descrita inicialmente como um lugar de abundância: o milho cresce sozinho, as flechas alcançam espontaneamente a caça... Opu-  
lência e lazeres infinitos. Mais nenhum trabalho, portanto: danças e bebedeiras podem ser as ocupações exclusivas. Nem tampouco regras de casamento: 'Dêem suas filhas a quem vocês quiserem', diziam os carais." (Clastres, 1978:67)

O Brasil foi descoberto três vezes: os lusos (ludus), em seus jogos de navegação, em sua viagem permanente de Serafim Ponte Grande (a grande ponte entre passado e futuro) e de Luís "Lusiadas" de Camões, descobriram o homem natural (PB, PM) redescoberto pelo romantismo de Gonçalves Dias, o mago de "I-Juca Pirama", poema e coreografia (Candido, 1971, II: 86),<sup>16</sup> e do José de Alencar de O guarani e Iracema, anagrama de América. A terceira descoberta é a modernista, de Oswald, Mário de Andrade e Manuel Bandeira (veja seu Carnaval, que se abre com o "Bacanal"),<sup>17</sup> artes que geraram as ciências sociológicas de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, a brasilidade de Rosa (Lorenz, 1973).

Na Terra sem mal, oscila e cintila o ócio e a libertação, que culminam no matriarcado, na liberdade ética, mais epicu-

rista que estóica. A utopia tupi-guarani se tornaria concreta através da técnica. Na região onde a natureza e a técnica (enquanto domínio e libertação da natureza) se encontram, os fusos trabalham sozinhos: eis a terra sem mal.

Além do futuro, no passado dos apapocuvás-guaranis, existia uma hierarquia: os que não cantam, os que cantam, os pajés e os grandes xamãs. A antropofagia não era praticada contra prisioneiros de guerra que cantavam bem. As atividades religiosas consistiam em danças, cantos e relatos, na abertura das portas da percepção através do fumo. Segundo um xamã chi ripa, "Impossível cantar quando a gente está com raiva." Os tempos presentes, tempo de homens partidos (Drummond), são hostis ao canto e à poesia (Hegel). "o presente é sempre o tempo da negação". (Clastres, 115 passim) Em Oswald, vivemos em estado de negatividade. O homem natural sonhava com as técnicas e as criaram, tornando-se civilizado. O ter a técnica transformou-se em ideal. O homem natural tecnizado seria o índio portador da técnica, solução da negatividade. Oswald não quer retroceder aos índios, como os românticos, mas criar nova cultura portadora da técnica, libertadora do trabalho humano, enquanto os românticos abominavam a técnica. Nesta cultura, "o trabalho voltaria a ser (como no passado) semelhante à arte — isto é, a livre expressão da criatividade humana." (Michel Lövy, 1990:51) O trabalho radicado nos jogos da liberdade: eis a dimensão marcuseana.

Segundo Sartre, a arte não significa: é; a arte não é significação, mas ser. A beleza da arte assimila a beleza natural. "o mundo pode muito bem passar sem a literatura. Mas ele pode passar sem o homem melhor ainda." (1967:357, 61, 16) Palavras endossadas pelo último Lévi-Strauss, em Olhar, escutar, ler,

onde só a arte é insubstituível, enquanto o homem pode desaparecer. A arte é a melhor (ou única) realização do ser humano, ao lado da técnica (arte = techné). Para além do marxismo, existe uma filosofia da liberdade. A essência da existência humana é a cultura, sua meta, se um dia ela chegar a ser, para além das guerras atômicas que preparam o nada. Por que existe o nada e não simplesmente o ser? O fazer se aliena no ter, não chegando ao ser. Na cultura, uma vez abolido o ter, o fazer é a realização do ser, o cultivo de uma existência em fim humana.

No fundamental Princípio esperança do teólogo da revolução Ernst Bloch, publicado em 1959, que apresenta tantas analogias com o Oswald de 1950 (Furter, 1974:70ss, 108, 151; 1966), o conteúdo da utopia concreta é "mundo em paz, tempo livre e ócio" (1979, II:470-512). Também no fundo de todas as utopias está o ócio, desde Thomas Morus, onde o trabalho não excede seis horas, e Campanella, onde se trabalha quatro horas. Em Santo Agostinho, "No sétimo dia seremos nós mesmos." (A cidade de Deus, XXII) Em Morus,<sup>18</sup> a liberdade consiste num mínimo de trabalho e Estado, num máximo de alegria. Em Bloch, a cultura perde sua distante coisificação e sua abstratividade fluante (II:98). A luta pelo tempo livre é também luta contra as pulsões de morte, contra o assassinato organizado e a guerra (veja Russell). É luta pelo tempo livre da guerra, radicalizado no ócio pacifista, no mundo em paz. Numa sociedade situada além do trabalho, não haverá domingo, pois todos os dias serão domingos enraizados na festa popular, no casamento feliz com o espírito, na cotidianidade festiva.

"A cultura forma assim no ócio, que é seu tra-

balho, não nas ilusões do tempo depois do trabalho, substâncias do verdadeiro tempo livre. Porque nada está mais ameaçado nem nada é mais esperançador que o tempo livre, e nada precisa de mais cultivo que o campo humano" (Bloch, 1979, II:501).

O tempo extenso do ócio exige uma mudança de espaço, "o que se chama levantar o campo." Na paz do tempo livre surge um espaço protetor, o "espaço materno do ócio" (matriarcado). Desaparecem as divisões entre trabalho intelectual e manual, entre campo e cidade, e acima de tudo entre trabalho e ócio. O ócio real reside no conteúdo da liberdade, "num mundo não-alienado: somente então se vê terra." "A verdadeira gênese não se encontra no princípio, mas no final" (III:501): a gênese é o fim, o Éden é o céu (Édencéu), o paraíso não se encontra no princípio, mas no final da longa marcha humana: a origem é a meta.

O Princípio esperança, onde a esperança é princípio (lembança da origem) e fim (utopia concreta), talvez seja o que de melhor se escreveu sobre as utopias: ele está para o mundo assim como A marcha das utopias oswaldiana está para o Brasil. Enquanto utopia concreta, é princípio de ciência, ponto de partida para uma verdadeira sociologia do lazer e para a ciência das utopias, para pensar a técnica como democracia concreta (Roqueplo, 1983). Se a técnica criou o mundo em seis dias, é tempo de domingo, tempo de cultura. O homem-deus, uma vez tendo dominado a natureza através da técnica, pode ao campo retornar e cultivar seu ser cultural. A teologia de Bloch é semelhante ao sentimento órfico oswaldiano: concretiza-se na antropologia, enquanto a vocação do ho

men é se tornar Deus. Também no fundo da antropologia está o ócio, os tempos livres para transformar a cultura em prática, a imaginação humana em realidade. Tempo, espaço e causalidade civilizados se transformam em tempos livres, espaços sem limites no caminho do campo, e efeito: a cultura, efeito da economia, passa a ser causa da sociedade, enquanto a economia, a técnica, passa a ser efeito da cultura e da ciência. Desta forma, a civilização se transforma em cultura. Da civilização messiânica em crise passamos à cultura matriarcal, onde os frutos do amor plenamente livre, os humanos, ligam-se à mãe e à comunidade, deixando de ser propriedade do patriarca. Desaparece a tirania do minuto (Benjamin, 1986:83) e cultivam-se os tempos livres culturais, fantasia, invenção e amor. A cultura livre, erótica, é invenção e amor: em Oswald, a poesia não é mais que um gesto de amor, e o amor libertado pode ser poesia, paixão da linguagem, canto das sereias,<sup>19</sup> prazer de texto (Barthes).

Na dialética do esclarecimento e do iluminismo (Aufklärung) de Horkheimer e Adorno, "O amusement é a prolongação do trabalho sob o capitalismo tardio." "O prazer se petrifica em aborrecimento" (1971:165. Veja no bloco 9 as relações de ambos com Marcuse e Habermas). Na época burguesa, a autoridade se concentra em favor da moral do trabalho (Adorno e Dirks, 1971:8), a moral de escravos nietzscheana. Interpretando Bloch, afirma Furter:

"ao reduzir sempre mais o tempo dedicado ao trabalho, a sociedade industrial encheu este 'tempo livre' sem fazer dele um tempo 'liberado'." (1974:90)

A redução da quantidade do tempo de trabalho ainda não se transformou em qualidade. O homem é um estranho em sua própria casa, onde ele se "diverte" com os meios de comunicação de massa: a TV, o jornal, a revista, o rádio, portadores da moral do trabalho, a moral de escravos, aquém dos tempos livres. O homem mora onde trabalha, não trabalha onde mora, e é obrigado a consumir horas transportando-se para o trabalho. O lar, a morada do ser, só "existe como lembrança da origem e como esperança do fim." (Furter, p. 68) Lembremos Oswald: ninguém mais mora, apenas se dorme, à custa de entorpecentes, numa gaiola descristianizada. O homem pré-histórico sentia-se em paz em suas cavernas (Marx, 1974b). O humano contemporâneo mora numa prisão, abrigando-se do fruto do capital: a criminalidade, inexistente entre os índios. Os sentimentos predominantes são o tédio e o medo, o temor que anula a existência.

Nos Prismas de Adorno, "o sentido próprio da cultura é precisamente a suspensão da coisificação", contra a "crescente barbárie do domínio do econômico em seu mundo." (1962b: 13, 15; 1977:15, 17). Contra a economia coisificada da civilização, a cultura liberta, descoisifica e desaliena. Uma humanidade educada esteticamente (Schiller) tem sua morada na cultura, não na barbárie econômica.

No último Adorno, que naturalmente é Teoria estética, a liberdade, os tempos livres, desembocam na arte e a arte desemboca na liberdade, nos tempos livres, como no Marcuse da Dimensão estética, no Sartre do Idiota da família (Flaubert), no Lévi-Strauss de Olhar, escutar, ler, no Kant da Crítica da faculdade de julgar, no Hegel da Estética: a arte, a estética, é o futuro e a conclusão da filosofia. A arte de falar, a linguagem, poesia e canto, define o ser humano: o homem é o animal que fala. "a arte é tentada a anteci

par uma sociedade global não existente e o seu sujeito não existente". A arte é negatividade, toda arte é revolucionária (entendida a revolução não como violência, efeito bumerangue que termina em terror, da França à Rússia, mas como transformação cultural permanente de toda a humanidade). "Ao separarem-se enfaticamente do mundo empírico, as obras de arte testemunham que este mundo deve tornar-se outro" (Adorno, 1982:191s, 201; 1970: 251, 264). Lembremos Thomas Mann (nota 14; 1955:49): na longa marcha do homem ao humano, é a arte que chega primeiro. Artistas são semáforos da sociedade (Oswald), antenas (Pound). A arte é o futuro, a dimensão estética é simultaneamente antecipação do futuro no presente e criação, imaginação do futuro: neste sentido, os filósofos utópicos são artistas, a poesia é filosofia e a filosofia é poesia, como em Oswald. A cultura reside na arte ou serve ao capital, como a física ao criar a bomba atômica. A técnica, que pode ser libertação, é utilizada pelo capital mundial como meio de dominação.

Em Habermas (como em Adorno), "a força de trabalho dos produtores imediatos tem cada vez menos importância", a técnica assume o lugar de principal força produtiva, liberando tempo de trabalho produtivo e compulsório, gerador de mais-valia, mas ainda não transcendemos a fase da "alienação da sensibilidade e da satisfação estéticas" (1987:73, 92), sem as quais não se faz o novo humano capaz de transcender a civilização rumo à cultura, aos tempos livres.

Mas é Marcuse, inspirador das libertações de 1968, quem mais se aproxima de Oswald, também presente em 1968, catorze anos após sua morte, com O rei da vela, que revoluciona o teatro brasileiro, e com o novo antropofagismo tropicalis

ta, revolucionador da música popular brasileira, que levou à prisão e ao exílio os poetas-cantores Caetano Veloso e Gilberto Gil. As idéias que Oswald e Marcuse teciam nos anos '30 finalmente repercutiram nos '60. Ambos são fontes de revoluções culturais verdadeiras (não da falsa revolução cultural chinesa, que era mera luta pelo poder de Mao Tsetung contra seus sucessores, autores do massacre da Praça da Paz Celestial em 1989). Neles a cultura, a poesia, a filosofia e a "revolução puramente moral" (Serafim, Eros e civilização) prevalecem sobre a política, mera luta pelo poder entre os partidos e dentro dos partidos.

Ao criar a dimensão erótica-estética, de Eros e civilização, em 1955 (1968:156-173), a seu canto de sereia, seu alçar vôo ao pôr do sol, a Dimensão estética que conclui a sua obra, Marcuse "traduz" (sem conhecê-lo) o Oswald da Crise, a dimensão do matriarcado (Eros) e do ócio (arte), a invenção e o amor do homo ludens que sucede o homem civilizado. Ambos pesquisaram Freud antes de Marx, de forma que em ambos a ética precede o econômico-político, a existência cultural precede a essência do mundo presente, a "crescente barbárie do predomínio do econômico em seu mundo." (Adorno, 1962b:15; 1977: 17) Ao sintetizarem a ética freudiana e o reino da liberdade marxiano (o fim da propriedade, Estado, trabalho compulsório, família patriarcal, cidade antinatural), ambos criaram uma filosofia da liberdade (Sartre) que supera seus pontos de partida: o freudianismo (limitado pela ausência de uma utopia erótica concreta, pela ausência de negação do princípio de realidade e do superego patriarcal) e o marxismo (limitado por seus meios, a ditadura do proletariado, e por seu economismo, que valoriza a transformação econômica e menospreza a cultura co

mo formadora de um novo humano, permitindo brotar em seu seio os stalinismos, a burguesia estatal). Na crítica do superego patriarcal, da sociedade superegocêntrica, ambos desenham uma sociedade ídica, onde as pulsões de amor florescem livremente, deixando de ser recalçadas e aprisionadas pelo inconsciente.

O inconsciente contém quase toda a cultura humana; no consciente, a cultura só aparece sob formas repressivas: a educação atual consiste em determinar o que não se pode fazer, falar ou pensar; a educação é uma cultura negativa, a cultura do não. Os instintos (pulsões), sob a energia repressiva, voltam-se para dentro (Nietzsche). Numa cultura enraizada na liberdade, o humano consciente de seu inconsciente seria um ser qualitativamente novo e genial: seria o super-homem nietzscheano (lembramos Oswald: precisamos dar o passo na direção do super-homem de Nietzsche), o ser erótico-estético marcuseano, o homo ludens oswaldiano. Se, na lógica de Wittgenstein, "O que não se pode falar, deve-se calar", "O mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas." (1968:129, 55, final e início da lógica, Finicims revém, segundo Joyce via Augusto de Campos, onde a origem é a meta) Além das coisas estão os fatos, muito além do ser está o devir, o estar (nossa língua, ao separar ser e estar, fica devendo aos principais idiomas, em que ser/estar se exprimem por uma mesma palavra, de forma que não compreendemos imediatamente o ser como devir), além da estrutura está o processo (ler é processo, estar, devir, fato, e não coisa, ser, de forma que um texto não pode ser reduzido a uma estrutura petrificada), muito além da selva das cidades está o jardim do Éden: o mundo-fato devém novo mundo, em que o que não se pode calar, deve-se falar. "O que tenho é uma verdade forte para dizer, que calado não posse ficar", diz o artista (Ro

sa, Grande sertão : veredas). A humanidade só será livre quando todos disserem a todos o mais profundo de si, quando todos puserem todas as cartas na mesa (como disse Sartre em entrevista de 1975), em jogo aberto, quando os jogos sont (são/es-tão) feitos, radicados em paz e verdade. A verdade é o inconsciente que a arte antecipa, a revolução puramente moral de Oswald e Marcuse. Além da lógica está a construção dialética do novo mundo matriarcal (AN).

Enquanto Oswald sintetizou sua visão de mundo pessoal em 1928, desenvolvendo-a após o sarapão ideológico-dogmático de 1930-45, Marcuse desenha a dimensão estética desde 1934-38, nos ensaios de Cultura e sociedade, onde ele busca a "autonomia da atividade e do ócio criadores" de invenção e amor, a racionalidade tecnológica liberadora do fazer servil e compulsório. "A civilização recebe sua alma da 'cultura'." A economia seria o corpo da sociedade. Ao se libertar do corpo econômico, da acumulação de matéria e seu símbolo, o capital, o humano poderia cultivar seu próprio corpo natural, erótico, inseparável de sua tradução espiritual, a cultura. Em Eros e Orfeu, no amor e na arte, o homem encontraria seu ser em devir, para além do nada petrificado que é a existência estritamente econômica, a subexistência. Este seria o passo da civilização à cultura. "A felicidade é o prazer supremo que o homem há de encontrar no conhecimento filosófico do verdadeiro [o inconsciente], do bom [comunidade fraterna] e do belo": a arte, esperança da história, negação da pré-história econômica em que vivemos. A cultura é a portadora da felicidade, é rebelião pela existência feliz: ela significa

"um mundo ao qual não se há de chegar mediante a

transformação da ordem material da vida, mas mediante algo que acontece na alma do indivíduo." (1970:56)

A cultura é rebelião, isto é, revolução cultural permanente criadora de um novo humano; a transformação econômica realizada pelos velhos indivíduos, que carregam nas costas todas as gerações precedentes e seus preconceitos, é incapaz de criar um mundo melhor. É através da cultura que se constrói um universo cultural, para além do homem civilizado. Com antecedência de cinquenta anos, Marcuse previa a falência soviética, comprovadora de que pela via econômica não se sai da pré-história, nem pela via política (luta pelo poder cuja continuação é a guerra). Só a cultura pode criar novas formas de existência. "na terra é possível uma organização da existência social na qual a economia não é o que decide sobre a vida dos indivíduos. Nem só de pão vive o homem", mas também da palavra cultural, do verbo rebelde criador de nova existência pacificada e verdadeira, erótica e livre, apaixonada (extática) e infinita, que abole o homem econômico e cria o humano cultural. Além das relações econômicas é preciso ver, através da alma, o próprio humano; o marxismo se alienou numa psicologia de reflexos condicionados (Pavlov; veja Sartre, 1960), enquanto um cientista, independente das ideologias, descobria um novo continente; o inconsciente (Freud), que ao lado da descoberta do continente americano, do homem natural, e do continente histórico por Marx, permite a construção de um mundo novo.

A arte, beleza ideal (incluindo a fealdade, a modernidade de Baudelaire), reproduz a felicidade, antecipando a verdade possível (o inconsciente). A arte existe enquanto supera a

cultura afirmativa, a ideologia que confirma a negatividade do presente. Ela mantém desperto o desejo de satisfação, o que é perigoso para a atual situação.

No entanto, Marcuse não é um hedonista: veja "A propósito da crítica do hedonismo" (1970:97-126). A felicidade não se reduz ao prazer dos sentidos: "felicidade e razão devem coincidir." "Em Epicuro, dentro do hedonismo, a razão se converte em prazer, ou o prazer se torna racional. Então aparece a quele ideal do sábio que goza" (p. 125, 105), que transforma as suas fantasias em invenções. A felicidade não consiste apenas no amor, no alimento e na bebida, no prazer sensual, como imaginava o profetismo tupi-guarani na Terra sem mal. O sábio goza o prazer do texto, da poesia, filosofia e ciência, da pintura, música e dança, a alegria de criar e incrível, a fala do inefável, que constroem a dimensão estética. "Os cavalos que me conduzem levaram-me tão longe quanto meu coração poderia desejar", festeja Parmênides em seu poema filosófico (Bornheim, 1972:54), abrindo O caminho do campo para Martin Heidegger, Oswald, Marcuse.<sup>20</sup> Mas no filósofo Marcuse a razão tomava espaços mais privilegiados que nos poetas, como Oswald e o mago Rosa. Nestes, a intuição e o sentimento órfico prevalecem sobre a razão filosófica. A crise é tradução ensaística das geniais intuições do "Manifesto antropófago"; no poeta, a intuição precede a razão.

Em Freud na atualidade (Adorno e Dirks, 1971:523-572), Marcuse identifica a liberdade à felicidade, enquanto

"Esta civilização desenvolveu a riqueza social até um ponto em que as renúncias e cargas que pesam sobre o indivíduo parecem a este cada vez mais ir-

racionais e desnecessárias."

É preciso desprivatizar a riqueza social e o tempo livre, liberar os instintos, exteriorizar o que se acha encarcerado no inconsciente, dessublimar a energia erótica. "Eros quer vida sob o princípio do prazer", enquanto hoje o objetivo da existência não é a felicidade, mas o trabalho, um trabalho estranho: o pedreiro constrói palácios e sua morada são as favelas.

No entanto, o patriarcado autoritário, a família, se enfraquecem enquanto educadores. Ao lado dos "gelados gestos das pessoas", do cálculo frio e egoísta, está "o desejo de desfrutar em liberdade e com felicidade da crescente produtividade".

"o grau conseguido de domínio da natureza e de riqueza social faz possível uma redução ao mínimo do trabalho não satisfatório, a qualidade supera a quantidade, o tempo livre pode se converter em conteúdo da vida e o trabalho em livre jogo das capacidades humanas. Com isso faria-se desaparecer igualmente a estrutura repressiva dos instintos: a energia instintiva, que então não se encontraria presa de um trabalho não satisfatório, ficaria livre por completo e impulsionaria, como Eros, a realização de relações libidinosas generalizadas, assim como o desdobramento de uma civilização libidínica." "a existência humana aparece como um 'projeto' eterno que nunca se realiza, nem consegue tranquilidade (utilizando um conceito de Sartre): a oposição entre em-si e para-si nunca pode ser solucionada em um verdadeiro ser em e para si." (p. 547s)

Marcuse imagina o futuro do trabalho humano como jogos inventivos e amorosos, que são o conteúdo dos tempos livres, batendo de frente com Marx, para quem o trabalho nunca poderá ser jogo e prazer. "O trabalho não pode converter-se em jogo, como pretende Fourier." "Um trabalho verdadeiramente livre — por exemplo, compor uma obra — não é fácil e exige o esforço mais intenso." (Marx, 1972, II:209, 103) Certamente, compor O capital durante quarenta anos não deve ter sido um prazer. Mas o jovem Marx, o filósofo da Ideologia alemã, pensava diferente: o trabalho livre como caça, pesca, pastoreio ou crítica, conforme a vontade do indivíduo (Marx e Engels, 1970:34), o reino da liberdade como jogo e prazer.<sup>21</sup>

A dimensão estética de Marcuse não significa orgia permanente: além dos sentidos, ele quer gratificar a razão. Ademais, "o pansexualismo só é imaginável como explosão da energia repressiva, mas nunca como a culminação de energia instintiva não repressiva" (p. 566). A sociedade de sátiros existe como negação da sociedade repressiva; numa sociedade livre não se passaria o tempo todo fazendo amor: uma vez satisfeita a libido, pode-se inventar a cultura que gera cultura. Essa possibilidade de não pode ser relegada após a bomba atômica, alarme de incêndio (Benjamin, Löwy) a demonstrar que a técnica e a ciência precisam deixar de servir às ideologias e passar a servir às utopias concretas, como as de Oswald e Marcuse, transformando o ser-em-si no ser-para-si. Também poderíamos ver o ser para si como o consciente, e o ser em si como o inconsciente, onde não há tempo/espaço/causalidade; o primeiro é lógico, o segundo dialético. A transformação do ser em si (inconsciente) em ser para si (consciente) é a fonte do programa surrealista (veja supra). A conscientização do inconsciente soluciona a o

posição sartreana e marouseana em verdadeiro ser-em-e-parasi, criando um novo humano, a cultura que sucede o homem civilizado.

Em Marcuse, O mal-estar na civilização (Freud) procede da repressão do desejo de felicidade, desejo que sai do reino da utopia para transformar-se em ciência. O inspirador de 1968 dá um passo além de Oswald, aproximando a filosofia da ciência, da psicanálise (Eros e civilização), da sociologia (O homem unidimensional/Ideologia da sociedade industrial) e da estética (A dimensão estética). À intuição oswaldiana, Marcuse soma a razão dialética, a negação do culto à produtividade e a afirmação da liberdade. Para além da produtividade, "o tempo de toda a vida se converteria em tempo livre" (p. 566), a existência humana se enraizaria na satisfação em mundo feliz, realizando a "eternidade do prazer" de Nietzsche. A existência se realizaria a si mesma, o trabalho se converteria em jogo, concretizando os desejos humanos que remontam a Platão. O desenvolvimento da moderna sociedade industrial, presidido pelo princípio de repressão, chega a um momento em que esse princípio se torna antiquado. Não apenas as relações de produção, mas também as relações éticas, tornam-se caducas em determinado grau de florescimento das forças produtivas e da riqueza social, criadoras de tempos livres. É preciso imaginar o futuro, desenhar uma utopia bem fundada nas possibilidades realizáveis, abrir alternativas para o presente negativo.

Em Eros e civilização, pesquisa filosófica sobre Freud, situada na dialética incessante filosofia-ciência, prática-teoria (prática científica/práxis técnica e teoria filosófica/razão dialética), interromper a produção de bens supérfluos e destrutivos implicaria no fim do capitalismo. A perpetuação

do trabalho compulsório em tempo integral exige "o crescente desperdício de recursos, a criação de empregos e serviços cada vez mais desnecessários e o crescimento do setor militar ou destrutivo." (Marcuse, 1968:21) O trabalho alienado não gratifica, nega o princípio de prazer. A técnica de manipulação das massas criou uma indústria de entretenimentos, a indústria cultural (Horkheimer-Adorno) que controla o tempo de lazer e impede que ele se transforme em tempos livres. Eis a Técnica e ciência como ideologia (Habermas, 1987), e não como utopia concreta (veja o bloco 9).

Precisamos "fazer do corpo um instrumento de prazer e não de labuta", criando "um novo Princípio de Realidade" (Eros, p. 16), que é antecipado pela fantasia, inserida no princípio de prazer, no prazer do texto. O trabalho artístico proporciona satisfação libidinal, "parece brotar de uma constelação instintiva não-repressiva" (p. 88) e visar o prazer, para além da repressão. Aqui nasce a dimensão erótica-estética. "Eros eria cultura em sua luta contra o instinto de morte", contra a civilização guerreira que produz o supérfluo e o destrutivo e que faz da vida do trabalhador uma vida de morte, alienada e compulsória. A arte representa o retorno do reprimido, do inconsciente, desenhando nova forma de civilização (cultura) e realidade. Ela toma consciência disso com "o programa surrealista de praticar a poesia". Marcuse, também filósofo-poeta, deseja

"a redenção do prazer, a paralisação do tempo, a absorção da morte; silêncio, sono, noite, paraíso — o princípio do Nirvana, não como morte, mas como vida. Baudelaire dá a imagem de tal mundo"

no "Convite à viagem".<sup>22</sup> Nirvana corresponde ao estoicismo ou waldiano, enquanto o princípio de prazer corresponde ao epicurismo, se bem que em Epicuro há momentos estóicos (a negação dos prazeres vãos, riqueza e poder). A produtividade passa a ser sensualidade, jogos e canções (p. 150). A oposição entre homem e natureza, sujeito e objeto, é superada através da síntese. Se o indivíduo é a mais recente das criações (Nietzsche), ele pode passar a ser extensão da natureza, e a natureza extensão do indivíduo. Os meios de comunicação interromperam a mais importante das comunicações, a comunicação humano-natureza, a comunicação como comunização, comunhão natureza-humano. Há uma "associação íntima entre prazer, sensualidade, beleza, verdade, arte e liberdade". A estética é, primeiro, sensualidade, em seguida pesquisa sobre a arte, reconciliação de sentidos e razão. "a civilização submeteu a sensualidade à razão"; "a tirania da razão empobrece e barbariza a sensualidade." (p. 166) O segundo Marcuse, de 1955, está mais próximo de Oswald, da poesia, do sentimento do mundo.

Na Ideologia da sociedade industrial, "o universo artístico é organizado pelas imagens de uma vida sem temor", o artista é aquele que ousa desafiar o opressivo; "a transformação estética é libertação." (1969b:220a) Numa dimensão erótica-estética, deixaria de existir o medo à liberdade, haveria bilhões de Oswalds e Marcuses, de poetas-filósofos, de artistas originais, com a cultura enraizada em tempos livres. Nas Conversações com Herbert Marcuse (Habermas e outros, 1980:62), afirma Heinz Lubasz: "Aquilo que ainda não pode fundamentar-se teoricamente, pode mostrar-se esteticamente." O manifesto antropófago antecipa as teorias do próprio Oswald e de Marcuse; artistas são semáforos e antenas de uma sociedade onde a opressão se reduz progressivamente (Marcuse, Conversações, p. 85). Também e re-

volucionário de 1968 tem seus momentos reformistas, no caminho da reforma cultural e moral permanente de Antonio Gramsci (1975).

À cultura de hoje falta a dimensão feminina: o patriarcado milenar, desde as deusas gregas, isolou a mulher da cultura, criando deuses patriarcais e autoritários. O primeiro passo da utopia concreta deve ser a "emancipação da mulher no interior do sistema capitalista", seguido pela "transformação radical de todas as relações humanas preparada pela mulher emancipada" (Conversações, p. 93, 101, 141), rumo ao matriarcado de Pindorama. A energia de trabalho precisa se converter em energia de prazer. Somente um humano que tenha desenvolvido a consciência pode levar adiante o socialismo (veja Gramsci e Rosa)<sup>23</sup> cuja pré-condição é a redução do tempo de trabalho, o tempo livre cultural criador da cultura dos tempos livres, rumo à abolição não só do trabalho alienado, mas à "abolição do trabalho" (p. 132), quando os fusos trabalharem sozinhos. Reduzindo-se o tempo de trabalho ao trabalho necessário, abole-se a mais-valia, a alma do capital. "A única arma verdadeiramente revolucionária segue sendo a greve geral" (p. 144), rumo à greve geral permanente dos tempos livres, à transformação do século 21.

Na última Dimensão estética (a anterior está em Eros, p. 156-173), a arte "pode ser revolucionária se ela representa uma mudança radical de estilo e de técnica" (1979:11), a arte só existe enquanto revolução, dos clássicos (Homero, Dante, Shakespeare, Goethe) a Günter Grass (de Oswald a Rosa). Kafka e Beckett "são revolucionários em virtude da forma que neles é dada ao conteúdo." A arte é a portadora da cultura: a arte política é a morte da cultura, assim como o partido político é a morte da esquerda (Sartre). "Penso em eterni

dades. O político pensa apenas em minutos. Eu penso na ressurreição do homem", disse Rosa (Lorenz, 1973:334), o artista brasileiro revolucionário por excelência, herdeiro de Oswald. A Dimensão estética marcuseana se funda na Teoria estética de Adorno. O engajamento político falseia a arte, que se engaja ao lado de Eros. Segundo Adorno e Marcuse, para compreender uma obra literária é preciso "ultrapassá-la na direção da filosofia" (1979:27), compreender sua cosmovisão.

A arte é utopia e promessa de liberação, constantemente ameaçada pela "penetração dos valores de troca na dimensão erótica-estética" (p. 58s, 73). Ao fazer retornar o reprimido, ao conscientizar o inconsciente, a arte intensifica nossa rebelião ante o presente negativo. Ela é a portadora da liberdade e felicidade do indivíduo. A lembrança do passado, do reprimido, torna-se energia transformadora do planeta. A arte nos liberta do presente e antecipa as imagens do futuro, cujo conteúdo essencial seria a forma artística. Ela representa a sensualidade, os sentidos naturais contra a civilização psicológica que nega o princípio de realidade natural, nega a natureza e, com sua razão irracional, aliena-se culturalmente e patologicamente no ter, que é seu único princípio de prazer.<sup>24</sup> Enquanto sensualidade, a arte forma a dimensão erótica-estética que recupera o passado (retorno do reprimido), nega o presente (a fantasia, a imaginação é essencialmente revolucionária) e germina os frutos do futuro (realização absoluta da dimensão erótica-estética, a realização do espírito absoluto hegeliano).

Lembremos a Teoria estética de Adorno, um dos textos decisivos do século 20, cujos germens estão em Notas de literatura como a crítica do "Engagement" (1973:51-71; 1974: 409-430).

"A arte é a antítese social da sociedade" (1982:19; 1970:19); o sociologismo erra ao deduzir imediatamente a arte da sociedade, pois a arte pertence ao futuro e não ao presente, pertence à síntese entre o social e o estético. Adorno, o negador, nega também "o culto que a psicanálise rende ao princípio de realidade", ao superego patriarcal (Oswald). Arte é desejo de construir um mundo melhor; não pertence ao inconsciente, mas é inconsciente conscientizado. Sua negatividade transcende o abismo entre a práxis presente (a angústia da posse) e a felicidade. Sua eternidade é protesto contra a morte (as pulsões destrutivas). A arte é utopia que afirma a existência do não-existente, origem e meta que fala a linguagem da natureza, fala do silêncio, fala do inefável, fala das estrelas, xadrez de estrelas, jogo aberto, promessa do que não é, antecipação do apocalipse (1982:103; 1970:151), devir e processo cujo conteúdo é a história, eterno vir a ser, caos na ordem, nostalgia (volta com dor), náusea e melancolia negadoras de um mundo sem alegria e felicidade, idéia que transcende o autor (vitória do sur-realismo contra as falsas visões de mundo, as ideologias, as contra-utopias), burlesco que lembra a pré-história animal/louco/clown (Oswald), enigma gerador da crítica, ambigüidade, ponto de interrogação, escrita hieroglífica de códigos perdidos, solução do enigma existencial insolúvel, dialética viva, verdade incapaz de mentir, promessa de felicidade, magia de origem e meta, crítica da civilização, anticiência desordenada, antecipação da sociedade e do sujeito futuros, fala móvel, orgasmo (1982:200; 1970:263), história inconsciente, hermetismo estranho ao mundo, grito anormal para além do mediano e do medíocre, vastas emoções e pensamentos imperfeitos, impotência ameaçada pela mercadoria

que busca integrá-la, sonho, movimento imanente contra a sociedade, revolução em si mesma, instante em que o leitor se esquece e desaparece (1982:274; 1970:363), êxtase.

A arte é origem e meta, passado e futuro contra o presente, contra a angústia da posse que suprime o ser em devir, pré-história bárbara (o homem-animal) e fim da pré-história humana, fim da civilização e início da cultura, da existência estética e poética no espírito absoluto, no reino da liberdade, nos tempos livres. Por isso a arte é tão hostilizada pelo capital.

De Oswald a Platão, de Platão à sociologia do lazer (no caminho do campo que passa por Aristóteles, Epicuro, Virgílio, Montaigne, Bashô, Schiller, Hegel, Marx, Lafargue, Nietzsche, Spengler, Freud, Mann, Dadá, Breton, Éluard, Madeau, Gramsci, Keyserling, críticos oswaldianos — Bopp, Nunes, os irmãos Campos, Chalmers, Eulálio, Vieira, entre outros, se detiveram sobre o ócio e os tempos livres oswaldianos —, Bergson, Russell, Holanda, Huizinga, Auerbach, Friedmann, Faulkner, Galbraith, Lefebvre, Axelos, Lvaazedier, Roqueplo, 1968, Caillois, Clastres, Lövy, Sartre, Bloch, Benjamin, Horkheimer, Habermas, Marcuse, Adorno), o ócio, os tempos livres revelam-se uma utopia concreta, possibilidade realizável. Lembremos Marcuse:

"Talvez na atualidade seja menos falta de responsabilidade desenhar uma utopia bem fundada que difamar como utopia os estados e possibilidades que se converteram há muito tempo em possibilidades realizáveis." (Adorno e Dirks, 1971:570)

Segundo alguns, como seu amigo de ultramar Giuseppe Ungaretti,<sup>25</sup> Oswald inventou "tudo", até mesmo uma tese com fracasso de erudição e toda risível, A crise [Ungaretti, 1970:v]. Realmente, as ironias da Crise — a antropofagia, o ócio, o patriarcado — são, a princípio, risíveis. Mas, para além de "Realmente" — além do princípio de realidade cultuado pela psicanálise (segundo Adorno), além do superego patriarcal (segundo o "antropófago") —, está o princípio de prazer que desenha os frutos do futuro, a invenção e a imaginação.

O artista trabalha com a intuição: seus sonhos parecem, ao primeiro olhar, irrealizáveis. Mas o artista de verdade é antena, semáforo que antecipa o que a ciência ainda não demonstrou. A Crise é obra de artista (portanto, de utópico), não de cientista. Mas os sonhos do "ocioso" Oswald, que fluem para "a idéia solar de que a técnica leva ao Único", tornam-se realidade através da ciência, da sociologia do lazer (Dumazedier, Parker).

O artista vive na eternidade-infinidade, para além de tempo/espaco/causalidade. Em seu seio não há limites, ele fala o inefável e realiza o irrealizável. O cientista é limitado por espaco/tempo/causalidade (ao menos até à "grande arte" de Einstein), tem de provar a cada passo o que afirma. No entanto, ambos se completam: há uma dialética arte-ciência, utopia-(arte)-ciência. A ciência tem de provar o que a arte vê com olhos livres: um dia, talvez, todos mostrarão o que o poeta viu.<sup>26</sup>

"Enquanto a maior parte afirma que a Terra está colocada no centro, os itálicos, chamados pitagóricos, dizem o contrário: asseveram que o fogo ocupa o lugar central; a Terra, sendo um dos astros, move-se circularmente em torno do centro, produzindo

assim noite e dia. Constroem outra Terra, contraposta a esta, que chamam de antiterra",

assim falou o Cãu de Aristóteles sobre os poemas filosóficos dos pitagóricos de 500 a.C. [Bornheim, 1972:49]. Vinte séculos depois, cientistas tiveram de pagar com a vida ou com a mentira a afirmação do heliocentrismo, condenados pelo patriarcado messiânico. Hoje, falamos livremente de antiterra, matéria, antimatéria, amantimatéria: em tempos de crise da filosofia messiânica, tudo acontece velozmente, e talvez o "parricida" Oswald não tenha de esperar vinte séculos pela afirmação científica de seus poemas filosóficos. As utopias desejam uma ciência específica para sua pesquisa, uma disciplina da utopia cujos germens estariam em Andrade e no Ernst Bloch de Princípio esperança.

No coração das visões de uni-versos oswaldianas está a idéia solar de abolir a "economia" (o "trabalho" compulsório, o ter como razão de viver), a política (o Estado) e a família patriarcal: de transformar o homem civilizado em homem natural tecnizado: de dar um fim à civilização (onde predominam a economia coisificada, a política repressiva e a moral imoral) e iniciar finalmente a cultura (onde predominam a arte, a filosofia e a ciência, a fantasia, a invenção e o amor).

Campinas, junho 1993

## Notas

### I. A CIVILIZAÇÃO

1. Veja a significação das abreviaturas na bibliografia.

#### 1. Rumo à crise da filosofia messiânica

1. No "engagement", de 1962, Adorno combate sua própria afirmação: "Eu não procuraria desculpar a frase: escrever-se lírica depois de Auschwitz é bárbaro; aí está negativamente confessado o impulso que anima a poesia engajada" "a poesia precisa resistir a esse veredito" (1973:64; 1974:422s).

2. Sobre as relações entre antropofagismo e surrealismo, veja Benedito Nunes (1984).

3. Sobre a dialética entre local e universal, veja Antonio Candido (1967:129-160) e Antonio Gramsci (1975), onde também se encontra o conceito de intelectual orgânico.

4. Por exemplo, Manuela Carneiro da Cunha (1992).

5. Sobre as diferenças essenciais entre surrealismo e existencialismo, veja Sartre (1967, notas).

#### 2. A dimensão poética

1. James Joyce, Finnegans wake, 5.a impr., New York, Viking Press, 1947, p. 3s. Há tradução brasileira de alguns fragmentos: Augusto e Haroldo de Campos, Panorama do Finnegans wake,

2.a ed., São Paulo, Perspectiva, 1971.

2. Sobre as relações entre Ulisses e Miramar, veja Haroldo de Campos (MS xxiv-xxvii) e Homero Silveira (1985).

3. Gilvan P. Ribeiro, "O alegórico em Guimarães Rosa"; Carlos Nelson Coutinho e outros, Realismo & anti-realismo na literatura brasileira, Rio, Paz e Terra, 1974, p. 95-104.

4. Veja Rubens Rodrigues Torres Filho, "A virtus dormitiva de Kant" (1987).

5. Na fundamental entrevista a Günter Lorenz, onde desenvolve a sua poética (p. 346), afirma Guimarães Rosa: "Meus romances e ciclos de romances são na realidade contos nos quais se unem a ficção poética e a realidade." "As aventuras não têm tempo, não têm princípio nem fim." "Escrevendo, descubro sempre um novo pedaço de infinito. Vivo no infinito" "amo os grandes rios, pois são profundos como a alma do homem" e são eternos. "minha língua brasileira é a língua do homem de amanhã, depois de sua purificação." ["Purificar as palavras da tribo", lembremos Mallarmé.] "a linguagem corrente expressa apenas clichês e não idéias" "espero uma literatura tão ilógica como a minha, que transforme o cosmo num sertão no qual a única realidade seja o inacreditável." (Lorenz, 1973:326-351)

6. Em Fernando Pessoa (Alberto Caeiro) há um poema atítulo de dois versos:

"Pouco me importa.

Pouco me importa o quê? Não sei; pouco me importa."

Fernando Pessoa, Obra poética, Rio, Nova Aguilar, 1986, p. 242.

3. Do poema filosófico à filosofia poética

1. Haroldo de Campos, "Lirismo e participação" (1967a:79-85).

#### 4. Formas oswaldianas

1. "O surrealismo: o mais recente instantâneo da inteligência"; Benjamin e outros, 1975: 83-93; Benjamin, 1969:87-103. No surrealismo, isto não é como aquilo: isto é aquilo.

#### 5. Ser ou ter

1. Vide o vídeo de Washington Novaes, Xingu, Rio, Manchete, 1985, minuto 80.
2. Veja a carta de Rudá de Andrade em Candido (1970).
3. Ao contrário da epígrafe, a hipógrafe é a citação que encerra um texto.

## II. A CULTURA

#### 6. O eterno retorno da utopia

1. Veja a comparação entre Oswald e Bloch em Pierre Furter (1974:70ss, 108).
2. Veja Freud, "Escritores criativos e devaneio" (1970, IX: 149-162).
3. Veja também HC 187.
4. "o amor que move o sol e as estrelas", conclui Dante: Paradiso, Firenze, La Nuova Italia, 1970, p. 245. Veja Goethe em Geir Campos (org.), Poesia da Alemanha, ed. bilíngüe, Rio, Tecnoprint, 1966, p. 96s. Paradis de Sollers surgiu na revista Tel Quel, 1975 (compare-o com as Galáxias de Haroldo de Campos).

5. Charles Baudelaire, As flores do mal, 3.ª ed. bilingüe, trad. Ivan Junqueira, Rio, Nova Fronteira, 1985, p. 234ss.
6. Manuel Bandeira, Estrela da vida inteira, 16.ª ed., Rio, José Olympio, 1989, p. 117s.
7. "Evitaremos ter de repetir o que outros disseram antes de nós." Carta de Engels a Marx, 17 mar. 1845 (Marx e Engels, 1971, I:366).
8. Bandeira, cit. nota 6, p. 117.
9. Sobre as relações entre antropofagismo e realismo fantástico, veja Irlemar Chianpi (1986).
10. Gabriel García Márquez, El amor en los tiempos del cólera, La Habana, Casa de las Américas, 1986, p. 458ss.
11. "O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução Surrealista e ao bárbaro tecnizado de Keyserling. Caminhamos." (MA § 12) No mesmo manifesto, Oswald rejeita Rousseau e o romantismo indigenista; busca superá-los dialeticamente, como Marx procedeu em relação a suas três fontes. Sobre a situação de Oswald na marcha das utopias, um francês, descobridor da visão de mundo oswaldiana (ao lado de Vita e Nunes), assim se exprime: "Como compreender a permanência da utopia através da História e do espaço, dos profetas bíblicos a Platão, a Aristóteles, a Leibniz... até um Oswald de Andrade?" (Furter, 1974:151) A utopia representa a parte mais viva do ser humano, os sonhos que seu ser busca realizar.

### 7. O eterno retorno do tupi

1. Sobre a propaganda, veja Horkheimer e Adorno (1971).
2. "Afiml, uma imagem do mundo não é apenas uma forma de ver

e de conceber a realidade. É também um modo de viver, que nela se retrata." (Egon Schaden, 1977:12)

3. "Em certo estágio de desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes" "Uma organização social nunca desaparece antes que se desenvolvam todas as forças produtivas que ela é capaz de conter" (Segundo Marx, o socialismo é impossível em países atrasados como a Rússia czarista.) "a humanidade só levanta os problemas que é capaz de resolver" (O utópico tem de a se tornar tópico.) "As relações de produção burguesas são a última forma contraditória do processo de produção social" "Com esta organização social termina, assim, a pré-história da sociedade humana." "no limiar da ciência, como à entrada do inferno, esta obrigação se impõe:

Qui se convien lasciare ogni sospetto  
Ogni viltà convien che qui sia morta."

[ "Aqui convém deixar todo receio/ Todo medo convém que aqui termine." Entrada do Inferno na Divina comédia de Dante.]  
(Marx, 1973:29, 31)

Neste prefácio Marx mostra ser incorreta a versão de que A ideologia alemã, com seu projeto de abolição da divisão de trabalho, não se destinava à publicação: "O manuscrito, dois grandes volumes in-octavo, estava há muito no editor na Vestefália, quando soubemos que novas circunstâncias não permitiam já a sua impressão." (p. 30) Ao contrário de Oswald, Marx não dispunha de capital para editar suas próprias obras. "Em vez de escrever sobre o capital, por que não se dedica a ganhá-lo?", dizia a mãe ao pobre Marx. Permitir a todos os indivíduos as atividades

des intelectuais não era somente um sonho do jovem Marx em 1845. Trinta anos depois, escreve o velho Marx: "Numa fase superior da sociedade comunista, quando houver desaparecido a submissão escravizadora dos indivíduos à divisão de trabalho, e com ela, portanto, o antagonismo entre o trabalho intelectual e o trabalho manual"... (1973b:33) O projeto marxiano compreendia as três esferas sociais: a economia (fim da propriedade), a política (fim do Estado) e a cultura (fim da divisão entre trabalho físico e intelectual). E, no plano moral, a abolição da família patriarcal (Marx e Engels, 1968), o matriarcado oswaldiano.

4. "uma celerada liberdade de viver, a qual antes convém aos Epicuristas que aos Estóicos".

5. "É um estado de infância esse que acompanha o artista em toda a sua vida." "— É uma criança grande! — diziam tanto de Baudelaire como de Van Gogh." (EP 288)

6. Veja o final da "Introdução à crítica da economia política" de Marx (1973:238ss), onde ele lança mão do "inconsciente".

7. Foi Kant quem descobriu que tempo, espaço e causalidade não existem objetivamente, mas são projeções do sujeito (Kant, 1975). No bloco da Crise sobre Kant, Oswald afirma: "as suas antinomias abrem caminho para a dialética de Hegel." "Hegel introduz uma nova dimensão — o tempo. Pronuncia a Relatividade." (CFM 61a) Segundo a filosofia da história de Hegel, "a longura do tempo é algo muito relativo e o Espírito pertence à eternidade. Para ele, não existe comprimento." (1969:73) Compare o espírito hegeliano com o inconsciente atemporal freudiano. Na síntese de Bertrand Russell, "Muitos filósofos, e não sem boa dose de razão, consideram as doutrinas de Einstein base científica para a crença de Kant na subjetividade do tempo e do espaço."... "Assim se aproximavam a física e a

psicologia, demolindo-se o velho dualismo de espírito e matéria." (1966: 95, 115) Também os filósofos, os filósofos-poetas, os meta-físicos, como Hegel ("Metáfora, ironia e Erinnerung [a "Musa absoluta"] são as chaves para a Phänomenologie des Geistes [Penomenologia do espírito] de Hegel." Verene, 1985:120), são antenas, semáforos da sociedade, que constroem as físicas metafísicas, alegres ciências, como a relatividade. O anel do eterno retorno nietzscheano, por exemplo, contém o big-bang. Os sonhos, reflexões e utopias dos pré-socráticos vêm sendo confirmados pelas ciências. Da utopia à ciência, da ciência à utopia, incessantemente, eis a dialética da cultura.

8. Biblioteca internacional de obras célebres (a "Biblioteca verde" de Drummond), Lisboa, Sociedade Internacional, 1910?, v. 15, p. 7190s.

9. Há cerca de 4000 anos, dizia a "Sabedoria" egípcia de Ptah Hotep: "O mal conquista tesouros." Oswald data o patriarcado messiânico em 2500 anos, desde Sócrates.

### 8. No matriarcado de Pindorama

1. O próprio Oswald define a antropofagia no primeiro bloco da Crise. Veja Candido (1970:72 passim), Nunes (1979, 1984 e introdução a DP), Schwartz (1983:51, 89), Helena (1983, 1985), Batista (1972:417), Amaral (1975:253, 276), Augusto de Campos (introdução a RA), Haroldo de Campos (1981), Bopp (1977), Boaventura (1985). Diversos artigos sobre a antropofagia encontram-se no Acervo Oswald de Andrade do Cedaec, IEL, Unicamp.

2. Sobre a radicalidade, eis um "poema" do jovem Marx (herdeiro da "poesia" hegeliana): "A arma da crítica não pode, eviden

temente, substituir a crítica das armas. A força material deve ser dominada pela força material, mas a teoria transforma-se, ela também, em força material quando penetra nas massas. A teoria é capaz de penetrar nas massas desde que faça demonstrações ad hominem e faz demonstrações ad hominem quando se torna radical. Ser radical é agarrar as coisas pela raiz e a raiz para o homem é o próprio homem." Marx, "Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel", MEGA, I, p. 614. (Marx e Engels, 1974:16) Veja também Haroldo de Campos, "Uma poética da radicalidade" (PR 9). Aqui também o jovem Marx demonstra suas raízes anarquistas e propõe uma revolução cultural permanente, a síntese entre a teoria (as utopias) e as massas (os movimentos de massas), o que lhe permitiu estar presente na insurreição anarquista de 1868 em Paris, cem anos depois do Capital, através de marxianos heterodoxos como Marcuse e Sartre. Pena ele não ter persistido nessas raízes.

3. Henry Miller é escatológico como o Oswald de Serafim, do Teatro e do Santeiro do mangue, como o Joyce de Ulisses, rompendo tabus libertariamente. Sobre as relações Oswald/Miller, veja Haroldo de Campos, introdução a Serafim. Veja também o filme de Philip Kaufman, Henry & June (São Paulo, CIC Vídeo, 1990), onde o ser ético e esteticamente liberto triunfa sobre o ter.

## 9. A construção dialética do novo mundo

1. "O protesto dos jovens continuará porque é uma necessidade biológica. 'Por natureza', a juventude está na primeira linha dos que vivem e lutam por Eros contra a Morte e contra uma civilização que se esforça por encurtar o 'atalho para a morte'"

(Marcuse, 1968:23), Dois anos depois desse "Prefácio político", que é de 1966, explode a revolta estudantil em todo o mundo, revolta que não realizou a utopia concreta, mas gerou reformas no interior do sistema. A juventude representa a natureza contra uma civilização desnaturalizada e arcaica.

2. "Princípio de arte:

o canto de quem semeia  
os arrozais"

Haikai de Bashô; Muria Parés (org.), El haikû japonês, México, Oasis, 1966, p. 35.

3. João Paulo 2º em Folha de S. Paulo, 9 nov. 1992, p. 2.9.

4. "A acumulação capitalista que, numa época avançada como a nossa, é inexplicável" (CFM 82).

10. Tempos livres

1. "Letras": Folha de S. Paulo, 8 fev. 1992, p. 6.1. Fragmento do Diário confessional de Oswald, inédito em poder de Rudá de Andrade.

2. Platão, Leis, livro 7, frases 796-805. Esta passagem inspirou o Huizinga de Homo ludens (1980:22, 31, 234) e o Marcuse de "A idéia do progresso à luz da psicanálise" (Adorno e Dirks, 1971:569a).

3. "Passa da uma você deve estar na cama  
À noite a Via Láctea é um Oká de prata  
Não tenho pressa para que acordar-te  
com o relâmpago de mais um telegrama  
como se diz o caso está encerrado  
a canoa do amor se quebrou no quotidiano  
Estamos quites inútil e apanhado  
da mútua dor mútua quota de dano

Vê como tudo agora emudeceu  
 Que tributo de estrelas a noite impôs ao céu  
 em horas como esta eu me ergo e converso  
 com os séculos a história o universo"

(Vladímir Maiakóvski, Poemas, Rio, Tempo Brasileiro, 1967.)

Este poema, na tradução de Augusto de Campos, torna-se um dos mais belos textos de nossa língua. Aqui, Maiakóvski ensaia ser mais um suicidado pela sociedade, pelo socialismo real/realismo socialista de Stálin. Veja o poema "Homenagem", de Drummond, e o fascinante ensaio frankfurtiano de Alfredo Bosi, "Poesia resistência", em O ser e o tempo da poesia, 1983, 139-192. Herdeiros de Oswald, os irmãos Campos inventaram nova forma de traduzir, na dialética entre o literal (os tradutores brasileiros, em geral, têm a mania de fugir do literal, como da clássica "selva selvagem" de Dante) e a recriação. Suas traduções merecem pesquisas.

4. A dialética da natureza é um campo aberto para a polêmica. À Dialética da natureza de Engels, Sartre responde com a Crítica da razão dialética e sua introdução, Questão de método, em que a tese de Engels é devida ao positivismo e estranha a Marx. Veja também Sartre e outros, Marxismo e existencialismo (controvérsia sobre a dialética). Segundo Sartre, a dialética pertence ao pensamento e à história humana, é subjetiva como o tempo. Em Engels, ela é a forma objetiva de toda a natureza. A crítica da razão ideológica e dogmática de Sartre, contra o Marxismo soviético (Marcuse), é considerada a obra capital do século 20, ao lado do Eros e civilização marouseano (veja, de Luís Carlos Maciel, Sartre vida e obra, Rio, Paz e Terra, 1970, e "Marx e Freud se cruzaram na rua", caderno especial sobre

1968, Folha de S. Paulo, 2 maio 1993, p. 3. Mas como explicar os duplos onipresentes na natureza (próton-elétron, matéria-antimatéria, fêmea-macho, universo em expansão-retração etc.)? Serão esses duplos subjetivos como o tempo-espaco de Kant, Einstein e Freud? A dificuldade reside em que só podemos conhecer a natureza objetiva através de nossa consciência subjetiva, daí a dialética entre a coisa em si (a objetividade inacessível à subjetividade da consciência) e a coisa para si (a objetividade "ideológica", intermediada pela consciência do sujeito). Veja Kant (1975). "esta verdade objetiva do subjetivo objetivado deve ser considerada como a única verdade do subjetivo", escreve dialeticamente Sartre, em sua frase aparentemente mais complexa, na Crítica (1960:67n). O problema da objetividade poderia ser resolvido através do conhecer o conhecimento: conhecendo A (a objetividade subjetivada pela consciência) e B (o processo de conhecimento), poderíamos deduzir C (o objetivo, a coisa em si). O sujeito como objeto do próprio sujeito poderia nos levar ao objeto em si. No entanto, só podemos conhecer o processo de conhecimento subjetivamente, através da consciência subjetiva. Mas a reflexão sobre o conhecimento, a epistemologia, abre caminho para a reflexão sobre o ser em si, a ontologia.

5. Veja André Breton e Paul Éluard, Dictionnaire abrégé du surréalisme (Éluard, 1984, I:765).

6. Veja a leitura de Antonio Candido, "O portador", em Nietzsche, 1983:411-416, e a de Mário Ferreira Santos, "O homem que foi um campo de batalha", em Nietzsche, 1945:9-91.

7. Nietzsche segue sendo um campo aberto para polêmicas. Segundo Roberto Schwarz, seu assunto é o socialismo, e de fato o é em passagens como o § 34 do Crepúsculo dos ídolos, "Cris

tão e anarquista" (1983:339; veja também p. 231, 237, 282s, 341). Mas em Assim falou Zaratustra há um Nietzsche libertário e um grande poeta anarquista, inimigo do Estado.

8. O antidogmático Oswald não poupou críticas a seus mestres, como a Marx, Nietzsche, Freud e Sartre.

9. Na Europa, diariamente, em média passa-se 8h3m dormindo, 4h29m em trabalhos domésticos, 4h21m trabalhando, 3h4m assistindo TV, 2h42m lendo jornais e revistas/ouvindo rádio, 1h52m com amigos, 1h33m descansando, 1h4m em lazer, 58m cuidando do corpo, 40m em transporte para o trabalho. Pesquisa IP/World Media. Mauricio Stycer, "Pesquisa revela a 'intimidade' do europeu": Folha de S. Paulo, 8 nov. 1992, p. 3.6. A socialização desses tempos permitiria a cada indivíduo quatro horas de trabalho e vinte horas de liberdade, utopia concreta. Na Inglaterra, nos tempos de Marx, trabalhava-se quinze horas diárias, e as crianças doze horas (Russell, 1977:15; Marx, Capital; CFM 64ss). Hoje, na Grã-Bretanha, trabalha-se em média três horas diárias. Mas os tempos livres seguem sendo empregados passivamente.

10. "julgo ter resolvido um problema, até aqui insolúvel, da história da filosofia grega", escreve Marx no prefácio à sua tese de doutorado (1972b:123). Sua carreira universitária foi desestimulada, o que provavelmente mudou a história: para melhor ou para pior, não podemos saber. Mas as linhas originais de pesquisa devem ser estimuladas pela universidade.

11. Compare esta afirmação com o Benjamin de "O narrador" (1987, 1969).

12. Na Montanha mágica de Thomas Mann, que ao lado do Ulisses joyceano é o romance preferido de Oswald, "O Oriente abomina toda espécie de atividade. Lao-Tseu ensina que o ócio é mais proveitoso do que qualquer outra coisa existente entre o céu

e a terra. Se todos os homens cessassem de agir, haveria na terra a mais perfeita calma e felicidade." (Thomas Mann, A montanha mágica, Rio, Nova Fronteira, p. 419s) Se a Crise é forma de história da filosofia e religião ocidentais, cujo núcleo é a luta entre o ócio e o negócio — "No fundo de todas as religiões, como de todas as demagogias, está o ócio" (CFM 13) —, nas filosofias orientais o ócio, a meditação, constitui o fundo e a superfície. Mas o ócio oswaldiano é também ativo, o agir da fantasia, invenção e amor. Enquanto o princípio de Nirvana repousa, o princípio de prazer age. Oriente e ocidente negam o princípio de prazer, em nome de Nirvana (oriente) ou do princípio de realidade (ocidente). Thomas Mann conclui seu Schopenhauer, onde aborda o estado estético, com estas palavras: "Sempre, companheira do homem na jornada que, penosamente, o conduz a si mesmo, a arte atinge primeiro o objetivo." (1955:49) Em sua novela Tonio Kröger, o europeu decadente resgata a si mesmo através da arte.

13. Compare Oswald com a Natureza de Fernando Pessoa.

14. Kuusinen e outros, 1962:9.

15. Na edição brasileira está "eticamente", lapso que a Psicopatologia da vida cotidiana (Freud, 1987) explica. Lefebvre é o inspirador do método dialético sartreano:

"Lefebvre propõe 'um método muito simples' utilizando as técnicas auxiliares e comportando diversos momentos:

a) Descritivo. — Observação mas com um olhar informado pela experiência e por uma teoria geral...

b) Análítico-regressivo. Análise da realidade. Esforço para datá-la exatamente...

c) Histórico-genético... — Esforço para reencontrar o presente mas elucidado, compreendido, explicado. (HENRI LEFEBVRE: "Perspectives de sociologie rurale". Cahiers de sociologie,

1953.)" (Sartre, 1960:42n. Há edição brasileira da introdução: Questão de método, trad. Bento Prado Júnior, 2.a ed., São Paulo, Difusão Européia, 1967) Este método comporta dupla regressão e uma progressão: é o método progressivo-regressivo de Sartre, a dialética de análise e síntese.

16. "Meu canto de morte,

Guerreiros, ouvi:

Sou filho das selvas,

Nas selvas cresci;

Guerreiros, descendo

Da tribo tupi."...

As obras poéticas de Dias têm edição crítica de Manuel Bandeira. Compare esse tambor com as canções indígenas e com as epígrafes do bloco 7 (CC).

17. "Evoé Baco!", "Evoé Momo!", "Evoé Vênus!" Bandeira, Estrela da vida inteira, 16.a ed., Rio, José Olympio, 1989. Este talvez seja o primeiro poema "moderno" no Brasil, extaticamente, abrindo uma brecha na poesia "séria" reinante.

18. "Quem vos mandou inventar índios... Morus,

ilhas escritas, Morus, utopias,

Morus, revoluções, Morus, ó Morus?

Os índios se esconderam no homem branco,

nos seus assombros, ele se invadindo

de ocasionados índios, de outros índios."

no surrealismo de Jorge de Lima (Invenção de Orfeu, 1.31).

19. Veja Paulo Leminski e Olgária Matos em Os sentidos da paixão, Rio, Funarte/São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

20. Segundo Benedito Nunes na Passagem para o poético, de Heidegger "Marcuse extraiu as motivações filosóficas de sua tentativa de reformulação antropológica do marxismo." (Nunes,

1986:11) Ser e tempo heideggerianos repercutem em Sartre, Oswald e nos frankfurtianos.

21. Naturalmente, a caça também precisa ser abolida. A técnica humana desequilibrou o processo ecológico, gerando dialeticamente uma consciência naturalista, alarme de incêndio contra a destruição do planeta.

22. Charles Baudelaire, As flores do mal, 3.ª ed., bilíngüe, Rio, Nova Fronteira, 1985, p. 234-7.

23. João Guimarães Rosa "acredita na libertação do homem pelo aperfeiçoamento da consciência individual, não por meios políticos ou revoluções." Otoniel Santos Pereira, "Guimarães Rosa segundo terceiros": Realidade, jun. 1967, p. 60. Veja também a Desobediência civil de David Thoreau, que como Marx propõe a greve geral de impostos, a resistência passiva (dialeticamente ativa) de Gandhi, e Woodcock (1981).

24. Em Eros e civilização, "A transformação no sistema dominante de valores pode ser assim definida, de um modo probatório:

<u>de:</u>	<u>para:</u>
satisfação imediata	satisfação adiada
prazer	restrição do prazer
júbilo (atividade lúdica)	esforço (trabalho)
receptividade	produtividade
ausência de repressão	segurança

Freud descreveu essa mudança como a transformação do princípio de prazer em princípio de realidade." Michael Balint, em seu discurso sobre "Sexualidade e sociedade", define o momento em que aconteceu essa transformação: "a civilização começou com

a conservação dos alimentos", "desde que se opôs resistência à força de atração do objeto instintivo." (Adorno e Dirks, 1971:189) Uma vez realizada a riqueza social e a técnica, quando os fusos trabalham sozinhos, torna-se inútil e por resistência ao objeto instintivo, pode ocorrer nova transformação de valores (a "transformação radical de todos os valores" de Nietzsche), o retorno ao reino do princípio de prazer, a transformação da civilização repressiva em cultura natural. "O comportamento social sempre está dirigido por dois afãs. Um tende para a estabilidade e a segurança, enquanto que o outro se inclina para a aventura, a investigação do desconhecido e a atividade criadora." (Franz Alexander: Adorno e Dirks, 1971:406) Esses afãs são o princípio de realidade e de prazer. O patriarca e sua falsa ideologia (toda ideologia é falsa: veja Mannheim) tendem para a "realidade", enquanto o intelectual orgânico da utopia, o artista, o filósofo e o cientista — a cultura, enfim — tendem ao prazer. Na cultura, que abole a civilização repressiva, dominam a aventura, a investigação do desconhecido e a criação, a fantasia, a invenção e o amor, o princípio de prazer.

25. Autor do belíssimo e oswaldiano poema minimalista

matina

m'illumino

d'imenso

(manhã/me luzo/de imenso). No minimalismo oswaldiano, "amor// humor" (PC 157), "crônica//Era uma vez/O mundo" (PC 171): o antropófago devora o mundo como o Apollinaire que "beberei ainda/se quiser/o universo."

26. "Ver, é compreender, julgar, transformar, imaginar, esquecer ou se esquecer, ser ou desaparecer." (Éluard, 1984, I:918)  
Há um "instante em que o receptor se esquece e desaparece na obra: instante de profunda emoção." (Adorno, 1982:274; 1970:363)  
Em Jean-Paul Sartre (1960), compreender um texto é transformar-se, ir além de si mesmo. Em Adorno ("Engagement"), as obras-primas são aquelas que nos transformam, como as obras de Kafka e Beckett (ou de Oswald e Rosa). Sobre as relações arte-revolução-eternidade/ciência-reforma-presente, veja Mariátegui (1968).

## BIBLIOGRAFIA

Abreviaturas: OA: Oswald de Andrade

Rio: Rio de Janeiro, capital do Estado homônimo

SP: São Paulo, capital do Estado homônimo

Acervo Oswald de Andrade, Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (Cedae), Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

ADAMS, Hazard, 1971, org., Critical theory since Plato, New York, Harcourt Brace Jovanovich

ADORNO, Theodor, 1962a, Notas de literatura, Barcelona, Ariel

— 1962b, Prismas, Barcelona, Ariel

— 1970, Ästhetische Theorie, Frankfurt, Suhrkamp

— 1973, Notas de literatura, Rio, Tempo Brasileiro

— 1974, Noten zur Literatur, Frankfurt, Suhrkamp

— 1977, Prismen, Frankfurt, Suhrkamp

— 1982, Teoria estética, Lisboa, eds. 70

ADORNO, Theodor, e DIRKS, Walter, 1971, orgs., Freud en la actualidad, Barcelona, Barral

AMARAL, Aracy, 1975, Tarsila: sua obra e seu tempo, SP, Perspectiva/Edusp

ANDRADE, Mário de, 1982, A lição do amigo, Rio, José Olympio

ANDRADE, Oswald de, 1972-78, Obras completas, 10 v., Rio, Civilização Brasileira

— 1990-92, Obras completas, 21 v., SP, Globo

— Inéditos, Cedae, IEL, Unicamp, Campinas

AA: "Um aspecto antropofágico da cultura brasileira: o homem cordial" (1950): DP 139-144

- AI: "A arcádia e a inconfidência" (1945): DP 31-74
- AL: Alma (1922): CO 1-104 (CO 1)
- AN: "O antropófago" (1952): Cdae, pasta 69 (também em EP 233-284)
- AP: "Anotações poéticas" (1929): SM 103-114
- CC: "Cântico dos cânticos para flauta e violão" (1942): PR 181-193
- CFM: A crise da filosofia messiânica (1950), SP, autor, 1950
- CH: Chão (1944), 2.a ed., Rio, Civilização Brasileira, 1978(MZ 2)
- CO: Os condenados (1922-34), 3.a ed., Rio, Civilização Brasileira, 1978 (1: AL; 2: EA; 3:ES)
- DB: Dicionário de bolso (1932-50), SP, Globo/SEC, 1990
- DC: "Diário confessional", inédito com Rudá de Andrade
- DD: Os dentes do dragão (1924-55), SP, Globo/SEC, 1990 (entrevista)
- DP: Do pau-brasil à antropofagia e às utopias, Rio, Civilização Brasileira/MEC, 1972 (= UA)
- EA: A estrela de absinto (1927): CO 105-120(CO 2)
- EO: "O escaravelho de ouro" (1946): PR 195-203
- EP: Estética e política (1915-54), SP, Globo, 1992
- ES: A escada (1934): CO 221-287 (CO 3)
- HC: O homem e o cavalo (1934): TE 123-231
- HSP: Um homem sem profissão (1954), 3.a ed., Rio, Civilização Brasileira, 1976
- LC: "Livro de convalescença" (1954), Cdae, pasta 65, inédito
- MD: A morte (1937): TE 5-56
- MA: "Manifesto antropófago" (1928): RA nº 1, DP 11-20
- MPB: "Manifesto da poesia pau-brasil" (1924): DP 3-10
- MS: Memórias sentimentais de João Miramar (1924), 5.a ed., Rio, Civilização Brasileira, 1975, p. 1-98 (contém SPG)
- MT: "Neu testamento" (1944): DP 21-30
- MU: A marcha das utopias (1953): DP 145-228
- MZ: Março zero (1943-44): 1: RM; 2: CH

- PB: Pau-Brasil (1924-25): PR 65-152
- PC: Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade (1927): PR 153-174
- PCAM: O perfeito cozinheiro das almas deste mundo (obra coletiva, 1918), SP, Globo, 1992
- PL: Ponta de Lança (1943-44), 3.a ed., Rio, Civilização Brasileira, 1972
- PM: "Poemas menores" (1925-44): PR 175-180
- PR: Poesias reunidas O. Andrade (1924-46), 4.a ed., Rio, Civilização Brasileira, 1974
- RA: Revista de antropofagia (obra coletiva, 1928-29), SP, Metal Leve, 1976
- RM: A revolução melancólica (1943), 2.a ed., Rio, Civilização Brasileira, 1978 (MZ 1)
- RV: O rei da vela (1933-37): TE 57-121
- SPG: Serafim Ponte Grande (1929-33), 4.a ed., Rio, Civilização Brasileira, 1975, p. 129-264 (contém MS)
- SM: O santeiro do mangue e outros poemas (1929-50), São Paulo, Globo/SEC, 1991 (contém SM, CC, EO, PM, AP)
- TE: Teatro (1933-37), 3.a ed., Rio, Civilização Brasileira, 1978 (contém MO, RV, HC; não contém a quarta "peça" de OA, que seria o poema SM)
- TEL: Telefonema (1909-54), 2.a ed., Rio, Civilização Brasileira, 1976 (jornalismo)
- UA: A utopia antropofágica, SP, Globo, 1990 (= DP)
- (As obras de Oswald contém fundamental fortuna crítica, não mencionada nesta bibliografia por economia de espaço)
- ANTUNES, Benedito, 1983, A antropofagia de OA, dissertação de mestrado, IEL, Unioamp, Campinas
- ARANTES, Paulo, Sentimento de dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido

- e Roberto Schwarz, Rio, Paz e Terra, 1992
- ARISTÓTELES, 1960, A política, 6.a ed., SP, Atena
- 1966, Poética, Porto Alegre, Globo
- AUERBACH, Erich, 1976, Mimesis, SP, Perspectiva
- AXELOS, Kostas, 1969, Marx penseur de la technique, 3.a ed., Paris, Minuit
- BACHOFEN, Johann Jakob, El matriarcado, Madrid, Akal, 1987
- BAKHTIN, Mikhail, 1971, La cultura popular en la edad media y renacimiento, Barcelona, Barral
- 1981, Problemas da poética de Dostoiévski, Rio, Forense
- BANDEIRA, Manuel, 1958, Poesia e prosa, Rio, Aguilar
- BASTIDE, Roger, 1947, Poetas do Brasil, Curitiba, Guafra
- BASTOS, Oliveira, 1971, "OA e a antropofagia", Suplemento Literário do Minas Gerais, 16 jun.
- BATISTA, Marta Rossetti e outros, 1973, orgs., Brasil: 1º tempo modernista - 1917/29 - documentação, SP, IEB-USP
- BEAUVOIR, Simone de, 1986, Le deuxième sexe, 2 v., Paris, Gallimard
- BEER, Max, 1979, História do socialismo e das lutas sociais, Lisboa, Centro do Livro Brasileiro (ed. br.: Rio, Calvino, 1944)
- BENJAMIN, Walter, 1969, Über Literatur, Frankfurt, Suhrkamp
- Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit, Frankfurt, Suhrkamp, 1977
- 1979, Correspondance, v. 2, Paris, Aubier
- 1974, Charles Baudelaire, Frankfurt, Suhrkamp
- 1982, Charles Baudelaire, Paris, Payot
- 1985, Sociologia, SP, Ática
- 1986, Documentos de cultura, documentos de barbárie, SP, Cultrix/Edusp
- 1987, Magia e técnica, arte e política, 3.a ed., SP, Bra-

siliense

BENJAMIN, Walter, e outros, 1975, Textos escolhidos, SP, Abril

BERGSON, Henri, 1975, Le rire, 333.<sup>a</sup> ed., Paris, PUF

BLOCH, Ernst, El principio esperanza, 3 v., Madrid, Aguilar, 1979-80

BOAVENTURA, Maria Eugênia, 1983, "Oa, a luta da posse contra a propriedade": Roberto Schwarz, org., Os pobres na literatura brasileira, SP, Brasiliense, p. 129-135

— 1985, A vanguarda antropofágica, SP, Ática

BOPP, Raul, 1977, Vida e morte da antropofagia, Rio, Civilização Brasileira/Brasília, INL

BORNHEIM, Gerd, 1972, org., Os filósofos pré-socráticos, 2.<sup>a</sup> ed., SP, Cultrix

BOSI, Alfredo, 1983, O ser e o tempo da poesia, SP, Cultrix

BOWRA, C. Maurice, 1966, Chant et poésie des peuples primitifs, Paris, Payot

BRECHT, Bertolt, 1964, Schriften zum Theater, 7 v., Frankfurt, Suhrkamp

— 1977a, Schriften zur Literatur und Kunst, v. 2, Frankfurt, Suhrkamp

— 1977b, Les arts et la révolution, Paris, L'Arche

BRETON, André, Manifestes du surréalisme, Paris, Gallimard, 1977

BRITO, Mário da Silva, 1964, Antecedentes da semana de arte moderna, 2.<sup>a</sup> ed., Rio, Civilização Brasileira

— 1972, As metamorfoses de Oá, SP, CEC

BURNHAM, James, 1941, The managerial revolution, New York, John Day

CAMPANELLA, Tomaso, 1960, A cidade do sol, 5.<sup>a</sup> ed., SP, Atena

CAMPOS, Haroldo de, 1967a, Metalinguagem, Petrópolis, Vozes

- 1967b, OA: trechos escolhidos, Rio, Agir
- 1970, A arte no horizonte do provável, SP, Perspectiva
- 1981, "Da razão antropofágica": Colóquio/Letras, nº 62, Lisboa, jul., p. 10-15
- CANDIDO, Antonio, 1967, Literatura e sociedade, 2.a ed., SP, Nacional
- Vários escritos, SP, Duas Cidades, 1970
- 1971, Formação da literatura brasileira, 2 v., 4.a ed., SP, Martins
- CANDIDO, Antonio, e CASTELO, J. Aderaldo, 1975, Presença da literatura brasileira, 3 v., SP, Difel
- CARPEAUX, Otto Maria, História da literatura ocidental, 9 v., Rio, O Cruzeiro, 1959-66
- 1970, "Dialéctica de la literatura brasileña": Jean-Claude Bernardet e outros, Brasil hoy, 2.a ed., México, Siglo Veintiuno
- CASTRO, Eduardo Viveiros de, 1986, Araveté: os deuses canibais, Rio, Jorge Zahar/ANPOCS
- CHALMERS, Vera, 1976, Três linhas e quatro verdades: o jornalismo de OA, SP, Duas Cidades/SCCTESP
- 1984, "Um texto jornalístico sem papas na língua": Ilustrada, Folha de S. Paulo, 20 out.
- CHIAMPI, Irlemar, 1986, "La antropofagia y lo real maravilloso: el diálogo americanista entre OA y Alejo Carpentier": Plural, v. 16, nº 183, México, dez.
- CLASTRES, Hélène, 1978, Terra sem mal: o profetismo tupi-guarani, SP, Brasiliense
- COHN-BENDIT, Daniel, e outros, 1969, La rebelión estudiantil, México, Era
- CORRÊA, José Celso Martinez, O rei da vela, SP, Escrita, 1984
- COWLEY, Malcolm, <sup>1968 orig.</sup> Escritores em ação, Paz e Terra (reed.)

Os escritores, SP, Cia. das Letras)

CRESPO, Ángel, "Introducción breve a OA": Revista de Cultura Brasileña, v. 7, nº 26, set. 1968, p. 189-223

CROCE, Benedetto, 1967, A poesia, UFRGS, 1967

CROUZET, Maurice, 1955ss, org., História geral das civilizações,<sup>17</sup> SP, Difusão Européia

CUNHA, Manuela Carneiro da, 1992, org., História dos índios no Brasil, SP, Companhia das Letras/SKC/FAPESP

DANTAS, Vinicius, "OA e a poesia": Novos Estudos CEBRAP, nº

30, SP, jul. 1991, p. 191-203

DEJOURS, Chy 1987, A loucura do trabalho, SP, Oboré  
DUMAZEDIER, Joffre, Vers une civilisation du loisir?, Paris, Seuil, 1972

ECO, Umberto, Como se faz uma tese, 2.a ed., SP, Perspectiva, 1985

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes, 1989, Oswald: itinerário de um homem sem profissão, Campinas, Unicamp

ÉLUARD, Paul, 1934, Oeuvres complètes, 2 v., Paris, Gallimard

ENGELS, Friedrich, 1945, Anti-Dühring, São Paulo, Calvino

— 1972, Del socialismo utópico al socialismo científico,

Buenos Aires, Anteo

— 1981, A origem da família, da propriedade e do Estado, 7.a ed., Rio, Civilização Brasileira

EPICURO, 1983, Opere, 2.a ed., Torino, UTET

EULÁLIO, Alexandre, 1979, "Caniboswáld": Jornal da República, 4 out.

FABRIS, Annateresa, 1991, "OA e o 'futurismo paulista'": Ar-téria, ano 2, nº 2, Santos, jan., p. 42-45

PAVARETTO, Celso, Tropicoália: alegoria, alegria, dissertação de mestrado em Filosofia, PFLCH, USP, SP, 1978

FEHÉR, Ferenc, O romance está morrendo?, Rio, Paz e Terra, 1972

- FINKELSTEIN, Sidney, 1969, Existencialismo e alienação na literatura norte-americana, Rio, Paz e Terra
- PONSECA, Maria Augusta, 1979, Palhaço da burguesia, SP, Polis  
 — 1982, OA: o homem que come, 2.a ed., SP, Brasiliense  
 — 1990, OA: biografia, SP, Art/SEC
- FRANCO, Afonso Arinos de Melo, 1976, O índio brasileiro e a revolução francesa, 2.a ed., Rio, José Olympio/Brasília, INL
- FRANK, Nino, 1928, "Mallets et valises SP-Paris - OA"; Les nouvelles littéraires, Paris, 14 jul.
- FRAZER, James Georges, 1979, O ramo de ouro, SP, Melhoramentos
- FREUD, Sigmund, 1923, Introduction à la psychanalyse, Paris, Payot  
 — 1928, Le rêve et son interpretation, 11.a ed., Paris, Gallimard  
 — 1970-77, Obras psicológicas completas, 24 v., Rio, Imago  
 — 1986, A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, Rio, Imago  
 — 1987, Sobre a psicopatologia da vida cotidiana, 2.a ed., Rio, Imago
- FREUD, Sigmund, e ANDREAS-SALOMÉ, Lou, 1981, Correspondencia, 3.a ed., México, Siglo Veintiuno
- FRIEDMANN, Georges, 1968, O futuro do trabalho humano, Lisboa, Moraes
- FRIEDRICH, Hugo, 1978, Estrutura da lírica moderna, SP, Duas Cidades
- FROMM, Erich, 1976, The forgotten language, New York, Holt
- FURTER, Pierre, 1966, "Da utopia à revolução": Revista Civilização Brasileira, nº 7, Rio, p. 315-335  
 — 1974, A dialética da esperança: uma interpretação do pensamento utópico de Ernst Bloch, Rio, Paz e Terra
- GALBRAITH, John Kenneth, 1971, The affluent society, 2.a ed.,

Bungay, Penguin

GALVÃO, Walmir Nogueira, 1979, "Indianismo revisitado"; Cadernos de Opinião, nº 13, ago.-set., p. 36-43

GEORGE, David, 1985, Teatro e antropofagia, SP, Global

GRAMSCI, Antonio, 1975, Quaderni del carcere, 4 v., Torino, Einaudi

HABERMAS, Jürgen, 1987, Técnica e ciência como ideologia, Lisboa, eds. 70

HABERMAS, Jürgen, e outros, 1980, Conversaciones con Herbert Marcuse, Barcelona, Gedisa

HEGEL, Georg, 1936, Enciclopédia das ciências filosóficas, 3 v., Rio, Atena

— 1969, Textos dialéticos, Rio, Zahar

— 1972-80, Estética, v. 1 e 7, Lisboa, Guimarães

HEIDEGGER, Martin, 1969a, Que é metafísica?, SP, Duas Cidades

— 1969b, Sobre o problema do ser/O caminho do campo, SP, Duas Cidades

— 1969c, Introdução à metafísica, 2.a ed., Rio, Tempo Brasileiro

HELENA, Lúcia, 1983, Uma literatura antropofágica, 2.a ed., Fortaleza, UFC

— 1985, Tótems e tabus da modernidade brasileira: símbolo e alegoria na obra de OÁ, Rio, Tempo Brasileiro/Niterói, UFF

HOLANDA, Sérgio Buarque de, 1926, "O lado oposto e outros lados": Revista do Brasil, 15 out., p. 9s

— 1969, Visão do paraíso, 2.a ed., SP, Nacional

— 1983, Raízes do Brasil, 16.a ed., Rio, José Olympio

HOLANDA, Sérgio Buarque de, e FAUSTO, Boris, 1960-84, orgs., História geral da civilização brasileira, 11 v., SP, Difel

HORKHEIMER, Max, e ADORNO, Theodor, 1971, Dialéctica del iluminismo, Buenos Aires, SUR

- HUGNET, Georges, 1971, L'aventure dada, Paris, Seghers
- HUIZINGA, Johan, 1980, Homo ludens, 2.a ed., SP, Perspectiva
- JACKSON, Kenneth, 1978, A prosa vanguardista na literatura brasileira: OA, SP, Perspectiva
- JASPERS, Karl, 1973, Filosofia da existência, Rio, Imago
- KANT, Immanuel, 1946, Critique du jugement, Paris, Vrin  
 — 1975, Critique de la raison pure, 8.a ed., Paris, PUF
- KEYSERLING, Hermann, 1927, Le monde qui naît, Paris, Stock
- KROPÓTKIN, Piotr, 1946, Em torno de uma vida, Rio, José Olympio
- KUUCINEN, O. V., e outros, 1962, Fundamentos do marxismo-leninismo, Rio, Vitória
- LAFARGUE, Paul, 1980, O direito à preguiça, SP, Kairós
- LALANDE, André, 1968, Vocabulaire technique et critique de la philosophie, 10.a ed., Paris, PUF
- LEFEBVRE, Henri, 1969, Introdução à modernidade: prelúdios, Rio, Paz e Terra (ed. fr. Minuit, 1962)
- LEITE NETO, Alcino, e GONÇALVES, Marcos Augusto, "Andrade x Andrade": Mais, Folha de S. Paulo, 16 fev. 1992
- LÊNIN, Vladímir, Obras escogidas, 4 v., Buenos Aires, Problemas, 1946
- LIMA, Luís Costa, 1972, "OA": Leodegário de Azevedo Filho, org., Poetas do modernismo, Brasília, INL/MBC, v. 1, p. 21-97
- LORENZ, Günter, 1973, Diálogo com a América Latina, SP, EPU
- LOWY, Michel, 1990, Romantismo e messianismo, SP, Perspectiva/Edusp
- LUKÁCS, Georg, 1969, Historia y conciencia de clase, México, Grijalbo
- MAGALHÃES, Couto de, 1935, O selvagem, 3.a ed., SP, Nacional
- MAIAKÓVSKI, Vladímir, 1980, Poética/Como fazer versos, SP, Global
- MANN, Thomas, 1955, org., Schopenhauer, SP, Martins
- MANNHEIM, Karl, 1972, Ideologia e utopia, 2.a ed., Rio, Zahar
- MARCUSE, Herbert, 1968, Eros e civilização, Rio, Zahar

- 1969a, O fim da utopia, Rio, Paz e Terra
- 1969b, Ideologia da sociedade industrial, 3.a ed., Rio, Zahar
- 1970, Cultura y sociedad, Buenos Aires, SUR
- 1979, La dimension esthétique, Paris, Seuil
- MARIÁTEGUI, José Carlos, 7 ensayos de interpretación de la realidad peruana, 13.a ed., Lima, Amauta, 1968
- MARTINS, Heitor, 1973, OA e outros, SP, CEC
- MARX, Karl, 1945, El capital, 5 v., México, Fuente Cultural
- [1970], Miséria da filosofia, SP, Exposição
- 1971, Die Frühschriften, Stuttgart, Kröner
- 1972, Los fundamentos de la crítica de la economía política, 2 v., Madrid, Comunicación
- 1972b, As filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro, Lisboa, Presença
- 1973, Contribuição para a crítica da economia política, 2.a ed., Lisboa, Estampa
- 1974, Teorías sobre la plusvalía, 3 v., Buenos Aires, Cartago
- 1973b, Crítica del programa de Gotha, Buenos Aires, Anteo
- 1974b, Manuscritos: economía y filosofía, 5.a ed., Madrid, Alianza
- 1974c, O 18 brumário/Cartas a Kugelmann, 2.a ed., Rio, Paz e Terra
- MARX, Karl, e ENGELS, Friedrich, [1968], Manifesto do partido comunista, SP, Escriba
- — 1970, La ideología alemana, 3.a ed., Montevideo, Pueblos Unidos/Barcelona, Grijalbo
- — 1971-74, Correspondance, 4 v., Paris, Sociales
- — 1974, Sobre literatura e arte, 2.a ed., Lisboa, Estampa
- MOISÉS, Massaud, 1988, Dicionário de termos literários, 5.a ed., SP, Cultrix

- MONDOLFO, Rodolfo, 1967-71, O pensamento antigo, 2 v., 3.a ed., SP, Mestre Jou
- MONTAIGNE, Michel de, 1935, Essais, v. 1, Paris, Lutetia
- MORAES NETO, Prudente de, 1985, "Literatura de idéias": Georgina Koifman, org., Literatura de idéias, Rio, Nova Fronteira
- MORGAN, Lewis, 1973-78, A sociedade primitiva, 2 v., Lisboa, Presença
- MORSE, Richard, 1986, "William Carlos Williams and OA": Latin American Literary Review, Pittsburgh, v. 14, nº 27, jan.-jun., p. 175-183
- NOTA FILHO, Candido, Contagem regressiva, Rio, José Olympio, 1972, p. 222-227
- NADEAU, Maurice, 1970, Histoire du surréalisme, Paris, Seuil
- NIETZSCHE, Friedrich, 1945, Vontade de potência, Porto Alegre, Globo
- 1974, El libro del filósofo, Madrid, Taurus
- 1976, A gaia ciência, SP, Difel
- 1977, Assim falava Zaratustra, SP, Remus
- 1982-84, Oeuvres philosophiques complètes, v. 8 e 10, Paris, Gallimard
- 1983, Obras incompletas, 3.a ed., SP, Abril
- 1984, A origem da tragédia, SP, Moraes
- 1987, Assim falou Zaratustra, SP, Círculo
- MUNES, Benedito, 1971, "Apollinaire, Cendrars e Oswald": Suplemento literário de O Estado de S. Paulo, 7-14 fev.
- 1971b, "Ponta de lança": Suplemento literário de O Estado de S. Paulo, 21 nov., p. 1
- Oswald canibal, SP, Perspectiva, 1979
- 1984, "Anthropophagisme et surréalisme": Luís de Moura Sobral, org., Surréalisme périphérique, Université de Montreal, p. 159-192

- 1986, Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger, SP, Ática
- PARKER, Stanley, 1978, A sociologia do lazer, Rio, Zahar
- PERRONE-MOISÉS, Leyla, 1976, "La 'Revue d'Anthropophagie' et le modernisme brésilien": La quinzaine littéraire, Paris, 1 jun.
- "Un grand écrivain joyeux": La quinzaine littéraire, Paris, 16 jul. 1982
- PETITFILS, Jean-Christian, 1981, Os socialismos utópicos, SP, Círculo
- PICCHIO, Luciana Stegagno, 1981, "Antropofagia: dalla letteratura al mito e dal mito alla letteratura": Letteratura d'America, ano 2, nº 8, p. 5-43
- PIGNATARI, Décio, "Marco zero de Andrade": Contracomunicação, SP, Perspectiva, 1971
- PIZARRO, Ana, e ROUSSOTTO, Margara, 1982, "Les discours anthropophages de l'avant-garde latino-américaine": Lendemain, nº 27, Köln
- PLATO, 1962, A república, 8.a ed., SP, Atena
- POUND, Ezra, 1970, ABC da literatura, SP, Cultrix
- Primeiras letras, Rio, 1923
- PROUDHON, Pierre Joseph, 1967, Oeuvres choisies, Paris, Gallimard
- PUTNAM, Samuel, 1971, Marvelous journey, New York, Octagon
- REI, Marcos, "Um antropófago de cadillac": Versus, SP, out. 1976, p. 19s
- REINACH, Salomon, 1909, Orpheus, 6.a ed., Paris, Picard
- Remate de males, nº 6, IEL, Unicamp, 1986
- RICOEUR, Paul, La métaphore vive, Paris, Seuil, 1975
- RODRIGUES, Edgar, 1969, Socialismo e sindicalismo no Brasil, Rio, Laemmert
- RODRÍGUEZ MONEGAL, Emir, 1979, "Carnaval/antropofagia/parodia":

- Revista Iberoamericana, nº 108s, jul.-dez., p. 401-412
- ROQUEPLO, Philippe, 1983, Penser la technique: pour une démocratie concrete, Paris, Seuil
- ROUSSEAU, Jean-Jacques, 1969-76, Oeuvres complètes, 4v., Paris, Gallimard
- RÜHLE, Jürgen, 1969, Literature and revolution, New York, Frederick Praeger
- RUSSELL, Bertrand, 1966, Ensaio céticos, Rio, Delta
- 1976, O impacto da ciência na sociedade, Rio, Zahar
- 1977, Elogio do lazer, Rio, Zahar
- SARAIVA, Arnaldo, "A 'divisão' dos Andrades": Colóquio/Letras, nº 5, Lisboa, jan. 1972
- SARTRE, Jean-Paul, 1960, Critique de la raison dialectique, Paris, Gallimard
- 1964, As palavras, SP, Difusão Européia
- 1967, Qu'est-ce que la littérature?, Paris, Gallimard
- 1976, El ser y la nada, 4.ª ed., Buenos Aires, Losada
- 1980, Testamento, Porto Alegre, L&PM
- SARTRE, Jean-Paul, e outros, 1966, Marxismo e existencialismo: controvérsia sobre a dialética, Rio, Tempo Brasileiro
- SCHADEN, Egon, 1977, "O índio e sua imagem do mundo": Suplemento cultural de O Estado de S. Paulo, 10 abr., p. 10ss
- SCHILLER, Friedrich, 1963, Cartas sobre a educação estética da humanidade, SP, Herder
- SCHWARTZ, Jorge, 1980, org., OA, SP, Abril, 1980
- 1983, Vanguarda e cosmopolitismo na década de 20: Oliverio Girondo e OA, SP, Perspectiva
- SCHWARZ, Roberto, 1987, Que horas são?, SP, Companhia das Letras
- SILVEIRA, Homero, 1985, "Oswald, Joyce & companhia": Convívium, ano 24, v. 28, nº 3, SP, maio, p. 265-271
- SPENGLER, 1941, O homem e a técnica, Porto Alegre, Meridiano

- 1952, La decadencia de occidente, 2 v., Buenos Aires, Espasa-Calpe
- TELES, Gilberto Mendonça, 1977, Vanguarda européia e modernismo brasileiro, 4.a ed., Petrópolis, Vozes
- TORRES FILHO, Rubens Rodrigues, 1987, Ensaio de filosofia ilustrada, SP, Brasiliense
- TOURAINÉ, Alain, 1971, La sociedad post-industrial, 2.a ed., Barcelona, Ariel
- TZARA, Tristan, Sept manifestes dada/Lampisteries, Paris, Pauvert, 1963
- UNGARETTI, Giuseppe, 1970, "Prefazione": OA, Memorie sentimentali di Giovanni Miramare, Milano, Feltrinelli
- VERENE, Donald Phillip, Hegel's recollection, Albany, State University of New York, 1985
- VIEIRA, Amir José Mirim, "O comunismo tribal de OA": Caderno de Sábado, Jornal da Tarde, 13 jan. 1990
- VITA, Luís Washington, 1956, "Tentativa de compreensão do legado especulativo de OA": Revista Brasileira de Filosofia, v. 6, fasc. 4, nº 24, out.-dez., p. 544-554
- WEBER, Alfred, 1948, Historia de la cultura, México, Fondo de Cultura Económica
- WETTER, Gustav, 1968, Filosofía y ciencia en la Unión Soviética, Madrid, Guadarrama
- WITTGENSTEIN, Ludwig, 1968, Tractatus logico-philosophicus, SP, Nacional
- WOODCOCK, George, 1981, org., Os grandes escritos anarquistas, Porto Alegre, L&PM
- XENOPONTE, Banquet/Apologie de Socrate, Paris, Les Belles Lettres, 1961